



**PROGRAMA DE MESTRADO EM GESTÃO E PRÁTICAS  
EDUCACIONAIS  
(PROGEPE)**

**RETRATOS SOCIOLÓGICOS DE CINCO  
MULHERES – DA EDUCAÇÃO BÁSICA AO  
MESTRADO**

**PATRÍCIA ANGÉLICA FERREIRA**

**SÃO PAULO**

**2020**

**UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO**  
**PROGRAMA DE MESTRADO EM GESTÃO E PRÁTICAS**  
**EDUCACIONAIS**  
**(PROGEPE)**

**RETRATOS SOCIOLÓGICOS DE CINCO**  
**MULHERES – DA EDUCAÇÃO BÁSICA AO**  
**MESTRADO**

**PATRÍCIA ANGÉLICA FERREIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE) da Universidade Nove de Julho (Uninove) como requisito para obtenção de Título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Rosiley Aparecida Teixeira

**SÃO PAULO**  
**2020**

Ferreira, Patrícia Angélica.

Retratos sociológicos de cinco mulheres - da educação básica ao mestrado. / Patrícia Angélica Ferreira. 2020

133 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2020.

Orientador (a): Prof. Dr. Rosiley Aparecida Teixeira.

1. Professora. 2. Retrato sociológico. 3. Mestrado profissional. 4. Trajetória de vida. 5. Capital Cultural.

1. Teixeira, Rosiley Aparecida. II. Título.

CDU 372

## **PATRÍCIA ANGÉLICA FERREIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE) na Universidade Nove de Julho – UNINOVE como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Educação, pela Banca Examinadora, formada por:

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Presidente: Profa. Dra. Rosiley Ap. Teixeira – UNINOVE

---

Membro Titular: Profa. Dra. Ana Paula Ferreira da Silva – PUC/SP

---

Membro Titular: Profa. Dra. Patrícia Aparecida Bioto-Cavalcanti - UNINOVE

---

Membro Suplente: Prof. Dr. Marcos Vinicius Francisco – UNIOESTE

---

Membro Suplente: Profa. Dra. Adriana Aparecida de Lima Terçariol - UNINOVE

SÃO PAULO

2020

“Quem costuma vir de onde eu sou  
Às vezes não tem motivos pra seguir  
Então levanta e anda, vai, levanta e anda  
Vai, levanta e anda  
Mas eu sei que vai, que o sonho te traz  
Coisas que te faz prosseguir  
Vai, levanta e anda, vai, levanta e anda  
Vai, levanta e anda, vai, levanta e anda  
Irmão, você não percebeu  
Que você é o único representante  
Do seu sonho na face da terra  
Se isso não fizer você correr, chapa  
Eu não sei o que vai”

Levanta e anda  
Emicida

## AGRADECIMENTOS

Aos amigos visíveis e invisíveis que me impulsionaram nessa jornada de conhecimento e aprendizado.

Ao meu querido e amado esposo pela parceria e por não deixar que eu desistisse do Mestrado, por todas as vezes que enxugou minhas lágrimas e suportou minhas birras e chatices.

Meu carinho ao amado primo Hilton por me amparar nesse caminho tão árduo e compensador da academia. Gratidão por fazer parte desta minha jornada terrena.

Aos meus filhos Jorge e Belinha pelo amor e paciência diante de minhas ausências nos momentos de estudos e por vibrarem com as “nossas” conquistas.

À minha mãe e ao pai dos meus filhos por terem cuidado deles durante minhas ausências nos semestres em que cursei as disciplinas.

Ao querido amigo, Me. Wesley, pelas conversas noturnas quando me dizia sobre o enfrentamento das sombras durante a redação da dissertação, por colocar luz onde só via escuridão, por me confortar de que logo depois viria o brilho e a luz se faria presente.

À minha orientadora Dra. Prof.<sup>a</sup> Rosiley Aparecida Teixeira por não ter desistido de mim, mesmo quando eu não mais acreditava ser possível seguir adiante, por me ensinar a ler e a escrever. Gratidão pelas conversas, orientações, apoio e por exigir o melhor de mim.

À querida Dra. Profa. Patrícia Ap. Bioto-Cavalcanti pelas aulas, conversas e cafés deliciosos.

Aos novos e queridos amigos da Uninove, pelos estudos, risadas e cafés, proporcionando-me leveza nessa intensa caminhada do Mestrado.

Agradeço enormemente a todos aqueles e aquelas que me antecederam, desbravando novas oportunidades. E aos que virão depois de mim, não importa qual sua origem, se seu berço é feito de ouro ou madeira, quais as heranças que

carrega, digo-lhe: é somente você que poderá determinar onde chegará. Por isso, não se limite!

Aos membros da banca, por me oportunizarem momentos de crescimento intelectual e pessoal.

A mim, pela superação das minhas inabilidades, por diminuir meu orgulho e arrogância, transformando-me em uma pessoa muito melhor do que quando iniciei; por eu não ter desistido de mim mesma, pois há um pouco de mim em cada um e em cada uma que fez parte de todo esse processo, como também carrego um pouco de cada um e cada uma em mim. Eu consegui!

## RESUMO

Essa pesquisa tem por objeto de estudo a trajetória de escolarização de cinco professoras oriundas das camadas populares, desde o início de suas trajetórias na Educação Básica até o ingresso no curso de Mestrado Profissional, quais os motivos e fatores que as conduziram à pós-graduação. Com tais propósitos, esta pesquisa busca responder a uma questão aparentemente simples mas bastante profunda e complexa, a saber: quais foram os elementos sociais que lhes permitiram criar as condições para chegarem até o Mestrado Profissional? O objetivo geral da pesquisa é identificar, a partir dos retratos sociológicos, quais os motivos que as levaram ao ingresso no curso de mestrado, os fatores que determinaram essa escolha, buscando compreender os pontos que lhes possibilitaram o sucesso na vida acadêmica diante de suas trajetórias. Assim, o objetivo específico que é analisar a trajetória familiar, escolar, social, profissional e acadêmica das professoras, verificando o que as motivou em suas escolhas. A metodologia utilizada na pesquisa tem por base os Retratos Sociológicos, desenvolvida por meio dos estudos de Lahire (2004), pois forneceu a composição dos retratos sociológicos. Para dar sustentação teórica à pesquisa, foram selecionados autores como Bernard Lahire (2004) e Pierre Bourdieu (2002). Ao finalizar a produção dessa pesquisa e a redação deste trabalho, sentimo-nos contemplados com os resultados alcançados, pois a análise das trajetórias de vida das mulheres pesquisadas superaram em muito nossas expectativas, no sentido do que poderíamos encontrar diante das singularidades de cada uma delas, além da oportunidade e da experiência ímpares que o percurso traçado durante todo o itinerário do mestrado proporcionou. Retomando o que foi mencionado no início e embasado na proposta teórica dos autores utilizados, mostramos o quanto nossas trajetórias são resultados de condicionantes econômicos, culturais, sociais e também das ações de pessoas que formam um coletivo – mais ou menos racionalizado – e que nos dão as possibilidades para que possamos chegar nos lugares sociais que chegamos.

**Palavras-chave:** Professora. Retrato Sociológico. Mestrado Profissional. Trajetória de vida. Capital Cultural. Sucesso.



## ABSTRACT

This research has as object of study the trajectory of schooling of five teachers from the lower classes, from the beginning of their trajectories in Basic Education to the entry into the Professional Master's course, which are the reasons and factors that led them to graduate. With such purposes, this research seeks to answer an apparently simple but quite profound and complex question, namely: what were the social elements that allowed them to create the conditions to reach the Professional Master's degree? The general objective of the research is to identify, from the sociological portraits, what were the reasons that led them to enter the master's course, the factors that determined this choice, seeking to understand the points that enabled them to succeed in academic life in the face of their trajectories . Thus, the specific objective that is to analyze the family, school, social, professional and academic trajectories of teachers, verifying what motivated them in their choices. The methodology used in the research is based on the Sociological Portraits, developed through the studies of Lahire (2004), as it provided the composition of the sociological portraits. To give theoretical support to the research, authors such as Bernard Lahire (2004) and Pierre Bourdieu (2002) were selected. At the end of the production of this research and the writing of this work, we felt contemplated with the results achieved, since the analysis of the life trajectories of the women surveyed far exceeded our expectations, in the sense of what we could find in view of the singularities of each one of them , in addition to the unique opportunity and experience that the route traced throughout the itinerary of the master's degree provided. Taking up what was mentioned at the beginning and based on the theoretical proposal of the authors used, we show how much our trajectories are the result of economic, cultural, social conditions and also of the actions of people who form a collective - more or less rationalized - and that give us the possibilities for us to reach the social places that we arrived at.

Keywords: Teacher. Sociological Portrait. Professional Master's. Life trajectory. Cultural Capital. Success.

## RESÚMEN

Esta investigación tiene como objeto de estudio la trayectoria de escolarización de cinco docentes de los estratos populares, desde el inicio de sus trayectorias en Educación Básica hasta el ingreso a la Maestría Profesional, que son las razones y factores que los llevaron a graduarse. Con tales propósitos, esta investigación busca dar respuesta a una pregunta aparentemente simple pero bastante profunda y compleja, a saber: ¿cuáles fueron los elementos sociales que les permitieron crear las condiciones para alcanzar el título de Maestría Profesional? El objetivo general de la investigación es identificar, a partir de los retratos sociológicos, cuáles fueron las razones que los llevaron a ingresar a la maestría, los factores que determinaron esta elección, buscando comprender los puntos que les permitieron triunfar en la vida académica frente a sus trayectorias. Así, el objetivo específico que es analizar las trayectorias familiares, escolares, sociales, profesionales y académicas de los docentes, verificando qué los motivó en sus elecciones. La metodología utilizada en la investigación se basa en los Retratos Sociológicos, desarrollados a través de los estudios de Lahire (2004), ya que proporcionó la composición de los retratos sociológicos. Para dar soporte teórico a la investigación, se seleccionaron autores como Bernard Lahire (2004) y Pierre Bourdieu (2002). Al final de la producción de esta investigación y la redacción de este trabajo, nos sentimos contemplados con los resultados alcanzados, ya que el análisis de las trayectorias de vida de las mujeres encuestadas superó con creces nuestras expectativas, en el sentido de lo que pudimos encontrar ante las singularidades de cada una de ellas. , además de la oportunidad y experiencia única que la ruta trazó a lo largo del itinerario del máster aportado. Retomando lo mencionado al principio y con base en la propuesta teórica de los autores utilizados, mostramos en qué medida nuestras trayectorias son el resultado de las condiciones económicas, culturales, sociales y también de las acciones de personas que forman un colectivo --más o menos racionalizado-- y que nos entregan las posibilidades para nosotros de llegar a los lugares sociales a los que llegamos.

Palabras clave: Maestra. Retrato sociológico. Máster profesional. Trayectoria de vida. Capital cultural. Éxito.

## **LISTA DE SIGLAS**

**CEU** – Centro Educacional Unificado

**IBICT** – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

**LIMAPE** – Linha de Pesquisa e de Intervenção Gestão Educacional

**LIPIGES** – Linha de Pesquisa e de Intervenção - Metodologia da Aprendizagem e Práticas de Ensino

**PROGEPE** – Programa de Pós-Graduação em Gestão e Práticas Educacionais

**UNINOVE** – Universidade Nove de Julho

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	14
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	21
<b>1-CAMINHOS DA PESQUISA</b> .....	28
1.1 O programa – Mestrado Profissional.....	28
1.2 Contexto da pesquisa.....	32
1.3 Mulheres da pesquisa.....	33
1.4 A entrevista .....	34
1.5 Caracterização das mulheres da pesquisa.....	36
1.6 Dados analisados.....	39
<b>2-REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	40
2.1 Reflexões a partir de Pierre Bourdieu .....	40
2.2 Reflexões a partir de Bernard Lahire .....	45
2.2.1 A diversidade dos estilo de “sucesso” .....	51
<b>3-RETRATOS SOCIOLÓGICOS</b> .....	54
3.1. Retrato Sociológico 1 “Carla” .....	54
3.2. Retrato Sociológico 2 “Cláudia” .....	63
3.3. Retrato Sociológico 3 “Elisângela” .....	75
3.4. Retrato Sociológico 4 “Eva” .....	86
3.5. Retrato Sociológico 5 “Laly” .....	97
<b>4-ANÁLISE DE DADOS</b> .....	105
4.1. Comparando o incomparável .....	106
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	124
<b>REFERÊNCIAS</b>	
<b>LISTA DE SIGLAS</b>	

**APÊNDICE A:** Roteiro de entrevista

**APÊNDICE B:** Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## APRESENTAÇÃO

*“E pensei que isso não era para mim!”*

Início esta apresentação com tal frase porque era o que imaginava antes de definitivamente ingressar em um curso de pós-graduação *stricto sensu*, uma conquista adquirida sob árduos esforços e tentativas, mas que agora, com a redação dessas linhas, essa trajetória vai se consolidando até chegar à versão final do trabalho e à obtenção, enfim, do título de Mestre em Educação.

As trilhas que percorri foram várias: por persistência e muito estudo, apesar de inicialmente não ter sido aprovada no processo seletivo, continuei a tentar, pesquisei as linhas de pesquisa dos professores e adequei o meu projeto para que pudesse despertar o interesse deles. Prestei novamente o processo seletivo e o resultado foi o mesmo: aprovada em uma parte mas não em outra, algo que me fez pensar ser incapaz de estar naquele lugar, de pertencer àquele lugar.

Porém, por insistência de uma amiga, fui convidada a fazer parte do Grupo de Estudos e Pesquisa: Infância, Escola e Formação de Professores. Neste grupo, encantei-me com a professora responsável, pois seu modo de explicar, por meio das rodas de conversa, durante os encontros, e pelas orientações a respeito de como funcionava tecnicamente o curso de mestrado, percebi que finalmente havia uma luz.

E assim, em 2019, após ter sido aprovada, comecei a cursar o mestrado na Universidade Nove Julho (Uninove). O primeiro dia de aula foi um misto de euforia, curiosidade e pertencimento àquele lugar. Com os transcorrer das aulas, os desafios começaram a surgir, e recorro a Professora dizendo em aula que nos ensinaria a ler. Neste momento, questionei: “Como assim?” Mas foi exatamente isso o que ocorreu, pois ela ensinou a mim e a turma a ler o mundo acadêmico, um universo que até então eu desconhecia. Que leitura árdua, mas fecunda, foi essa!

Neste período, vivenciei grandes e memoráveis etapas, alegrias, boas amizades, inclusive o inesquecível módulo internacional para o Chile, experiência ímpar em conhecimentos, cultura e relacionamentos. Também vieram as dúvidas e incertezas, mas havia decidido que iria até o final do curso, superando as minhas dificuldades, porque entrei na tentativa de responder à seguinte questão: Qual a motivação que algumas professoras das camadas populares tiveram em seus percursos que as levaram a ingressar no mestrado? Olhando para a trajetória de vida dessas pessoas, muito será revelado.

*O início de tudo...*

A cena em minha memória está tão viva quanto à fotografia em um retrato: via-me sentada na beira da cama ao lado da minha avó materna, escutando a sua leitura do livro de cabeceira. Letras, frases e sentenças ainda não faziam parte da minha pequenina vida, mas adorava escutar as histórias e leituras diárias da minha querida avó. Passei parte dos dias da minha primeira infância em sua companhia da minha vó, de seus livros, bolos, quitutes e de sua máquina da costura. Ela, que possuía uma bela caligrafia, foi iniciada no caminho da leitura pelo seu pai, meu bisavô, José Senise. Lembro-me que as visitas na casa do meu bisavô eram regadas a chá, biscoitos e livros. Eram muitas obras dispostas como troféus em sua estante, todos muito bem organizados e bem cuidados. Sentir o cheiro das páginas dos livros, era para mim o perfume mais cheiroso que pude inalar.

Aliás, nesse momento de reflexão é que me conscientizo de quem me apresentou a esse fantástico universo da leitura: minha avó e sua árvore genealógica. Feliz a sorte de ser um galho dessa árvore.

A vida seguiu seu curso; eu, a minha pequenina jornada. Sou a filha do meio entre uma irmã mais velha e um irmão caçula. Filha do meio é um ser que busca encontrar seu lugar no “mundo”, porque não tem os privilégios de ser a filha mais velha e nem os regalos de ser a caçula. É um ser entre um e outro, com seus desafios e incertezas, mas também com alegria e um sorriso tímido.

Em 1984 ingresso no “Pré” na Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau Isaí Leiner, situada no bairro da Vila Invernada – São Paulo – capital. O pré

daquela época corresponde hoje à Educação Infantil oferecida pelas Escolas Municipais.

Iniciar os estudos foi, para mim, uma espécie de magia, pois tudo era mágico: a escola grande, com três andares, corredores com paredes laterais abertas que tornava possível olhar a porta de todas as salas. Encantava-me a ideia de que um dia, quando fosse formada, estaria naquelas salas. Existiam salas em que as crianças não entravam, porque lá ficavam o Diretor e as moças que cuidavam dos papéis da escola. E o lugar das crianças não eram nessas salas de “gente adulta”.

Aliás, algo incomum ocorreu no ano de 1985, quando iniciei o meu primeiro ano escolar, no ciclo básico da educação, e tive como professor um homem, sim, o Professor Paulo, porque foi aquele que oficialmente me conduziu pelo caminho das letras, com quem aprendi a ler, a escrever e a fazer contas. Eu admirava todas as vezes em que o professor estava no “quadro verde” escrevendo, explicando e ensinando, lembro-me das letras e das contas de “armar”. Inclusive, se eu fechar os olhos, ainda posso escutar o som da voz dele, perguntando aos alunos as respostas às questões propostas. Meu olhar contemplava de forma muito amorosa aquela figura, de modo que ainda recordo que queria : “Um dia ser como ele!” No entanto, naquela altura eu não tinha a menor clareza e compreensão dessa frase, do que seria ser como aquele professor, talvez minha admiração estava relacionada ao quanto de conhecimento de mundo o professor Paulo possuía, já que ele conhecia muita coisa, e eu, na pequenez dos meus sete anos, também queria conhecer aquele mundo todo, ser igual a ele.

O tempo correu e aprendi a ler e a escrever sem dificuldades, usando livros semelhantes a cartilhas, com espaços pontilhados para colocar as respostas, fazendo parte de uma escola, com regras, disciplinas, regalos, sabores, as amizades e outras nem tanto. Recordo-me ainda das provas e das atividades que vinham escritas com “letra de mão”, todas iguaizinhas, na cor azul e cheirando a álcool, mimeografadas. Como era bom!

Sempre fui uma aluna interessada e por isso gostava de sentar mais à frente, embora nem. Além disso, possuía um jeitinho meigo e o olhar brilhante, era bem comportada, não conversa sem permissão e gostava de fazer tudo o



que os professores pediam. Minhas notas eram medianas, embora a nota “B” aparecesse algumas vezes nas provas; entretanto, o “C” aparecia com mais frequência, ou seja, não fui uma aluna brilhante que só obtinha “A”, mas tenho a lembrança de ter tido a experiência de tirar “A”, que vinha acompanhada de cinco estrelinhas feitas pela professora.

1993 foi o meu último ano no antigo primeiro grau, e para a minha surpresa, aliás, grata e feliz surpresa, o professor de língua portuguesa foi aquele mesmo do primeiro ano do ciclo básico, o professor Paulo. Algo de muito especial aconteceu ali, porque todo aquele afeto que nasceu na descoberta da alfabetização, através dele e por ele, retorna agora no encerramento de um ciclo. E aquele desejo de ser como ele, voltou, mas com um novo significado, ser Professora, já era o que eu queria para a minha vida, com a mesma qualidade humana que aquele professor tinha com todos os alunos. Destaca-se que, nessas minhas memórias, ele sempre foi exigente com a qualidade dos trabalhos, com as tarefas, os alunos e a organização dos cadernos. Além disso, o Professor Paulo sempre foi amoroso, chamava a atenção quando necessário, pontuava comportamentos equivocados dos alunos, escutava nossas dores e ria com nossas alegrias. Este certamente foi o meu mestre inspirador que me conduziu aos caminhos da docência.

No período do Ensino Médio, cursei os três anos sem maiores descobertas, a não ser o fato de estar há dois anos trabalhando e assumindo outras responsabilidades e tarefas; por isso, a leveza da vida já não era mais tão presente assim em meus dias. O mundo já era visto com outra realidade, numa outra perspectiva, pois era menos colorido, com muito mais cobranças e exigências. Recordo-me das matérias de Exatas... Nossa, como eram difíceis! Entender os cálculos de Matemática e Física não era nada fácil.

A disciplina de matemática era ministrada pelo Professor Paulo, não aquele do início da minha vida escolar, embora a semelhança no nome me havia permitido uma empatia imediata com ele, e quando eu apresentava alguma dificuldade, ia até ele e pedia que me explicasse novamente. E foi assim do início ao final do Ensino Médio, felizmente com o mesmo professor de matemática durante os três anos. Entretanto, quanto à disciplina de Física, era mais complicado, já que a empatia com o Professor “cabeludo” já não era a mesma,

a figura dele se assemelhava com a dos estudantes do último ano do ensino médio, porque ele tinha os cabelos compridos, contidos por detrás das orelhas, o que o fazia se parecer com um colega de turma. Enfim, com ele aprendi o básico, para ser aprovada na disciplina, e assim consegui concluir os estudos.

Na vida fazemos escolhas ou as escolhas é que nos fazem, não sei bem ao certo sobre essa lógica; porém, houve uma convergência para que eu primeiro constituísse família, logo após terminar o ensino médio, de modo que o sonho de cursar uma faculdade e o de ser professora tivessem que ficar guardados para quando houvesse possibilidade.

Nesse interim me casei e tive dois filhos, minha primeira filha foi Isabela, uma linda e encantadora menina que nasceu no verão de 1997, meu segundo filho foi Jorge, um guerreiro forte e corajoso que nasceu no inverno de 2009, uma segunda experiência de maternidade muito diferente da primeira, com quem mais aprendi do que ensinei.

Foi no momento em que o matriculei na Educação Infantil de uma escola Waldorf que aquele meu desejo de me tornar professora, presente desde o término do ensino fundamental II, voltou com toda a forma, porque nós dois nos matriculamos na escola: ele no maternal e eu nos trabalhos manuais da escola, nos grupos de estudos que havia sobre a pedagogia Waldorf, uma fase encantadora.

Entrei na docência em 2011, quando realizei meu primeiro contato com os pequeninos na educação infantil no contra turno, na condição de auxiliar de jardim. Foi uma experiência riquíssima! Os jardins das escolas Waldorf se assemelham a uma casa, em todos os sentidos, porque os espaços utilizados era iguais aos de uma casa com quarto, sala, cozinha, banheiro, lavanderia e um quintal no fundo, com espaços organizados e brinquedos distribuídos de forma a atender às necessidade das crianças. O lanche era feito por mim mas com a ajuda dos pequenos. Assim, fazíamos os pães e assávamos na cozinha, algo que exalava aquele delicioso cheirinho que preenchia todos os cantos do Jardim Raio de Sol, o nome do nosso jardim.

No ano seguinte, assumi a sala do jardim como professora no período da manhã, composta pelas mesmas crianças do ano anterior mais os que

ingressaram naquela época. Fui professora de jardim por dois anos e nesse tempo, entre outras atividades da sala de aula, também fazia a observação e o registro por escrito das crianças individualmente, para que no final do ano pudesse apresentar aos pais os relatórios descritivos do desenvolvimento de cada um em todos os seus aspectos, além de outros apontamentos que se faziam necessários, e quando preciso fosse, indicava-lhes algumas recomendações.

O fato de observar cada criança desde a sua chegada à escola, as atividades que ela realiza ou não, seus movimentos nas rodas rítmicas, o modo como se sentava na cadeira, como se alimentava, como eram suas atividades, como subia, pulava, brincava, como se relacionava com as outras crianças, se a face era corada ou não, se as habilidades manuais estavam despertas ou não, como resolviam seus conflitos, enfim, tudo isso eram elementos que me guiavam e faziam com que eu me questionasse sobre como a criança se desenvolvia, o que lhe era oferecido nesse processo em termos de alimento para o corpo, para a mente e para o espírito, e o quanto o adulto interferia nesse processo natural da criança.

Nessas minhas inquietações e na busca por respostas, em 2013 iniciei uma formação na pedagogia Waldorf e caminhei para me especializar no segundo setênio, isto é, em crianças de sete a quatorze anos de idade. Desse modo, foram quatro anos de estudos, vivências e experiências. Minhas inquietações foram iluminadas e amainadas. Comecei a ver a poesia, a arte e o respeito pelo humano nesse percurso escolar e gostei muito, pois era respeitado o tempo de desenvolvimento de cada criança, uma vez que todos eles são especiais, cada qual à sua maneira e de acordo com a sua necessidade, porque conforme essa proposta pedagógica, o(a) educador(a) não é tão somente educador para as crianças, mas antes de tudo é educador(a) de si mesmo(a), busca seu auto desenvolvimento para assim conseguir compreender melhor, através de si, o universo daqueles que se lhes apresentam diariamente.

Conhecer e estudar como o ser humano se desenvolve orgânica, física, emocional e espiritualmente, como estabelece seus vínculos sociais, foi me possibilitando perceber e reconhecer a oportunidade única que é a docência, isto é, que eu aprendo muitíssimo, mais do que “ensino”, se assim posso dizer, pois

nessa situação de docência eu sou “apenas” um meio para apresentar o caminho, e nele, em alguns momentos, sou a grama verde que faz os contornos para que eles possam caminhar, enfim, com passos firmes e seguros em direção ao conhecimento, rumo à liberdade. No entanto, para que tudo isso aconteça, é necessário ter um educador, ou melhor, ser um educador não só de corpo mas também de almas.

Observando o cenário da sala de aula em que esse educador está à frente da criança passei a me questionar quem era essa pessoa, no sentido de compreender qual foi a sua trajetória de escolarização e de vida, quais foram suas escolhas, como ele foi se constituindo desde a infância até os dias atuais e que hoje se apresenta dentro dessa configuração humana.

Refletindo sobre essas questões e diante de minha trajetória, sustentada em autores renomados, mas não só somente neles, me propus a olhar para os dados das configurações sociais e familiares de cinco mulheres que poderiam ter suas oportunidades profissionais e de vida cerceadas, mas não, alcançaram o sucesso escolar diante do que as antecederam, e no exercício de olhar para essas mulheres, descobrir quais histórias suas trajetórias nos contam.

## INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem por objeto a trajetória de escolarização de cinco professoras oriundas das camadas populares, desde o início de suas trajetórias na Educação Básica até o ingresso no curso de Mestrado Profissional, quais os motivos e fatores que as conduziram à pós-graduação. Com tais propósitos, esta pesquisa busca responder a uma questão aparentemente simples mas bastante profunda e complexa, a saber: quais foram os elementos sociais que lhes permitiram criar as condições para chegarem até o Mestrado Profissional?

O objetivo geral da pesquisa é identificar, a partir dos retratos sociológicos, quais os motivos que as levaram ao ingresso no curso de mestrado, os fatores que determinaram essa escolha, buscando compreender os pontos que lhes possibilitaram o sucesso na vida acadêmica diante de suas trajetórias. Assim, o objetivo específico que é analisar a trajetória familiar, escolar, social, profissional e acadêmica das professoras, verificando o que as motivou em suas escolhas.

Para dar sustentação teórica à pesquisa, selecionamos alguns autores, tais como, Bernard Lahire (2004) e Pierre Bourdieu(2002): a teoria de Bourdieu a respeito das disposições construídas sobre a análise da construção cultural e social, as trajetórias de sucesso escolar ancoradas pela herança do capital cultural e social adquiridos e a contraposição de Lahire (2004) sobre as razões do sucesso escolar nos meios populares, arcabouço teórico que permite compreender melhor tais questões, pois, segundo Teixeira (2014),

Analisa as boas situações escolares de crianças cujas famílias desprovidas de recursos poderiam ter facilitado o sucesso escolar. Não desprezando que a situação contrária, a de famílias providas de recursos com filhos que enfrentam dificuldades escolares, pode também ocorrer. Para ele, haveria diferenças secundárias entre as famílias de meios populares que poderiam explicar a alternância entre sucesso e fracasso escolar, mesmo em situações tão próximas. (TEIXEIRA, 2014 p. 32)

Para Lahire, não há uma única verdade em termos de constituição familiar que se pode caracterizar como indicativos de sucesso ou fracasso escolar, já

que é necessário observar as redes familiares, compreender quais características nessas relações de dependência e interdependência se confirmam em sucesso escolar. Por meio da análise social dos retratos sociológicos, utilizando as configurações familiares da cultura escrita; as condições e disposições econômicas; a ordem moral doméstica; as formas de autoridade familiar e as formas familiares de investimento pedagógico, pode-se analisar sociologicamente o individual através de entrevistas, verificando por exemplo

[...] que razões sociológicas poderiam ser apontadas para compreender o eventual sucesso escolar de crianças de origem popular? Seriam essas crianças simplesmente excepcionais ou estaria o seu sucesso condicionado por outros elementos de sua experiência social que não tem espaço na análise de Bourdieu? (LAHIRE, 1997, apud MASSI e LIMA, 2015, p.560)

Para realizar essa pesquisa, foram selecionadas cinco mulheres professoras: duas docentes da rede pública municipal na Cidade de São Paulo, uma docente pela Secretária de Educação no Estado de São Paulo, outra docente pela rede pública municipal na Cidade de Santo André e por último uma docente na rede privada no Estado de São Paulo. Todas essas cinco mulheres nasceram e cresceram nas camadas populares do Estado de São Paulo e chegaram até a Pós-Graduação, nível *Stricto Sensu*, o tão sonhado e supostamente distante curso de Mestrado, quando ingressaram como alunas bolsistas no Programa de Pós-Graduação Profissional Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho (Uninove), na cidade de São Paulo.

No processo de definição do referencial teórico, encontramos, ao se fazer uma busca refinada, a expressão “retrato sociológico” em 32 dissertações publicadas na plataforma (IBICT), do qual retiramos 5 trabalhos que se aproximam da nossa pesquisa, pois apresentam em seus estudos contribuições significativas para nosso conhecimento e aprofundamento sobre o tema proposto, de maneira a utilizá-los em parte para nossas discussões.

## QUADRO 1 - DISSERTAÇÕES E TESE PESQUISADAS

AUTOR (A)	TÍTULO	OBJETIVOS	METODOLOGIAS	RESULTADOS
SUFICIER 2013	Retratos sociológicos de estudantes de Pedagogia: o caso da FCL/Ar	Analisar a trajetória social de oito estudantes do curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – UNESP	Retratos Sociológicos	As singularidades de cada trajetória, as diferentes origens sociais e as diferentes quantidades de capitais, não tendem a representar grandes distâncias sociais
FIGUEIREDO 2015	Processos de integração e afiliação à vida acadêmica de estudantes de camadas populares no contexto de expansão universitária	Compreender a trajetória acadêmica de estudantes de camadas populares, no curso de Engenharia Elétrica da Universidade Federal de Itajubá Campus Itabira.	Retratos Sociológicos	As questões escolares estruturais, originárias ainda na educação básica, se colocam como um obstáculo para o sucesso universitário
OLIVEIRA 2014	As formas identitárias nos contextos de trabalho: uma análise da profissionalidade docente	A construção de retratos sociológicos que recuperam processos de socialização, como método para a análise das interações que o professor realiza e de que modo elas potencializam suas disposições a partir do princípio gerador do habitus para responder aos desafios do cotidiano na sala de aula e na escola, transformando nesse processo sua identidade docente nos contextos de trabalho	Retratos Sociológicos	Apontam que as disposições construídas pelas professoras estão intimamente relacionadas com as estruturas constituintes do habitus e que, embora possuam especificidades ligadas à interpretação singular que cada uma delas expressa nas suas ações cotidianas nos diferentes contextos de inserção profissional, elas decorrem desse princípio gerador. Por outro lado, essas disposições, acionadas num jogo de mostrar-ocultar para responder às demandas cotidianas, mostram uma tendência a manter as regularidades orientadas pelo habitus e promovem uma reconfiguração identitária com rupturas e mudanças pautadas em fracas e provisórias mobilizações
NUNWEILER 2019	Identities docentes: reflexões sobre disposições, saberes e formação continuada	Compreender como se constituem as identidades de docentes de educação básica que atuam nos anos finais do ensino fundamental e estão inseridos em processos de formação continuada in loco	Retratos Sociológicos	Revelam que na trajetória social os sujeitos constituíram disposições que contribuem para o exercício profissional e também para o desenvolvimento dos saberes docentes
PRADO 2016	O percurso de constituição de duas professoras de anos iniciais sob a perspectiva da intelectualidade docente: desafios e possibilidades	Propôs um olhar para o percurso de constituição da atuação profissional de duas professoras que atuam na educação básica I na rede estadual paulista, sob o viés da intelectualidade docente, que permitiu a construção de um entendimento do trabalho docente como uma função intelectual	Retratos Sociológicos	Observou-se o engajamento e compromisso; clareza da função política e social bem como de suas convicções teóricas, reconhecimento de potencialidades enquanto estudiosas e profissionais ativas e reflexivas

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora

Um dos estudos que nos interessou foi: *Retratos Sociológicos de Estudantes de Pedagogia: o caso da FCL/AR*, de Suficier (2013), pois nesse estudo a autora apresenta as categorias e os conceitos destinados à compreensão da realidade social de todos os estudantes que ingressaram no Ensino Superior pela Universidade Pública para o curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências e Letras, tendo como objetivo analisar a trajetória social de oito estudantes do curso. Nessa pesquisa a autora analisa o que ocorre no encontro entre pesquisador e pesquisado, as expectativas, os objetivos, as experiências e o silêncio. Destacamos esse estudo por ser um dos poucos que apresenta como sujeito de pesquisa mulheres que ingressam no ensino superior no curso de Pedagogia. Como resultado de sua pesquisa, a autora pondera que as singularidades de cada trajetória, as diferentes origens sociais e as diferentes quantidades de capitais não tendem a representar grandes distâncias sociais.

Já a pesquisa de Prado (2016), sob o título de *O percurso de constituição de duas professoras de anos iniciais sob a perspectiva da intelectualidade docentes: desafios e possibilidades*, tem por objetivo um olhar para o percurso de constituição da atuação profissional de duas professoras que atuam na Educação Básica, anos iniciais, na rede estadual paulista, sob o viés da intelectualidade docente, que permitiu a construção de um entendimento do trabalho docente como uma função intelectual.

Nos resultados dessa pesquisa, a autora destaca as disposições de engajamento e compromisso, a clareza da função política e social, bem como das convicções teóricas, reconhecimento das potencialidades enquanto estudiosas e profissionais ativas e reflexivas. Essas disposições revelaram um olhar diferencial sobre os trabalhos delas. Além disso, houve também, por parte das duas professoras pesquisadas, a confirmação do que acredita por educação, ampliando os olhares sobre a realidade nas quais estão inseridas e atuam, trazendo-lhes uma maior consciência de si mesmas e de seus trabalhos.

Na tese de Oliveira (2014), intitulada *As formas identitárias nos contextos de trabalho: uma análise da profissionalidade docente*, a autora apresenta como objetivo de pesquisa a construção de retratos sociológicos que recuperam processos de socialização, como método para a análise das interações que o professor realiza e de que modo elas potencializam suas disposições a partir do



princípio gerador do *habitus* para responder aos desafios do cotidiano na sala de aula e na escola, transformando nesse processo sua identidade docente nos contextos de trabalho. O resultado de sua pesquisa apontou que as disposições construídas pelas professoras estão intimamente relacionadas com as estruturas constituintes do *habitus* e que, embora possuam especificidades ligadas à interpretação singular que cada uma delas expressa nas suas ações cotidianas nos diferentes contextos de inserção profissional, elas decorrem desse princípio gerador. Por outro lado, essas disposições, acionadas num jogo de mostrar-ocultar para responder às demandas cotidianas, mostram uma tendência a manter as regularidades orientadas pelo *habitus* e promovem uma reconfiguração identitária com rupturas e mudanças pautadas em fracas e provisórias mobilizações.

Por sua vez, a pesquisa de Nunweiler (2019), *Identidades docentes: reflexões sobre disposições, saberes e formação continuada*, apresenta a formação da identidade dos sujeitos da pesquisa na qualidade de docentes, isto é, como os saberes se constituem e são expressos no trabalho cotidiano e a formação continuada. Nunweiler verificou a escassez de sujeitos nos cursos de licenciatura cujas famílias tinham renda acima de 10 salários mínimos: pais com baixa escolarização, o grupo pesquisado fez parte da primeira geração em ascensão do grupo geracional. Observou-se uma regularidade como origem social e até alguns costumes familiares. Dessa maneira, concluiu-se que as identidades docentes trazem marcas de disposições relacionadas à aprendizagem e ao conhecimento (modos de aprendizagem e investimento em educação), assim como competências relacionadas ao planejamento. A formação continuada *in loco* que o grupo realizava, exerceu influência incontestável na vida da construção da identidade docente dos professores pesquisados, seja para aceitar os valores atribuídos, seja para buscar para si o desenvolvimento desses valores na prática profissional. Inferiu-se que as trajetórias pessoais estavam conectadas ao contexto profissional, que havia relação entre as disposições e competências. E por fim pôde-se observar, por meio da análise individual, a desconstrução de uma crença de forma de ser e agir dos docentes condicionada a um *habitus* professoral.

Diante dos estudos que foram realizados e que acima mencionamos, traçamos uma linha de aproximação entre a pesquisa de Suficier e Nunweiler quando apontam a trajetória social como indicador de constituição das disposições que favoreceram o exercício profissional da docência de suas pesquisadas e no desenvolvimento dos saberes. Assim, por meio dos estudos de Prado, o exercício da docência de suas pesquisadas foi sendo construído e aprimorado por meio de ações conscientes sobre si mesmas, o reconhecimento de suas capacidades. Já na pesquisa de Oliveira, busca compreender quem é esse professor, quais suas experiências de vida e profissão, quais os dispositivos que fazem parte de suas estruturas. Em suas palavras

Esses aspectos disposicionais estão ligados aos processos de socialização a que o professor, como sujeito social, esteve submetido ao longo da vida – aspectos que deixam marcas, valores e condutas que se traduzem no que ele é, pensa e faz. (OLIVEIRA, 2014, p. 2-3).

Esses trabalhos contribuíram para a construção dessa pesquisa pelos pontos destacados quanto à aquisição das estruturas dos capitais possuídos e quanto às trajetórias construídas a partir das configurações familiares, social, profissional.

Assim, do mesmo modo, pretende-se, com muita delicadeza, contribuir também para os avanços em pesquisas dessa natureza, mapeando a trajetória de escolarização e de vida das mulheres pesquisadas até o momento em que elas ingressam no mestrado profissional, cada qual com suas especificidades, de modo a apontar para uma possível convergência entre a melhoria das oportunidades de trabalho e melhoria nas suas condições econômicas, sociais e culturais.

Desse modo e com tais propósitos, esta dissertação está estruturalmente organizada em quatro capítulos: no primeiro, intitulado Caminhos da pesquisa, apresenta-se o contexto em que a pesquisa se desenvolveu, o local onde foi realizada e quem são as mulheres da pesquisa, bem como expomos os instrumentos de pesquisa e os materiais utilizados, a organização para a elaboração do roteiro de entrevista e a análise dos dados coletados. Propôs-se a exposição da análise antes do capítulo que trata do perfil dos retratos sociológicos para que seja informado ao leitor a visão socioeconômica e cultural

de cada mulher pesquisada. Também neste capítulo, referiu-se ao trabalho de Suficier (2013), que processa a coleta de dados e a organização para o roteiro de entrevista separada por blocos, eixos temáticos, de modo a permitir a análise dos dados a partir da coleta detalhada das informações e construção do retrato sociológico.

O segundo capítulo é composto pelo referencial teórico utilizado, os conceitos pautados nos estudos de Bernard Lahire(2002), Pierre Bourdieu (2004) e Figueiredo (2015), que traz os elementos fundamentais dispostos nos estudos de Bourdieu (2012) e Lahire (2004-2008), pois se verifica como o conceito de disposições, apresentado por Lahire, é importante para se compreender os diferentes percursos escolares.

No terceiro capítulo, intitulado Retratos Sociológicos, são apresentadas na íntegra as trajetórias individuais e detalhadas dos cinco retratos sociológicos; e ao final de cada retrato, os destaques sobre a trajetória de cada mulher pesquisada.

No quarto e último capítulo, intitulado Análise de Dados e subtítulo Comparando o incomparável, retomamos aos estudos de Lahire sobre as disposições e configurações familiares, para a construção do processo de análise dos dados à partir da coleta dos questionários propostos, porém, vamos um pouco mais além do que está posto por Lahire, quando analisamos dentro da trajetória de vida das pesquisadas aspectos como religião; instrução escolar dos pais e avós; influência do caminho profissional dos pais como fator que determina o início da vida profissional de cada uma delas e a relação que habita entre o tema das dissertações e as trajetórias de cada uma delas. Buscando responder à questão deste trabalho sobre quais foram os elementos sociais que lhes permitiram criar as condições para chegarem até o Mestrado Profissional.

E por fim, expomos as considerações finais deste trabalho, suas referências e seus apêndices.

## **1.CAMINHOS DA PESQUISA**

### **1.1 O programa – Mestrado Profissional**

Essa pesquisa envolve cinco mulheres, professoras e mestrandas que passaram por um processo seletivo, foram aprovadas e fazem parte do Programa de Pós-Graduação em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE) oferecido pela Universidade Nove de Julho, de onde são/foram bolsistas no curso de Mestrado Profissional, já que duas delas defenderam a dissertação e obtiveram o título de Mestre em Educação. Já as outras três mulheres, objetivam qualificar e defender suas dissertações até o final do ano de 2020.

O programa tem como público-alvo estudantes profissionais, isto é, que ora estão no setor da gestão e da administração escolar e ora são professores, principalmente da rede pública municipal e estadual de São Paulo. Aliás, uma característica de atendimento do programa é ter como pós-graduandos professores da rede, bolsistas, que em algum momento de suas profissões diagnosticaram situações e por vezes assuntos que os fizeram recorrer ao Mestrado como caminho de pesquisa e estudo sobre temas latentes no “chão da escola”.

Diante dessa demanda, o programa tem por objetivo principal a formação de mestres na área de gestão e práticas educacionais, tendo como finalidade promover a formação científica, desenvolvendo a criatividade, a autonomia intelectual e o espírito crítico, de modo que a pesquisa e o conhecimento sejam produzidos e difundidos na área da educação, possibilitando assim a intervenção em seus ambientes de estudos para que possam subsidiar os sistemas públicos de educação e aprofundar a reflexão sobre as políticas públicas educacionais especialmente entre pesquisadores.

Entretanto, por mais que sejam produções acadêmicas, o programa proporciona formação aos pós-graduandos, sobretudo sobre uma área específica de conhecimento, de modo a compreender o pensamento dos grupos de alunos pesquisadores não somente quanto às suas produções, mas quais ferramentas metodológicas e teorias se utilizam para a compreensão de determinado objeto de estudo ou de uma realidade inquietante que se apresente.

O Programa de Pós-Graduação Profissional Gestão e Práticas Educacionais apresentou sua primeira dissertação defendida em novembro de 2013. Contudo, dessa data até os dias atuais, verificou-se por meio do levantamento de informações disponibilizadas no banco de dados do PROGEPE, acessado por meio de sua biblioteca, que 128 trabalhos foram defendidos, sendo que desse número de dissertações defendidas, 76,56% foram realizadas por mulheres e 23,43% foram realizadas por homens, dado considerado relevante, haja vista que nossa pesquisa conta integralmente com a participação de mulheres. Portanto, pode-se verificar, pelos números de trabalhos defendidos, a expansão e o acesso da mulher à comunidade acadêmica.

O mesmo Programa ainda conta com 29 dissertações em andamento, sendo que 23 delas contemplam os estudantes da turma 2019 e seis dissertações contemplam os estudantes que ingressaram na turma 2020, número que tem crescido substancialmente desde o início do PROGEPE.

O Programa é organizado por meio de uma matriz curricular composta por disciplinas obrigatórias e não obrigatórias, sendo as não obrigatórias pertencentes à Linha de Pesquisa e as não obrigatórias de qualquer Linha ou fora dela. O ingressante necessita cumprir um total de 54 créditos, perfazendo uma carga horária total de 810 horas, quantidade de créditos distribuída em disciplinas – orientação, pesquisa e elaboração da dissertação – atividades acadêmicas complementares.

Após cumprir a quantidade de créditos, o estudante necessita ser aprovado em exame de proficiência em uma língua estrangeira, depois ser aprovado em exame de qualificação e finalmente aprovado em defesa pública da dissertação para assim ter direito ao título de Mestre em Educação.

A respeito da Área de Concentração, inicialmente havia três linhas de pesquisa e intervenção na formação do Programa. Conforme Teixeira e Boto Cavalcanti (2014, p.15), o termo intervenção deu-se em razão da intenção de reafirmar a diretriz deste Programa com projetos de intervenção educacional, de modo a corroborar o compromisso assumido com a melhora da qualidade da educação básica. Essas linhas eram: Linha de Gestão Educacional (LIPIGES); Linha de Práticas Pedagógicas (LIPIPP) e Linha de Práticas Político-Sociais

(LIPIPS), mas decorridos dois anos de atividades, iniciou-se um processo de estudos e debates resultando em ajustes pelo grupo de professores que faziam parte do Colegiado do Programa, uma discussão suscitada pelo público que buscava ingressar no Mestrado Profissional.

Desse modo, apresentava-se um perfil de estudantes basicamente composto por gestores e professores da rede pública, com suas respectivas demandas investigativas que pairavam sobre os problemas da escola, divididos entre as questões relacionadas à administração escolar e aos problemas pedagógicos.

Após as discussões e decisões por parte das instâncias da instituição, chegou-se a uma redefinição, configurando o Programa em duas linhas de pesquisa, a saber: Linha de Pesquisa e de Intervenção Gestão Educacional (LIPIGES), cujo campo investigativo científico está centrado em concepções e ações da gestão educacional e escolar, realizando estudos com base na investigação das práticas dos agentes envolvidos nas atividades escolares; já a outra Linha de Pesquisa, Intervenção Metodologia da Aprendizagem e Práticas de Ensino (LIMAPE), tem como campo investigativo questões pautadas nas metodologias de aprendizagem em todos os ciclos da Educação Básica, tanto no que diz respeito aos conteúdos curriculares, quanto à formação docente, passando por todos os percalços, desde a formação à aplicabilidade. Sob o prisma de Teixeira e Biotto-Cavalcanti,

Embora as teses e dissertações sejam produzidas em ambiente acadêmico para obtenção dos títulos de doutores e mestres, constituem-se em uma das formas de produção acadêmica. Estas não falam apenas de si, mas da produção de um grupo de acadêmicos e, sobretudo de uma área do conhecimento, que nos permite conhecer como esse ou aquele grupo compreende, não só a pesquisa, mas também que ferramentas metodológicas e teóricas usam para compreensão de dado objeto de estudo ou realidade. (TEIXEIRA e BIOTTO-CAVALCANTI, 2014 p. 20)

Conforme informações disponibilizadas na página da web<sup>1</sup> no site da Universidade Nove de Julho e que fazem parte dos documentos do PROGEPE,

---

<sup>1</sup> <https://www.uninove.br/mestrado-e-doutorado/programa-em-gestao-e-praticas-educacionais-progepe/bolsas-de-estudo/>

todas as pessoas portadoras do diploma da graduação podem participar do processo seletivo para ingressar no Programa de Mestrado. Depois, em conformidade com o regulamento atual, os aprovados no Processo Seletivo para o curso de Mestrado (Acadêmicos ou Profissionais) têm à disposição uma bolsa de estudo integral para o custeio de taxas e mensalidades, benefício, no entanto, atrelado ao cumprimento, por parte do estudante, do Programa de Estudos Acadêmicos (PEA), composto por estudos e atividades de pesquisa, sob a orientação de um professor doutor.

O Programa de Bolsas para a Formação do Pesquisador possui um regulamento próprio que garante um certo número de vagas semestralmente analisado. Caso não se cumpram os critérios, o estudante perde sua bolsa de estudos, e independente dos estudantes serem bolsistas, a realização de atividades de estudo e pesquisa no Módulo Internacional faz parte da Matriz Curricular, específico para cada área do conhecimento, mas com as despesas integrais custeadas pelo próprio aluno. O Módulo Internacional é uma disciplina obrigatória para a conclusão do curso, por isso, quando o aluno é matriculado, ele toma ciência da sua obrigatoriedade e busca organizar-se financeiramente para que possa realizar o módulo internacional, sem grandes dificuldades, momento, aliás, de rico aprendizado quando se faz essa imersão em outra cultura, uma outra língua, em outra universidade, com pesquisadores, alunos e professores voltados à internacionalização de suas pesquisas, algo imprescindível para a produção de conhecimentos em qualquer universidade mundo afora.

No segundo semestre do ano de 2019, as linhas de Pesquisa LIMAPE e LIPIGES, por exemplo, realizaram o Módulo Internacional em Santiago, no Chile, onde foram realizados nove dias de intercâmbio acadêmico, cultural e social, momentos de trocas de saberes e conhecimentos necessários à formação do pesquisador.

## 1.2 Contexto da pesquisa

Propõe-se nessa pesquisa identificar, a partir dos retratos sociológicos, quais as razões e os motivos que conduziram cinco professoras ao ingresso no mestrado profissional, quais foram os fatores que determinaram essa escolha, buscando compreender ainda os pontos que lhes possibilitaram o sucesso no percurso escolar e acadêmico mediante suas trajetórias.

Para a construção desse percurso, entendemos que a metodologia de pesquisa que permite compreender a trajetória, ou seja, as razões sociológicas poderiam ser apontadas para compreender o eventual sucesso escolar de crianças (mulheres) de origem popular. Seriam essas crianças (mulheres) simplesmente excepcionais ou estaria o seu sucesso condicionado por outros elementos de sua experiência social que não têm espaço na análise de Bourdieu? (LAHIRE, 1997). A metodologia proposta por Bernard Lahire (2004) se constitui por meio dos retratos sociológicos de cada uma, uma vez que, segundo o autor, cada indivíduo é o “depositário” de disposições de pensamento, sentimento e ação, que são produtos de suas experiências socializadoras múltiplas, mais ou menos duradoras e intensas, em diversos grupos (dos menores aos maiores) e em diferentes formas de relações sociais. E conforme Prado (2016), “uma investigação que se dedica ao estudo dos mesmos indivíduos em diferentes cenários, permite uma pesquisa pautada na perspectiva do sujeito, a partir do conceito de disposições”. (2016 p. 29)

Lahire (2004), por seu turno, apresenta em sua pesquisa oito estudos de caso, todos foram construídos a partir de questionários científicos, uma obra de caráter inovador e extremamente experimental, mas que não são simples ilustrações de contextos teóricos, pois mostram esquemas interpretativos na prática. Como ele mesmo afirma, trata-se de um dispositivo metodológico inédito, porque trata-se de extensos relatos sobre diferentes assuntos: escola, trabalho, família, lazer, saídas, alimentação e saúde dos entrevistados, coletados cuidadosamente pelos entrevistadores que faziam parte de sua equipe, isto é, poderia tratar-se de um estudo sobre os modos de vida (2004, p. 10-32).

Segundo o autor,



O mundo social está tanto dentro de nós como fora de nós. Na origem de nossas desgraças e de nossa felicidade, tanto individuais como coletivas, ele se diferenciou e se tornou tão complexo que produziu o sentimento de que o íntimo, o singular, o pessoal, se distinguiriam por natureza da sociedade. (LAHIRE, 2004, p.12)

Somos seres que vivemos em sociedade e dependemos do outro em diversas circunstâncias. O mundo social permeia a vida humana, nos afeta e somos afetado por ele. E nessa complexidade do todo é que as partes vai se constituindo como indivíduo em sua singularidade.

### 1.3 Mulheres da pesquisa

A escolha dos sujeitos da pesquisa ocorreu em razão de haver um número expressivo de mulheres<sup>2</sup> no Programa de Pós-Graduação em Educação, desde o início de suas atividades no ano de 2012 até o ano de 2020 foram 165 mulheres e 47 homens ingressantes pelo processo seletivo, número esse que se compõe em 76,56%, sendo que 100% dos estudantes são bolsistas no curso de Mestrado Profissional oferecido para professores da rede pública do estado e dos municípios, conforme exposto acima, mas aqui retomado com o intuito de situar o leitor a respeito do público-alvo da pesquisa que ora se apresenta: as mulheres aqui pesquisadas.

Assim, foram convidadas cinco mulheres que, entre 2016 e 2018, prestaram processo seletivo e ingressaram no curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação Profissional Gestão e Práticas Educacionais oferecidos pela Uninove, campus situado no bairro da Liberdade, em São Paulo. Elas se tornaram estudantes do curso, bolsistas do programa, e por isso necessitaram reorganizar suas vidas no aspecto profissional, pessoal e familiar para “darem conta” do que viria pela frente, como estudantes de um curso superior na modalidade pós-graduação *stricto sensu*.

---

<sup>2</sup> Utilizamos o termo mulheres na pesquisa pelo número expressivo de mulheres que fazem parte do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Nove de Julho - 76,56%

Como elas exercem a profissão por vias públicas ou privadas, trabalham na rede em mais de um período: duas delas, aliás, ministram aulas pela manhã, à tarde e à noite. Além disso, ressalte-se que quatro mulheres da pesquisa têm filhos, duas são casadas, duas solteiras e uma delas é divorciada, duas concluíram suas pesquisas e já defenderem suas dissertações e três estão na fase de qualificação, e até o final desse estudo possivelmente terão defendido seus trabalhos.

Verificamos diante da trajetória profissional e escolar das mulheres pesquisadas o fator maternidade, que esteve presente em quatro das cinco mulheres, observamos em algumas situações a maternidade sendo intensamente absorvida de modo a postergar os avanços profissionais e acadêmicos para um tempo vindouro e em outra situação observamos a necessidade de delegar os cuidados maternos para terceiros, de forma a dar continuidade ao processo acadêmico e profissional que estava em curso, ou seja, a maternidade ainda é uma realidade quase que exclusivamente vivenciada pela mulher e pouco ou quase nada se vê de auxílio da universidade para as estudantes gestantes, mesmo elas sendo a maioria nos bancos acadêmicos.

Apesar do tempo exíguo de que dispõem, composta por múltiplas jornadas, todas se dispuseram prontamente a participar da pesquisa, disponibilizando tempo, disponibilidade e dedicação para a realização da coleta de dados e das entrevistas.

Como dito acima, as mulheres desta pesquisa são oriundas das camadas populares e obtiveram sucesso escolar e na vida profissional. Para esse estudo, lidamos com respeito e dedicação com as histórias delas, e com alegria, satisfação e deferência narramos suas trajetórias de vida por meio da construção do retrato sociológico de cada uma, apresentando o possível, nos moldes de uma pesquisa de mestrado, dentro de uma configuração real.

#### **1.4 A entrevista**

O instrumento e o material usado foram a análise dos dados realizada por meio de questionário fechado, com questões objetivas, para que pudéssemos coletar as informações das mulheres da pesquisa com o intuito de traçar, num

primeiro momento, um perfil socioeconômico familiar e de escolarização de cada uma das entrevistadas. No segundo momento, construímos um roteiro<sup>3</sup> de entrevista que fez o percurso na vida familiar, social, escolar, profissional e acadêmica de cada uma delas, para que, com a coleta detalhada das respostas, fosse possível analisar os dados obtidos.

Estabeleceu-se contato telefônico para organizar o processo das entrevistas, pois elas não poderiam ocorrer presencialmente em razão do período de isolamento social, “quarentena”, a que toda a população está submetida como precaução ao do risco de contaminação do vírus COVID-19, algo que ocorreu desde o início de 2020, e ainda ocorre, abalando toda e qualquer estrutura que até então estava previamente estabelecida e ilusoriamente solidificada, seja no aspecto, social, econômico, cultural ou familiar. Por isso, não poderíamos ter o contato físico, mas estabeleceram-se outras formas de contato, de forma a utilizar meios virtuais e tecnológicos para assim dar continuidade à pesquisa.

Feita essa (re-) organização, encaminhou-se por correio eletrônico o termo de consentimento para realizar a pesquisa. No segundo momento, foi encaminhado o primeiro questionário, e após sua devolutiva foram traçados os perfis. Após isso, encaminhou-se o roteiro de entrevista para que pudessem ter ciência das perguntas que seriam feitas, e finalmente agendamos dia e horário para que a conversa fosse realizada por meio de uma plataforma tecnológica para uma reunião virtual.

Foram necessários várias conversas com cada uma delas, ao passo que tomava ciência das respostas verificou-se a necessidade do detalhamento diante das respostas de modo a trazer clareza dos enredos que fizeram parte das trajetórias de vida de cada uma das entrevistas, ressalto que todas foram de tamanha generosidade e gentileza em atender as minhas solicitações e sou grata pela disponibilidade em fornecer os complementos das respostas num curto espaço de tempo.

---

<sup>3</sup> Questionário e roteiro de entrevista constam em anexo.

### 1.5 Caracterização das mulheres da pesquisa

Neste tópico do trabalho serão caracterizadas as integrantes dessa pesquisa, a fim descrever quais foram as mulheres que compuseram este trabalho.

**Quadro 2 - COMPARATIVO DAS MULHERES PESQUISADAS**

	Carla	Cláudia	Elisângela	Eva	Laly
<b>Cor da pele</b>	Branca	Branca	Branca	Negra	Branca
<b>Idade</b>	32 anos	44 anos	37 anos	32 anos	42 anos
<b>Filhos</b>	1 filho	1 filho	Sem filhos	2 filhos	1 filha
<b>Idade dos filhos</b>	5 anos	15 anos	-----	11 anos e 1 ano	16 anos
<b>Estado civil</b>	Casada	Divorciada	Solteira	Solteira	Casada
<b>Ingresso no mestrado</b>	Ingressa no mestrado em 2019	Ingressa no mestrado em 2017	Ingressa no mestrado em 2018	Ingressa no mestrado em 2018	Ingressa no mestrado em 2019
<b>Conclusão do mestrado</b>	Concluirá no segundo semestre de 2020	Concluiu no segundo semestre de 2018	Concluiu no primeiro semestre de 2020	Concluirá no primeiro semestre de 2021	Concluirá no primeiro semestre de 2021

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora

A primeira é **Carla**: 32 anos, branca, cabelos lisos, casada, mãe de um menino com 5 anos de idade, filha de pais casados, irmã mais velha. Residentes na região periférica da cidade de Carapicuíba-SP, ela e o esposo, também Professor, financiaram há pouco tempo e com esforço o apartamento onde moram. Licenciada e Bacharel em Geografia, é professora pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo há 11 anos e também professora na rede particular há 2 anos, lecionando na mesma região em que reside. Muitos, se não quase todos, de seus alunos moram nas comunidades do entorno. Viveu a experiência de coordenadora pedagógica na rede pública com todos os seus percalços e seus percursos. Em 2020 está com uma grade semanal composta por 50 aulas divididas nos três períodos, entre a rede pública e a rede privada. Apesar disso, conseguiu equacionar seu tempo entre ministrar aulas nos três

períodos e frequentar as aulas na universidade: no primeiro semestre, no período vespertino; e no segundo semestre do curso, no período noturno.

Carla é estudante da linha de Pesquisa e de Intervenção Gestão Educacional (Lipiges), cujo tema de sua dissertação é: *BNCC: Como Professores do Ensino Fundamental II da rede do estado de São Paulo estão trabalhando as Habilidades Sócio Emocionais*.

A segunda é **Cláudia**: 44 anos, branca, cabelos lisos, filha de pais que se separaram logo depois de seu nascimento, irmã de outras duas mulheres e de um homem. Divorciada, mãe de um menino de 15 anos, reside na região leste de São Paulo, em moradia própria adquirida recentemente por meio de financiamento bancário. cursou o magistério e aos 14 anos teve sua primeira experiência como professora. Em 2020 já perfaz um total de 30 anos na docência. É graduada em Pedagogia e Artes, pós-graduada em Psicopedagogia, Psicanálise e Mestre em Educação. Equacionou seu tempo entre ministrar aulas na Prefeitura Municipal de São Paulo e frequentar as aulas na Universidade, no primeiro semestre no período vespertino e no segundo semestre do curso no período noturno.

Cláudia foi estudante na linha de Pesquisa e de Intervenção Metodologia da Aprendizagem e Práticas de Ensino (Limape), qualificou e defendeu seu trabalho em 2018 e seu objeto de pesquisa está relacionado ao uso dos jogos teatrais como recurso de vivências em sala de aula. O título de sua dissertação é: *Jogos Teatrais, arte na educação: vivências socioeducativas em sala de aula*

A terceira participante é **Elisângela**, 37 anos, branca, cabelos lisos, solteira, sem filhos, terceira filha de três irmãos homens, órfã de mãe quando muito jovem. Morou até pouco tempo atrás com o pai e um dos irmãos, logo depois passou a morar sozinha numa casinha simples e úmida. Quando menina, destacava-se na escola mas apresentava um comportamento retraído, era mais introspectiva. É residente na região periférica da capital paulista, uma localidade que apresenta altos índices de criminalidade. Como Elisângela não possui veículo próprio, faz todos os seus deslocamentos por meio de transportes públicos – ônibus e trem, realidade que ocorre diariamente, desde o dia clarear até o avançar da noite. Durante a Educação Básica, cursou o magistério; depois, sua primeira graduação foi a licenciatura plena em Geografia; em seguida,

cursou licenciatura plena em Pedagogia e Educação Ambiental. É professora em tempo integral da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo há sete anos e possui 17 anos de profissão na carreira docente. Há um ano e meio, conseguiu financiar seu apartamento.

Elisângela foi estudante na linha de Pesquisa e de Intervenção Metodologia da Aprendizagem e Práticas de Ensino (Limape), qualificou seu trabalho no segundo semestre de 2019 e o defendeu no final do primeiro semestre de 2020, tendo como tema de seu trabalho *Prática pedagógica e espaço escolar: desafios e concepções*.

A quarta entrevistada é **Eva**, 32 anos, negra, cabelos cacheados, filha de mãe negra solteira, mãe de dois filhos: uma menina de 11 anos e um menino de 1 ano. Atualmente mora de aluguel na periferia da cidade de Taboão da Serra-SP, onde reside com a mãe e os dois filhos. Mulher de temperamento impulsivo e defensora de ideias e posicionamentos políticos e pedagógicos definidos, graduada em Letras, é professora há 6 anos na rede particular. Equacionou seu tempo entre ministrar aulas nos três períodos, frequentar as aulas na Universidade no período vespertino, ser mãe, filha e provedora do sustento da família. Em setembro de 2019, não conseguiu acompanhar sua turma do Mestrado no Módulo Internacional, pois essa fase foi a mesma à do nascimento de seu filho, faltando-lhe cumprir ainda essa disciplina obrigatória para poder qualificar seu trabalho.

Eva é estudante na linha de Pesquisa e de Intervenção Metodologia da Aprendizagem e Práticas de Ensino (Limape) e tem como tema da pesquisa *A sala de aula em tempos de Comunicação Pós-Digital: Desconstruindo a “TV aberta” para o Analógico*. Ela pretende qualificar e defender sua dissertação no segundo semestre do ano de 2020.

Por fim, a última a ser descrita é **Laly**, 42 anos, branca, cabelos lisos, casada, mãe de uma menina de 14 anos. Residente na cidade de São Paulo, é professora há 6 anos na rede pública Municipal de Santo André. Sua primeira graduação foi licenciatura em Pedagogia, mas depois se pós-graduou em

Psicopedagogia e Educação Infantil. Ministrou seu tempo entre lecionar e frequentar as aulas na Universidade, no primeiro semestre no período vespertino e no segundo semestre do curso no período noturno.

A entrevistada, Laly, tem por objetivo qualificar e defender sua dissertação no segundo semestre do ano de 2020, tendo como tema de seu trabalho a *Gestão Democrática e Participação na Infância: Um estudo sobre a criança na Prefeitura de Santo André*.

### **1.6 Dados analisados**

Entende-se que o conhecimento é gerado por meio de processos onde ele é produzido, seja por meio dos elementos que coletaram os dados, ou por meio dos encontros que se estabelecem entre sujeitos da pesquisa e pesquisadora, como também a partir do que move internamente esses encontros e conversas. Desse modo, pesquisadora e sujeitos não serão mais cada um em si, mas um no outro, revelando como e o quanto um “afeta” ao outro na relação estabelecida.

Para a análise das informações, compreendeu-se a necessidade da transcrição na íntegra das entrevistas, leitura e releitura inúmeras vezes dos dados coletados por meio do roteiro de entrevista, além da edificação das categorias que possibilitam a análise dos dispositivos, a partir do referencial teórico utilizado para a construção dos retratos sociológicos.

Encerrado este capítulo, que em linhas gerais descreveu as integrantes dessa pesquisa, no capítulo a seguir será delineado o arcabouço teórico utilizado neste trabalho.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo serão apresentadas reflexões sobre alguns conceitos de *habitus*, capital cultural e social referentes à obra do sociólogo francês Pierre Bourdieu, bem como os conceitos sobre disposições elaborados por meio das configurações familiares. Assim, as características relacionais nos permitem compreender as razões do sucesso escolar nos meios mais improváveis de Bernard Lahire, elementos que se contrapõem à sociologia de Bourdieu. Ao final desta seção, serão apresentados os retratos sociológicos das cinco mulheres pesquisadas.

### 2.1. Reflexões a partir de Pierre Bourdieu

Sabe-se que Bourdieu (2002) se opõe sobre o papel meritocrático da escola quanto ao movimento social das famílias por meio dos seus sistemas de hierarquia social para um movimento socialmente positivo. Assim, o autor afirma que a instituição, por intermédio de seu sistema pedagógico, legitima e reforça as desigualdades sociais, sendo conservadora e reprodutora das desigualdades escolares que coadunam com as desigualdades sociais.

Para ele, o mundo social é compreendido por meio da construção de três conceitos da teoria social contemporânea: o conceito do campo; o conceito de *habitus* e o conceito de capital cultural são relacionais e compõem o conceito de violência simbólica (que são permeados pelo capital econômico, pelo capital social e pelo capital simbólico).

De acordo com Bourdieu, capital cultural refere-se a um arcabouço cultural constituído pela família (pais e avós) durante a vida da criança, que já demonstra seus “dons”; portanto, esses aspectos não são inatos, mas são adquiridos de modo a que o *habitus* primário será incorporado e constituir-se em capital cultural e que ao longo da vida familiar e escolar se mantêm vivos e ativos. O contato e a relação íntima com as artes, a música e o teatro são elementos que fazem parte da vida cotidiana dessas crianças. Desse modo, no que



competete à transmissão do capital cultural, por mais que hajam meios para diminuir as desvantagens (técnicas), ainda assim as crianças de classes mais abastadas têm vantagens sobre as outras, em razão da sua língua materna, que podemos tratar aqui como aptidão. Nesse sentido, a linguagem exerce uma decisiva influência, pois deixa de ser apenas um instrumento eficaz ou adequado, passando a ser um sistema de categorias de extrema importância para as crianças, habilitando-as para o decifrar dos códigos e a manipulação das estruturas mais complexas. Em conformidade com Bourdieu, o capital cultural e o ethos, ao se combinarem, concorrem para definir as condutas escolares e as atitudes diante da escola, que constituem o princípio de eliminação diferencial das crianças das diferentes classes sociais. (BOURDIEU, 2007, p. 50)

Ainda para o mesmo autor, a escola é o local em que o conhecimento é aparentemente oferecido de forma democrática para todas as crianças. Entretanto, o autor percebeu em seus estudos que o ensino escolar não é oportunizado de modo igualitário a todas as crianças como a escola assim faz parecer. Neste aspecto, as crianças pertencentes às classes sociais mais favorecidas apresentam, desde o nascimento, uma determinada herança, que ele a nomeou de capital cultural, ou seja, um capital de cultura, entendendo a cultura como significados e valores que vai orientando, moldando e construindo a personalidade de um determinado grupo social.

Logo, nesta perspectiva, as crianças que nasceram das classes populares têm ausência do mesmo capital cultural à disposição das classes sociais mais favorecidas. Quando esses dois grupos ingressam na escola, é exigido deles que se apropriem do mesmo conteúdo de forma homogênea, ou seja, os conteúdos são oferecidos da mesma forma para todos, porém, uma parte apresenta um repertório e uma condição para atender e responder ao que é exigido pela escola, ao passo que o outro grupo não consegue atingir o mesmo nível de exigência esperado, isto é, de acordo com o autor, “A igualdade formal que pauta a prática pedagógica serve como máscara e justificção para a indiferença no que diz respeito às desigualdades reais diante do ensino e da cultura transmitida, ou, melhor dizendo, exigida”. (BOURDIEU, 2007, p. 53).

Neste contexto, segundo Bourdieu (2007), a escola contribui de forma velada para que a cultura dominante continue sendo transmitida de maneira a

favorecer algumas crianças em detrimento de outras. Os desfavorecidos são justamente aquelas crianças que não tiveram contato, por meio da família, com o capital cultural, seja no formato de estrutura erudita, livros e todo o aparato material bibliográfico disponível, ou ações mais concretas. Diante disso, eles não conseguem dominar os mesmos códigos culturais que as crianças abastadas possuem e que são valorizados pela escola. Dessa maneira, o aprendizado, para essas crianças, é muito mais difícil ao se comparar com as outras, que apresentam outra qualidade de capital cultural.

Na visão de Bourdieu,

[...] cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo ethos, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar. A herança cultural, que difere, sob os aspectos, segundo as classes sociais, é a responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito. (BOURDIEU, 2007, p. 41-42)

Desse modo, compreende-se que a escola pode deixar à margem as crianças das classes populares enquanto exalta as crianças dotadas de capital cultural, de modo que o discurso de igualdade proferido pelas escolas não se revela em sua prática, já que crianças filhas e filhas de pais diplomados têm familiaridade com o universo mais erudito e com o saber exigido deles pela escola, pois possuem muito mais condições. Isso não quer dizer, contudo, que a classe popular apresenta uma incapacidade ou que não detém cultura, mas eles não são proprietários da cultura que a escola demanda, pois, para Bourdieu,

Ao conferir ao capital cultural possuído por determinado agente um reconhecimento institucional, o certificado escolar permite, além disso, a comparação entre os diplomados e, até mesmo, sua “permuta” (substituindo-os uns pelos outros na sucessão). (BOURDIEU, 2002, p. 78)

A escola não cobra das crianças apenas o que foi ensinado, ela exige outras habilidades que são fáceis para os abastados culturalmente e estranhas aos desprovidos dela. Assim a escola continua a dar ênfase às diferenças e às

crianças que cresceram em culturas distintas ou que não possuem o capital da cultura dominante se enganam e pensam que a dificuldade é falta de inteligência.

Pode-se exemplificar essa dominação existente nas escolas por meio da escolha das matérias que recebem um tratamento especial, colocando-as no patamar da mais importantes. Observa-se nos currículos que as disciplinas, como matemática, língua portuguesa e história, são mais valorizadas do que as artes e os esportes, apontando como a dominação de uma classe sobre a outra continua sendo mantida.

De acordo com o autor,

A seleção de significações que define objetivamente a cultura de um grupo ou de uma classe como sistema simbólico é sociologicamente necessária na medida em que essa cultura deve sua existência às condições sociais da qual ela é o produto e sua inteligibilidade à coerência e às funções da estrutura das relações significantes que a constituem. (BOURDIEU, 1992, p. 23)

Conforme mencionado acima, o capital cultural é um fator condicionante para o sucesso escolar. As crianças das classes altas, quando no ambiente escolar, demonstram ter naturalidade tanto com as questões apresentadas como também com a forma como lhes são, pelo fato de haver similaridade entre o ambiente escolar e o ambiente doméstico/familiar, porque muito das práticas escolares foram herdadas ou se constituíram na família, o que faz com que dispendam menos esforços na escola.

No entanto, quando as crianças das classes médias ingressam na escola com suas heranças familiares, percebe-se a ausência entre as práticas que as constituíram em casa com o que é exigido pela instituição escolar. Por isso, processo pelo percurso escolar, para eles, é mais intenso e realizado com mais esforço e sacrifício. Porém, para as crianças das camadas populares, tendo ou não o apoio das famílias, esse percurso se torna ainda mais difícil, como se exigíssemos delas que digerissem grãos sem nem terem nascido a primeira dentição.

Ainda sob a ótica de Bourdieu (2002, p. 67), capital social é tudo o que é socialmente valioso, aquilo que se disputa e o que se pode acumular, em torno do qual surge um mercado, instituições que regulam as relações, agentes que o

disputam num determinado campo, ou seja, quanto mais capital, mais benefícios, mais privilégios, exercendo assim uma maior influência e consequentemente mais poder.

As relações sociais são objetivas e independentes da condição e da capacidade de seus agentes, gerando relação de dominação quando um setor apresenta maior capital que o outro. A desigualdade na distribuição do capital dentro de um determinado campo é também uma amostra instantânea da história dele mesmo.

O campo social é o local que corresponde a todos os vínculos que as pessoas estabelecem entre si, composto por seus agentes sociais e onde se estabelecem regras, que podem ser tácitas, implícitas ou incorporadas. As regras estabelecidas auxiliam aos ganhos em seu sentido prático, de modo a construir estratégias mais conservadoras ou mais perturbadoras, que podem ser revestidas em capital.

Para Bourdieu:

[...] as estratégias não são respostas abstratas a uma situação abstrata, tal como um estado do mercado de trabalho ou uma taxa média de lucro; elas se definem em relação à solicitação, inscritas no próprio mundo, sob a forma de indícios positivos ou negativos que não se endereçam a qualquer um, mas que só se revelam “eloquentes” (em oposição a tudo o que “não lhe diz nada”) para agentes dotados de um certo capital e de um certo *habitus* (BOURDIEU, 2007a, p. 269)

Em relação ao capital econômico, constitui-se por recursos econômicos advindo de remunerações e propriedades, ou seja, posse e dinheiro. É o tipo de capital dominante e nele encontramos outras raízes, capital social e capital cultural.

Figueiredo (2015), por sua vez, conceitua de forma elucidativa os elementos fundamentais dispostos nos estudos de Bourdieu (2012) e Lahire (2004-2008), ou seja, como que o conceito de disposições, apresentado por Lahire, é importante para compreender os diferentes percursos escolares. Portanto, disposição seria uma maneira de ver, sentir, pensar, ajustado conforme as diferentes situações vivenciadas pelos atores sociais. São propensões, inclinações, hábitos, tendências, persistentes maneiras de ser. Disposição

pressupõe a presença de uma série de acontecimentos, comportamentos, atitudes, mais ou menos coerentes, que definem uma pessoa (LAHIRE, 2004).

Se para Lahire (1997) múltiplas disposições compõem um sujeito, para Bourdieu *habitus* define as características de uma determinada classe social: “Cada grupo social, em função de condições objetivas, que caracterizam sua posição na estrutura social, constituiria um sistema específico de disposições para a ação, que seria transmitido aos indivíduos na forma de *habitus*.” (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002, p. 22). *Habitus* de classe seria, assim, um conjunto orquestrado de disposições que dariam uma certa uniformidade ao comportamento de um determinado ator social, inserido em uma classe social; representa uma coerência direta com a história de vida e condição de classe do ator social. Para Lahire, diferentemente, pode existir disposições que não se constituem em *habitus*, uma vez que elas não seguiriam uma lógica concertada, afinada, coerente (LAHIRE, 2004).

Nas palavras de Figueiredo,

Embora reconheçamos a importância do conceito de capital cultural, devemos entender os limites da teoria da reprodução ao se considerar à noção de disposições, proposta por B. Lahire. Conforme Lahire, o agente contemporâneo sofre influências de vários meios (famílias, amigos, escola, igreja, vizinhança, entre outros) e essa influência múltipla permite que o indivíduo, mesmo pertencente às camadas populares, por exemplo, incorpore diferentes modos de pensar, agir, gostos, ou seja, diferentes disposições que podem, ou não, ajudá-lo a romper com o ciclo de reprodução do capital. (2015, p. 34)

## 2.2. Reflexões a partir de Bernard Lahire

Nesta seção serão apresentadas algumas reflexões teóricas sobre o Sucesso Escolar a partir dos estudos sociológicos de Bernard Lahire. Para ele, o pensar, o ser, o agir e o reagir da criança e na criança estão intrinsecamente ligados às relações sociais. Numa primeira fase, isso ocorre entre a criança e as pessoas de seu convívio familiar, numa atmosfera de objetos conectados às formas das relações sociais dentro desse núcleo familiar, tomando como exemplo os traços de caráter ou da personalidade da criança. Logo, esses traços não surgem no vazio das relações, mas sim é soma de tudo o que foi socializado

anterior a esse momento, por exemplo, quando se diz que alguém é “esperto” ou “dependente”, esse traço não é da criança, mas essa característica surge quando a criança estabelece relação com alguém ou com alguma coisa.

A criança organiza suas estruturas de comportamento, de avaliação e cognitiva por meio das formas, isto é, pelas relações assumidas e vivenciadas desse e nesse núcleo familiar. Ela não é uma reprodutora direta do modo de agir familiar, mas ela encontra e constrói a sua maneira apoiada nas relações e no modo de agir do núcleo. Agindo e reagindo, ela é apoiada pelas atitudes dos adultos, visto que estes sem saber vão desenhando comportamento e representações sobre ela.

Dessa maneira, a criança vai se constituindo a partir do instante em que se depara com algo ou alguém e desse encontro surgem ações e reações. E por meio dessa experiência no mundo familiar, diante dessa realidade concreta com as pessoas, a criança vai estruturando seus esquemas externos para que consiga se relacionar com o mundo “lá fora” e com seus personagens, “[...] o mais particular ou singular dos traços da personalidade ou do comportamento de uma pessoa só pode ser entendido se reconstituirmos o tecido de imbricações sociais com outros.” (LAHIRE, 1997, p.18).

No entendimento de Lahire (1997), compreende-se os resultados e os comportamentos escolares das crianças a partir da reconstrução da interdependência familiar, pois é por meio dessa interação que a criança constitui seus esquemas de relacionamento e como eles agem e reagem nos ambientes escolares. O autor nos diz ainda que, no caso o fracasso escolar:

[...] são casos de solidão, o que foi construído na interdependência familiar não apresenta os elementos para que a criança consiga se relacionar nesse novo Universo que é o escolar. De acordo com o autor, realmente, eles não possuem as disposições, os procedimentos cognitivos e comportamentais, que lhes possibilitem responder adequadamente às exigências e injunções escolares, e estão portanto sozinhos e como que alheios diante das exigências escolares. (LAHIRE, 1997, p. 19).

Segundo Lahire (1997), ao considerar que as redes de interdependência se estruturam a partir das imbricações sociais e as relações sociais familiares e

escolares se moldam, então o fracasso ou o sucesso escolar pode corresponder a um maior ou menor grau de contradição, tendo um resultado elevado ou não de dissonância ou consonância perante as formas de relações sociais de uma rede ou outra. O que nos propõe o autor é a elaboração descritiva das configurações familiares a partir de cinco vertentes: a forma de cultura escrita, as condições e disposições econômicas, a ordem moral doméstica, as formas de autoridade familiar e as formas de investimento pedagógico.

Esses traços propostos pelo autor, pertencentes aos seus estudos na sociologia e que fazem parte das configurações familiares, apresentam-nos como as estruturas do comportamento e da personalidade que a criança vai se constituindo, ao passo que no entendimento de Lahire (1997, p. 17-41), é por meio dessa configuração familiar e através das imbricações nas relações domésticas que a criança cria suas relações sociais e as utiliza na escola.

O primeiro aspecto dentro da configuração familiar que o autor se refere diz respeito à forma familiar da cultura escrita. O universo da cultura escrita é o ambiente escolar, e o que há de diferença entre esse universo escolar da escrita e a relação da escrita faz parte do universo das relações sociais dentro dos meios populares. Podemos então considerar o vasto campo de escrita dentro dos ambientes familiares, considerando a similaridade ou não das profissões, as diferenças e a frequência da prática no uso da escrita e da leitura, a diferença em suas modalidades, suas representações e as diferentes sociabilidades que permeiam os textos escritos (LAHIRE, 1997, p. 21).

A familiaridade com a leitura pode conduzir a criança para o caminho do sucesso escolar, a prática da leitura em voz alta associada às discussões dessas narrativas com a criança, tudo isso proporcionará um caminho bastante seguro e vitorioso na prática da leitura na escola.

Quando a criança recebe de forma oral as histórias contadas por seus pais, estabelece-se uma relação de afeto entre os livros, pais e a criança. A criança aprende no momento em que observa o adulto, e neste caso se ela “mira” os pais lendo, independentemente do tipo de leitura, ela cria uma identidade natural como prática que faz parte do cotidiano, de modo que ela poderá construir sua identidade social por meio da prática dos pais, pois para ela ser adulta significará ler como o pai e a mãe.

Nessa situação, contudo, pode acontecer o inverso se a família trata os livros apenas e somente como “enfeites”, já que a criança não pode manuseá-los de forma alguma. Ou em outro caso: quando é ofertado o livro para a criança como “brinquedo” e ela se vê sozinha para manuseá-lo de prontidão. A questão a ser observada é como as experiências com os livros são vividas em casa, se são positivas ou negativas para a criança e se o modo que se apresenta é compatível com o modo de socialização pela escola.

Esse fato se dá também para a escrita, como ocorre a escrita no ambiente doméstico, se ela faz parte do cotidiano da família ou não, como por exemplo: na escrita da lista de compras, na lista das tarefas, se é feito o uso de agenda e calendário com a função de marcar um tempo cronológico ou também como característica do processo de organização da vida com todas as atividades, como que isso passa a regular e a estruturar um tempo (diário, semanal, mensal e anual) da família.

A interrogação sociológica sobre as práticas da escrita abre, portanto, uma brecha na unidade da teoria, da prática ou do senso prático. Se, de fato, o *habitus* é a experiência comum do mundo, pré-reflexiva, prática...então nem todas as práticas têm o *habitus* como princípio de criação. (LAHIRE, 1997, p.23)

Sob a perspectiva do autor, as escritas domésticas ocupam um espaço muito mais amplo e imediato de experiências do que a organização cotidiana, inclusive no âmbito econômico. Esse movimento age indiretamente sobre técnicas de organização na relação com o tempo, num preocupar-se com a ordem familiar e a previsão, são ações que possuem uma relação reflexiva de como essas atitudes incorporam a criança que vive nesse ambiente familiar. Esse movimento de escrita doméstica corre para os dois próximos pontos que iremos abordar: a economia familiar, suas condições e disposições, e o outro ponto: a ordem moral desse universo familiar.

O segundo aspecto diz respeito à economia familiar: certamente é necessário dispor de condições econômicas de existência para que possa haver a cultura da escrita ou para que uma moral de esforço possa se originar e permanecer. Porém, à situações que fragilizam essas circunstâncias, uma separação conjugal, a morte, ou o desemprego são fatos que podem abalar uma



estrutura doméstica. Desse modo, insegurança e uma precariedade financeira passam a alterar uma projeção para o futuro, pois quando há uma estabilidade profissional há também uma regularidade na rotina familiar com seus horários e suas atividades.

Ter uma condição econômica de existência não é o suficiente, porque independente das condições financeiras é necessário habilitar-se intelectualmente para ter essa organização, é necessário saber fazer as contas das despesas e da receita para assim poder fazer as projeções futuras. O capital e a situação financeira podem ser tratados de várias maneiras e são essas maneiras que fazem parte do resultado da socialização familiar, da trajetória escolar e profissional, mediante a presente situação financeira. Desse vértice, muitas famílias com a mesma condição de renda apresentam diferentes realidades econômicas distintas, pois algumas conseguem se equilibrar e outras estão mergulhadas em dívidas.

O terceiro aspecto a abordar diz respeito à ordem moral doméstica, pois, de acordo com o autor, uma parte das famílias das classes populares dá grande importância para o bom comportamento dos filhos, valorizam o respeito à autoridade do professor. Como essas famílias não se habilitaram o suficiente para ajudar seus filhos com as questões da escola, de alguma forma os pais inculcam em seus filhos a capacidade de serem submissos à autoridade escolar, tendo um comportamento “correto”, isto é, fazer o que lhes é pedido, prestando atenção ao que é dito e ensinado pelo professor. Esses pais estão presentes na vida de seus filhos, são atentos quanto ao desempenho escolar, cobram e punem quando as notas não são adequadas, existe uma atenção e cuidado com a execução das tarefas escolares, eles controlam as amizades dos filhos, seus horários e suas saídas noturnas. Essas ações socializadoras, a ordem afetiva e moral doméstica podem desempenhar um papel importante na atitude escolar da criança.

A estabilidade doméstica, que permite uma relação social familiar duradoura e frequente da criança com os pais, é uma condição para que a criança tenha sucesso nas séries iniciais. Pais constantemente presentes na vida da criança, que oportunizam estabilidade moral e afetiva e o acompanhamento nas atividades escolares, quando necessária a intervenção

desses pais, esses pontos não serão presentes somente no ambiente escolar mas em todo o seu entorno. Pois esses pais, de alguma maneira, têm a consciência de que estão educando seus filhos para o “bom caminho”, sabem que o mundo oferece outras coisas e que os filhos entendem que não são boas.

Se a ordem moral e material em casa pode ter uma importância na escolaridade dos filhos, é porque é, indissociavelmente, uma ordem cognitiva. A regularidade das atividades, dos horários, as regras de vida estritas e recorrentes, os ordenamentos, as disposições ou classificações domésticas produzem estruturas cognitivas ordenadas, capazes de pôr ordem, gerir, organizar os pensamentos. (LAHIRE, 1997, p. 26)

Deste modo, uma vida doméstica familiar organizada, afetivamente e moralmente estáveis, proporcionarão uma organização positiva das ações externas para a criança, pois, nas palavras do autor, o aluno que vive esse universo doméstico, sem o perceber, está desenvolvendo estruturas cognitivas e predispostas a funcionar como estruturas de ordenação do mundo.

Quanto aos dois últimos aspectos elaborados pelo autor, eles dizem respeito às formas de autoridade e às formas de investimento pedagógico. O exercício da autoridade familiar apresenta seus aspectos importantes, porque a escola é um lugar pautado por regras de disciplina e alguns alunos são rotulados quando não seguem as regras disciplinares impostas pela instituição escola.

A escola prega ao aluno o respeito às regras e exige que as exerça, assim, aqueles que apresentam um comportamento adequado e respeitam as regras são tidos como sujeitos autônomos, ou seja, apresentam autonomia para comportar-se de acordo com a regra, e há aqueles que agem de maneira oposta ao comportamento adequado e que precisam constantemente de um agente externo tendo que “lembrá-lo” quais são as regras. As diferentes formas de exercício da autoridade familiar têm sua importância no autocontrole da criança, em sua interiorização das normas para o comportamento. Quando essa autoridade familiar é desde cedo ensinada à criança, quando ela adentra a escola à sua adaptação e obediência em seguir as regras escolar, torna-se por vezes uma ação natural. É importante o olhar e o cuidado nas formas e no tempo das punições para alguns alunos, uma vez que eles podem estar recebendo diferentes ou opostos regimes disciplinares dentro e fora da escola.

No caso do investimento pedagógico, famílias das camadas populares cujos filhos tiveram sucesso escolar se caracterizaram por ter excesso, uma supervalorização escolar. Esses pais, que a todo e qualquer custo se sacrificaram para que seus filhos tivessem sucesso escolar, são os pais que não tiveram oportunidade de acesso aos estudos, mas eles querem que os filhos tenham acesso ao que eles não tiveram, como uma forma de suprir a ausência na cultura escrita dos pais. Há casos também de pais que desejam que seus filhos tenham uma vida com possibilidades de um futuro melhor do que a vida que constituíram. Cada qual faz seu investimento pedagógico de modo mais ou menos rigoroso ou sistematizado, para que possa atingir o objetivo desejado.

Conforme exposto acima, Lahire avança seus estudos ao propor um olhar sobre o núcleo familiar, especificando itens que preenchem essa configuração que ocorre por meio das relações sociais estabelecidas entre os adultos, saber ou não como vão se constituindo e se formando a personalidade e as estruturas de comportamento da criança. Isso nos importa pelo fato de anunciar que existe a possibilidade de muitas crianças terem sucesso escolar independente de suas heranças e da origem de suas classes sociais, econômicas e culturais.

### **2.2.1. A diversidade dos estilos de “sucesso”**

Bernard Lahire (1997), faz-nos pensar sobre as possibilidades que existem para os casos de “sucesso” escolar, mas que ainda não parecem satisfazer o pesquisador. E encontramos um leque de hipóteses caso se considere o sucesso como um projeto escolar, uma ação pedagogicamente projetada e aplicada naquele contexto ou quando se examinam os exemplos de configurações familiares em que há casos de famílias que possuem capital cultural e isso talvez fosse suficiente para explicar o sucesso dos filhos e outros casos de famílias que interveem nas condições morais, financeiras e afetivas que também revelam o sucesso dos filhos.

Mas quando são observados os casos únicos e complexos que provocam o “pensar”, no sentido de que foram consideradas que todas as hipóteses pensadas e pesquisadas não serão suficientes para trazer uma resposta ou direcionar por um caminho de compreensão do sucesso escolar. Se deixarmos

de considerar as combinações possíveis de diferentes estilos de êxito que levariam ao sucesso escolar e se há diferentes estilos, é porque a escola primária proporciona uma certa heterogeneidade nesses modelos.

O autor apresenta as singularidades que existem em cada indivíduo, em nenhum momento é contrário às pesquisas estatísticas e nem a favor das pesquisas etnográficas. Para a construção particular do objeto estudado, é necessário o distanciamento das relações de estatísticas, porque através dele a especificidade surge, ele tenta, por um conjunto de métodos, comunicar essas especificidades na singularidade.

A partir do momento em que consideramos os detalhes que se apresentam em cada tema de interdependência nas relações sociais, trazemos à tona o que a estatística ignorou na sua leitura generalizada e fragmentada.

Dado que lidamos com seres sociais e não com coisas, é somente por metáfora que podemos estabelecer um elo entre capitais (econômico, culturais...) [...] Não se trata de capitais que circulam, mas de seres sociais que, nas relações de interdependência e em situações singulares, fazem circular ou não, podem “transmitir” ou não, as suas propriedades sociais. Dessa forma, nunca devemos esquecer que estamos diante de seres sociais concretos que entram em relações de interdependência específicas, e não “variáveis” ou “fatores” que agem na realidade social. (LAHIRE, 1997, p. 32-33)

Conforme apresenta casos de famílias providas de capital escolar e social e a criança apresenta dificuldades no processo de escolarização, bem como acontecem situações opostas: quando famílias são desprovidas de tais capitais e a criança é bem sucedida em seu processo de escolarização, Lahire (1997) apresenta ainda o caso de dois avôs que possuem grande capital escolar: o primeiro avô mantém contato direto com os netos e nesse momento transmite por meio de conversas, atitudes e pensamentos o capital adquirido, que de algum modo é absorvido pelos netos. Quanto ao segundo avô, este mora em outra região e não mantém contato com os netos, de modo a não transmitir o capital que possui, ou seja, tal exemplo evidencia que não podemos olhar apenas para os dados sem ampliar nosso olhar para o contexto, assim essa observação pretende destacar o fato de que as estatísticas são produções de

dados a maior parte das vezes muito abstratas, ou seja, abstraídas de seus contextos. (LAHIRE,1997, p. 36).

O método experimental proposto por Lahire (1997) é o cruzamento das informações sobre relações sociais que se estabelecem em seus aspectos, individual, familiar e escolar, considerando como interesse para o estudo realizar o perfil das configurações sociais que mostram o entroncamento entre a configuração familiar e o ambiente escolar, com o objetivo de compreender que o resultado e comportamento escolar é explicado considerando a interação das redes de interdependência – escola e família – que vão sendo tecidos a partir das relações sociais ora harmônicas ora opostas.

Quando se olha para o micro e se observa os detalhes que surgem do entrelaçamento das relações sociais estabelecidas, surgem elementos que numa pesquisa estatística são traçados como linhas gerais, nas palavras do autor “[...] provisoriamente uma configuração social como o conjunto dos elos que constituem uma “parte” (mais ou menos grande) da realidade social concebida como uma rede de relações de interdependência humana.” (LAHIRE 1997, p .39-40)

O que configura o adulto de hoje são os elos do presente e do passado que fizeram e continuam fazendo parte de suas relações sociais de interdependência como o seu meio micro, como também do seu meio macro. E com a criança não é diferente, pois elas se relacionam com outros seres sociais que nem sempre estão conectados com seu ambiente doméstico, (LAHIRE, 1997, p. 40).

O procedimento metodológico proposto pelo autor traz à luz o reconhecimento de que existe um limite na validação das configurações sociais e que não há uma verdade absoluta em este ou naquele método, e compreende-se que a configuração social não nos permite uma aproximação da complexidade do real, o que se busca nesse procedimento é mostrar o que é possível.

### **3. RETRATOS SOCIOLÓGICOS**

Neste capítulo apresentaremos a trajetória de cada uma das cinco mulheres pesquisadas, que nos permitiram a construção dos retratos sociológicos a partir do percurso familiar, social, de escolarização, profissional e a chegada ao Mestrado. Os retratos sociológicos foram se constituindo tanto em suas dimensões factuais, episódicas etc., quanto em suas dimensões subjetivas, já que são numerosas as falas citadas das pesquisadas, revelando pontos de vista, raciocínios práticos, maneiras de ver, de sentir, de julgar.

Em conformidade com o referencial metodológico apresentado, não há a pretensão e nem nos cabe concluir algo a partir dos retratos sociológicos, se entendemos que concluir é uma parte que viria condensar as características principais das pesquisadas, resumindo e evidenciando a singularidade das mulheres da pesquisa (LAHIRE, 2004 p. 45). Ao final desta seção, serão apresentados os pontos a considerar de cada trajetória, no próximo capítulo a análise de dados, ou seja, a interlocução entre as trajetórias de vida das mulheres pesquisadas e por fim as considerações finais da pesquisa.

#### **3.1 Retrato Sociológico 1 - Carla**

Carla, 32 anos de idade, nasceu e cresceu num bairro na cidade de Carapicuíba, município que faz parte da Região Metropolitana de São Paulo. Seus pais cursaram o ensino superior, ambos foram docentes na rede pública e atualmente são aposentados. Sua irmã mais nova professora, titular na rede pública, leciona Ciências e Biologia. O irmão mais velho, por parte de pai, trabalha como técnico na Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo. Seu pai, hoje com 65 anos, nasceu na região metropolitana de São Paulo e possui uma trajetória escolar bastante comprometida, pois como passou por muitos problemas familiares, não foi devidamente acompanhado na escola e isso gerou muitas desistências pelos estudos. Além disso, é de uma família composta por muitos irmãos e apenas sua mãe, pois seu pai morreu quando ainda era bem pequeno. Inclusive, na fase adulta, voltou a estudar na Educação de Jovens e Adultos (EJA), começou a fazer faculdade de ciências sociais, e posteriormente

foi lecionar na rede estadual de São Paulo. Já na fase adulta, foi diagnosticado como bipolar, já que sempre foi muito impulsivo e mudava de humor com muita facilidade, algo que prejudicou a sua carreira como docente e por isso foi readaptado em outra função na escola, ou seja, ele não entrava mais em sala de aula para lecionar, porque em seu laudo estava especificado que não poderia ter mais contato com alunos, além de fazer sessões de terapia, fazer acompanhamento psiquiátrico e tomar remédios até hoje para amenizar o problema de convivência. Sua mãe nasceu no interior do Estado de São Paulo, numa cidade com o nome de Bady Bassit, hoje ela tem 70 anos, morou na roça quando pequena, estudou até o 4º ano, depois o pai não a deixou que prosseguisse com os estudos, alegando que mulher não precisava estudar. Quando ela fez 18 anos, foi para a cidade e concluiu o Ensino Médio, na sequência cursou técnico em enfermagem e foi trabalhar no hospital da cidade. Lá sua mãe se conscientizou de que queria fazer outra coisa e foi estudar matemática na cidade de Votuporanga. Assim que terminou a licenciatura, mudou-se para Carapicuíba, pegou aulas e ia aos finais de semana para a cidade onde seus pais estavam. Sua mãe conta que foram dias de muita solidão, afinal não conhecia ninguém na região metropolitana, mas não queria voltar de onde veio. Aqui ela fez pedagogia e outros cursos de extensão, e desde muito cedo trabalhou com gestão escolar. Carla estudou em escola privada e aos 17 anos concluiu seus estudos regulares. No último ano do ensino médio, pelas mãos de um professor, apaixonou-se pela Geografia, formando-se em universidade particular em 2007 e ingressando como docente na rede pública de Carapicuíba. Carla é casada, seu esposo é formado em Educação Física e professor na rede pública também em Carapicuíba. Eles são pais de Raul, um príncipe com 5 anos de idade. Atualmente Carla cumpre uma jornada de trabalho composta por 40 aulas na rede estadual de São Paulo e 10 aulas na rede particular.

Carla nasceu e reside no município de Carapicuíba, região Metropolitana de São Paulo. A casa onde nasceu e cresceu ainda é onde seus pais moram até os dias de hoje. Na infância, recorda-se da relação com os pais e a irmã mais nova sempre harmoniosa, pois sentia-se amada pela família sempre unida, laço que fortalecido até os dias atuais. Quando pequena, ela e sua irmã eram

cuidadas por uma vizinha, mãe de seis filhos, duas meninas e quatro meninos, porém todos maiores de idade que tratavam, com carinho, Carla e a irmã como membros da família. Mesmo aos finais de semana, quando a mãe de Carla estava em casa, a vizinha queria cuidar dela e de sua irmã e como ela também cuidava de outras crianças, era sempre uma grande festa, momentos de alegria e diversas brincadeiras. Seus pais trabalhavam muito, ambos eram professores da rede estadual de São Paulo e tinham uma vida bastante agitada, por isso ela se recorda dos pais sempre trabalhando, preparando aulas e a casa rodeada de livros. Assim, a casa tinha uma rotina permanente durante a semana, mas aos finais de semana era uma vida bastante sincronizada, porque havia uma rotina determinada, visto que era o momento em que seus pais preparavam as aulas da semana.

Recorda que as idas ao supermercado eram a maior diversão, porque podiam comprar tudo o que queriam, e por isso adorava pegar as guloseimas, sorvetes, bolachas e hambúrgueres, aliás, não havia nenhum item proibido pelos pais. Além disso, não havia o hábito de comprar roupas, tinha a roupa de sair e a roupa de ficar em casa, e apenas a época do Natal era o momento em que saíam para comprar roupas e calçados para durar o ano todo.

Quanto à religião, os pais de Carla eram espíritas e faziam leituras em casa, principalmente sua mãe, que lia os livros de Zibia Gasparetto. Recorda de frequentar os centros espíritas na infância e tem na memória o momento do passes no final dos cultos, pois achava-o interessante e assustador ao mesmo tempo. Com a vizinha cuidadora, aprendeu também sobre o catolicismo e passou a frequentar a igreja, adorava cantar os cânticos e os sabia “de cor”.

O Natal era uma época festejada, conforme Carla relata:

As festas de finais de ano sempre foram bem aproveitadas, meu pais sempre gostaram de festa, afinal ele tinha 14 irmãos, a casa dele já era uma grande festa diariamente, eu acho né, ou era festa, ou era briga, imagina 14 pessoas dentro de uma casa, misericórdia! Ainda bem que a minha vó ganhou na loteria (kkkkkk), sim ela ganhou na loteria, meu pai conta isso pra gente, por isso eles não passavam necessidade, no final de ano as festas eram sempre na nossa casa, porque era a que comportava uma grande quantidade de pessoas, sempre era muito divertido, fazíamos churrascos e dávamos muitas risadas, os anos foram passando, alguns dos irmãos dele morreram e minha avó também e isso distanciou muito eles, mas ainda hoje,



de forma mais reduzida fazemos a nossa comemoração. No natal é mais contido, temos uma tradição da comemoração do aniversário de Jesus, minha mãe põe a mesa, faz os assados, teve até um caso engraçado uma vez, era o primeiro Natal do Raul e minha mãe esqueceu de desligar o forno e queimou toda a carne da nossa ceia, kkkkkk, e tivemos que comer só os acompanhamentos, na hora foi trágico mas rimos disso até hoje no natal. O Natal tem a magia especial, cheio de luzinhas, ainda mais com a chegada do Raul, meu filho trouxe alegria pra nossa família, fazemos de conta que o papai Noel traz o presente na virada do dia 24 para o dia 25, ele fica todo emocionado e isso enche o nosso coração de alegria, ou seja, o nosso natal mudou drasticamente, mas continuamos comemorando de uma maneira mais intimista nesta data. (Carla).

Os avós de Carla não eram alfabetizados, tinham pouca instrução, sua avó materna era descendente de italiano e veio para o Brasil durante a Primeira Guerra Mundial. Já seu avô materno era descendente de portugueses, sabiam ler mas nunca havia frequentado a escola. Sua avó paterna morou na cidade grande, não sabia ler, mas tinha um conhecimento além do universo acadêmico, pois criou praticamente sozinha os 14 filhos, após seu avô paterno ter falecido pouco depois que o pai de Carla nasceu.

Carla, desde muito nova, foi inserida em relações sociais além da configuração familiar. Pelo fato dos pais terem sido professores em período integral, parte do dia Carla estava em uma instituição educacional e no outro período foi educada e cuidada pela vizinha, como também se relacionou tranquilamente com os filhos da vizinha e com as outras crianças que eram cuidadas por ela.

Além do mais, viajavam juntos todas as férias, principalmente para o interior, para a casa da avó materna, onde adoravam ir passear. Não tinham o hábito de frequentar shoppings, a família estava sempre junta, construindo uma base sólida e estável.

Na infância, Carla estudou no período da manhã em uma instituição educacional chamada Kolping, uma instituição sem fins lucrativos ligada à igreja católica. Recorda-se de colorir desenhos, das brincadeiras no parquinho, a parte que mais gostava, e de ter aprendido as letras do alfabeto nessa instituição. Os pais de Carla se esforçaram para que ela e a irmã estudassem em escolas particulares, e além do curso regular, seus pais lhes proporcionaram curso de

inglês, natação e música, pois eles entendiam como uma formação importante para o investimento também na psicomotricidade, além da parte cognitiva

Quando Carla, ingressou no ensino fundamental, o processo de alfabetização foi prazeroso, pois já havia aprendido o alfabeto na educação infantil e era uma aluna dedicada e esforçada, adjetivos que foram percebidos pelos professores. Mas, apesar de todo o esforço, teve problemas de adaptação, como percebemos em suas palavras:

[...] não queria ir pra escola, chorava todos os dias, lembro que era muito tímida e que não conversava com ninguém, para falar a verdade, não me lembro de nenhum colega que tenha feito neste período, minha mãe conversava comigo sempre sobre a importância de ir pra escola mas nada me convencia em participar daquela forma de escola, não gostava, mas tive uma professora que foi muito importante nesse processo e que entendia essa timidez e me ajudou a superá-la, sentava na frente, não me expunha de forma nenhuma e sempre que possível estava presente para me ajudar no particular, mas o fato de estar acima do peso, me deixava cada vez mais tímida, algo que foi superado quando fui para o ensino fundamental – anos finais.(Carla).

Seus pais sempre estiveram presentes em todas as apresentações e todas as atividades extras promovidas pela escola, pois não perdiam nenhuma reunião de pais. A mãe de Carla cuidava para que as atividades escolares fossem cumpridas de acordo com o cronograma escolar. Recorda também que, durante a semana, a rotina era sempre a mesma, quando chegavam em casa, sentavam-se as três, Carla, a irmã e a mãe para fazerem as atividades escolares e antes do jantar ser servido já tinham terminado tudo o que as professoras solicitavam. Sua mãe sempre foi presente e acompanhava as tarefas escolares, seu pai, no entanto, era mais distante, mas nunca ausente.

Carla mudou de escola no final dos anos finais do ensino fundamental, mudança que hoje avalia como positiva, pois se descobriu mais bonita e menos tímida. Seu empenho escolar já não era como antes nas séries iniciais, mas continuou sendo disciplinada, pois se recorda que a primeira nota vermelha foi apenas aos 14 anos, na 8ª série – como era chamada na época. Carla começou a perceber que o estudo não era tão mais importante assim do que a sua formação quanto pessoa, começou então a descobrir outras coisas e a fazer

novas amizades. Aliás, relata que uma de suas melhores amigas foi dessa época e até hoje o elo permanece entre elas.

Carla conclui o ensino médio aos 17 anos sem maiores dificuldades, mas em razão da ação dedicada de um professor que ressignificou o ensino da geografia, ela se apaixonou pela disciplina e decidiu que estudaria geografia na graduação.

A configuração das condições e disposições econômicas da família de Carla lhe possibilitou os estudos como prioridade antes do trabalho remunerado. Por isso, foi exercer a docência no último ano da faculdade e em uma escola em que sua mãe era vice diretora, onde lecionou como professora eventual em uma escola da periferia de Carapicuíba, uma comunidade bastante carente, onde faltava comida para algumas crianças. Ali Carla descobriu que lecionar não era tão fácil assim, pois como almejar que as crianças aprendessem sobre domínios morfoclimáticos da geografia se lhes faltava alimento em suas barrigas? Ainda como professora eventual, obteve sua próxima experiência na Educação de Jovens e Adultos lecionando geografia. O perfil de seus alunos na EJA era composto, em sua maioria, por trabalhadores que necessitavam do diploma ou seriam despedidos, assim estavam ali para o ensino simplificado, sem muitas discussões aprofundadas do conteúdo. No final de sua experiência com Educação de Jovens e Adultos o perfil dos alunos começou a mudar, era uma turma de 7ª série composta por adolescentes que começaram a sentir a dificuldade em entrar no mercado de trabalho sem a conclusão do ensino médio.

No ano de 2007, Carla começou a lecionar para a rede pública na escola estadual José Benício dos Santos na cidade de Carapicuíba, região metropolitana de São Paulo. Hoje ela possui 13 anos de docência na rede pública, período de muitas experiências, alegrias e dificuldades. Recorda que quando entrou na educação entendia que poderia mudar e transformar o mundo e isso gerou um sentimento de frustração, pois foi percebendo que não era assim que as coisas funcionavam, pois não conseguia atingir 100% dos alunos em sala de aula, embora hoje perceba que se ao menos conseguir atingir cinco alunos de cada sala de aula e fizer a diferença na vida deles, está cumprindo com excelência seu papel de professora.

Atualmente Carla tem 40 aulas na rede estadual de São Paulo e 10 aulas na rede particular, ambas na cidade de Carapicuíba, e grande parte de seu alunado reside em comunidades locais no mesmo município.

Hoje constata-se que a mãe de Carla foi considerada um espelho para muitos, porque quando sua mãe ingressou na carreira do magistério, todos seus primos foram para a área da educação, assim como Carla e sua irmã. Portanto, é notória a influência que os pais de Carla exerceram sobre ela quanto à tomada de decisão sobre a área profissional. Seus pais não ficaram muito satisfeitos quando ela anunciou que queria ser professora, pois eles sabiam os sacrifícios e a falta de reconhecimento que a profissão traria, mas apesar disso, apoiaram-na em sua escolha e custearam seus estudos.

Conforme já mencionado, assim, ingressar na graduação foi o próximo passo que Carla deu, com o apoio financeiro de seus pais, pois, conforme relata,

[...]estudava de segunda a sábado e nunca me arrependi do curso que eu tinha escolhido e desde sempre tinha uma certeza que tinha feito a escolha certa, tivemos várias viagens de estudo de campo, as aulas eram agradáveis, confesso que algumas não eram tão atrativas, eu não gostava muito de geoprocessamento, mas aprendi o necessário, descobri a criticidade, a leitura e o fascínio de cursas ciências humanas. Como eu não trabalhava tinha todo o tempo para me dedicar à graduação, e foram apenas 3 anos e que se passaram muito rápido.(Carla).

Além do mais, Carla compreende que o estudo e a busca de novas perspectivas lhes possibilita aprimorar a sua prática pedagógica. Para Carla, sua profissão é fascinante:

Vejo hoje que o professor é muito mais que um papel no cenário da educação, ser professor é despertar o que não foi despertado ainda, como a figura da professora ainda nos dias de hoje é vista como uma referência, não só como transmissor do conhecimento mas sim como uma pessoa que pode trazer uma palavra de conforto mesmo sem saber a realidade de cada estudante, isso não tem como ser mensurado. (Entrevista de Carla).

O interesse de Carla pelo mestrado acendeu no ano de 2012, pelo fato de gostar de estudar e pelo interesse sobre o tema que estava pesquisando, “habilidades socioemocionais”. Além disso, menciona estes outros fatores:

perceber melhores oportunidades de emprego na educação, poder trabalhar na gestão ou em outros projetos voltados para as habilidades socioemocionais, possibilidade de trabalhar em universidades e isso ser revertido em um aumento significativo de seu salário atual, além de outro detalhe: porque Carla acha “chique” falar que é mestre em educação. Quando prestou o primeiro processo seletivo para o mestrado, não teve êxito, mas ainda assim, aproveitou o ano, cursou pós-graduação em Psicopedagogia e em 2018 prestou novamente o processo seletivo para o mestrado, mais confiante com o projeto inicial. Foi aprovada na prova escrita e na arguição em novembro daquele ano e no ano seguinte, em meados de março, obteve a resposta de que tinha sido aprovada, ingressando como aluna bolsista. “Quase morri de alegria!”, relata-nos em suas palavras.

Carla está cursando atualmente o terceiro semestre e pretende qualificar e defender seu trabalho no segundo semestre do ano de 2020. De acordo com as suas impressões sobre a experiência do mestrado:

[...]nos primeiros semestres fiz todas as disciplinas, cumpri todos os créditos, confesso que muitas vezes pensei em desistir, afinal, são muitas demandas ao mesmo tempo, não estava conseguindo conciliar a vida profissional com 50 aulas, além de ministra-las também tenho que prepará-las, minha vida como mãe, meu filho ainda é bem pequeno, comecei o mestrado e ele tinha 4 anos, minha vida como esposa, sou casada há 6 anos, minhas tarefas de dona de casa, pensei em alguns momentos que iria enlouquecer, deixava de fazer muitas coisas para conseguir tudo que era preciso, mas por fim, percebi que estou na reta final e não posso desistir depois de ter cumprido mais da metade do que é pedido, mas não foi fácil, mas entendo que nunca será, quando saímos da nossa zona de conforto.

(Carla).

Pontos a considerar diante da trajetória de Carla:

- Nasce numa família constituída por pai, mãe e logo após tem uma irmã; configuração familiar estável, harmoniosa e unida.
- A forma familiar da cultura escrita é presente em sua vida;
- Condições e disposições econômicas favoráveis ao seu desenvolvimento físico, orgânico, emocional-afetivo e cognitivo-mental.

- Existe uma ordem moral e autoridade familiar que são vivenciadas pelas figuras do pai e da mãe e que Carla transpõe essa vivência para as relações de autoridade na escola, pois de acordo com seu relato sempre apresentou um comportamento disciplinado.
- Seus pais fizeram um investimento econômico e pedagógico, pois além de cursos em escolas particulares, houve investimento na língua estrangeira, assim como o curso de música e a natação que promoveram a Carla a possibilidade de desenvolvimento de outras áreas de aprendizagem.
- Carla segue a influência de seus pais na escolha que determinará sua profissão mesmo diante das dificuldades.

### 3.2 Retrato Sociológico 2 – Cláudia

**Cláudia**, 44 anos, nasceu e cresceu num bairro da zona leste da cidade de São Paulo. Seus pais, avós maternos e paternos, estudaram até o 4º ano do Ensino Fundamental. Das lembranças de sua infância, narra que sua mãe não esquece a ofensa que guarda da avó, por ela não ter permitido que a filha estudasse, pois trabalhar era a ordem para fazer dinheiro e ajudar nas despesas de casa. Sua irmã mais velha, formada em marketing, atualmente trabalha como corretora de imóveis. A irmã mais nova, formada em jornalismo, direito e fisioterapia, trabalha como fisioterapeuta. Já seu irmão, por parte do pai biológico, possui graduação e mestrado em artes cênicas e atualmente trabalha como professor universitário.

Os pais se separaram quando ela tinha poucos meses de vida, mas sua mãe se casou novamente com o primeiro namorado. Por isso, Cláudia considera o padrasto como pai, já que ele a criou desde seu primeiro ano de vida. Seu pai trabalhou e se aposentou na empresa Congás, onde realizava atividades de escritório. À época, foi educado para ser o provedor da família, ao passo que competia à mulher os cuidados com a casa e com os filhos. Por isso, sua mãe se casou aos 18 anos, teve duas filhas e foi compelida a trabalhar em casa, desempenhando afazeres domésticos e maternos.

Quanto à formação, a entrevistada realizou seu percurso escolar até o Ensino Médio em rede pública, mas no último ano do Ensino Fundamental II, optou por cursar o Magistério. Em 1998 se graduou em Pedagogia e durante a universidade foi aprovada em concurso público pela Prefeitura de São Paulo. Atualmente, é divorciada, mãe de um adolescente de 15 anos e Professora Orientadora de Sala de Leitura, onde ministra aulas para as 24 salas, sendo 10 salas no Ensino Fundamental I e 14 no Fund. II.

Na infância, ela morou na mesma casa até os 11 anos de idade, onde a família, composta por cinco pessoas, vivia com o salário do pai, aproximadamente três salários mínimos, classe baixa com possível ascensão para a média. A casa era alugada, com dois dormitórios, sala, cozinha, banheiro, quintal, uma escada muito comprida e um grande jardim na frente. Localizava-se próxima a uma avenida bastante movimentada.

Recorda-se que, os finais de semana, sua mãe a levava, junto com as irmãs, para andar de bicicleta na rua. Em casa, brincava com a irmã mais nova de escolinha, boneca, pintar e desenhar, mas quando iam à rua, empinavam pipa, pulavam amarelinha e brincavam de super-heróis, além de brincar também com as vizinhas e amigas da escola. Recorda-se que adorava os lanches e os brinquedos quando brincava na casa das amigas e achava tudo muito divertido.

Destaca os momentos de lazer, aos finais de semana, no clube Juventus, localizado no bairro da Mooca, onde tios e amigos de seus pais se encontravam. Sua mãe preparava uma cesta de alimentos, como maionese e vinagrete, e o pai fazia um delicioso churrasco. Eram momentos intensos de brincadeiras, como esconde-esconde, pega-pega, corre cotia, além das brincadeiras no parquinho. Ela não se esquece também dos momentos de piscina, dos bailes de carnaval e dos aniversários realizados no clube. Já nas férias de verão, os pais alugavam um apartamento na praia e viajam para lá.

Quanto à rotina de casa, era rigorosa:

Tinha horário para tudo. Hora de acordar, de almoçar, de dormir, de ir à escola, de brincar, de tomar banho. Quando meu pai chegava em casa do trabalho, era momento de não fazer barulho e a TV era só dele. Tinha que pedir a benção antes de dormir e dar o beijinho de boa noite no pai e na mãe. (Cláudia)

Relata ainda que a mãe cuidava dos afazeres domésticos com extremo zelo: limpava, cozinhava e consertava as roupas. Cláudia também colaborava, pois se revezava com as irmãs para lavar e secar a louça, cada uma arrumava a sua cama e às sextas-feiras ajudavam a mãe na faxina geral, porque a mãe sempre advertia: “A casa tem sempre que estar limpa!”. Além disso, sua mãe cuidava impecavelmente da alimentação das filhas, fazendo todas as refeições diárias, cujo cardápio era: pão com manteiga e achocolatado no café da manhã; arroz, feijão, legumes, salada e uma carne no almoço; bolo e suco à tarde e ainda jantavam; porém, fora educada a comer o que se coloca no prato, porque não se podia desperdiçar alimentos. Quando havia algum alimento que a menina não gostasse, a mãe a deixava comer arroz com atum em lata, sem reclamar, embora o pai se queixasse um pouco disso.



Ainda com relação à educação recebida, a mãe era a autoridade da casa e por isso as regras eram estabelecidas por ela, sem deixar que jamais alguém interferisse, tais como: não responder, não brigar com as irmãs, dividir o que tinha, escovar os dentes, rezar antes de dormir e obedecer às ordens sem reclamar.

Ainda sobre o lazer, além das idas ao Juventus, frequentava o cinema só nas férias escolares, e se recorda que certa vez assistiram ao filme *Os Trapalhões na Serra Pelada*, comendo a pipoca que havia sido preparada em casa, pois só havia o dinheiro para os ingressos.

No que compete à religião, lembra-se de que esse tema entrou em casa apenas quando seu pai ficou desempregado:

Na verdade, minha mãe falava de Deus como católicos. Com o desemprego do meu pai há mais de 1 ano, minha avó (mãe do meu pai), procurou ajuda em um Centro de Umbanda. E depois de meu pai conversar com o Marinheiro, ele conseguiu o emprego. A partir deste momento, começamos a frequentar a umbanda, mas minha mãe mandava dizer que éramos católicos e que gostavam de ir ao Centro, ou seja, onde tem Deus, era um bom lugar. (Cláudia)

Relata também que recebiam presentes apenas no aniversário e, caso não reprovassem na escola, no Natal. Em especial, a então menina não se esquece da bicicleta e de uma boneca, porque no aniversário era só vestuário, como calça jeans e tênis. Aliás, divertia-se muito nas festas natalinas com os primos, pois havia fartura de comida e muitas brincadeiras. Em um dos amigos-secretos, a linda mochila azul e emborrachada lhe foi um presente inesquecível. Além disso, a diversão era garantida por seu pai e os tios, que bebiam, vestiam-se de mulher, dançavam, enfim, valia tudo... e inclusive as crianças podiam comer e brincar o tempo todo.

Ainda sobre infância, relata sobre os excessos do pai com relação à bebida, algo que fazia com que ele apresentasse duas “personalidades”: sem a bebida, era reservado e conservador, mas sob o efeito dela e ao lado dos amigos era brincalhão. Como ocorre às vezes com crianças, nos momentos de embriaguez, ela podia lhe pedir o que quisesse que era atendida; porém, sem a presença dos amigos, o pai era agressivo nas palavras e nos gestos. Por isso,

ela optava por dormir e ficar calada para não ter que ouvir mil vezes a mesma história. Ao se recordar desses momentos, sem dramaticidade, diz:

Meu pai não queria que eu fosse professora, ele queria que eu tivesse uma profissão que me rendesse status e um bom estado financeiro, porém tinha orgulho dos elogios que recebia dos amigos do bar, cujo os filhos eram meus alunos. Eu amo meu pai, nunca respondi, sou grata pelo que ele fez, ele me levava aos jogos de futebol e para o bar quando pequena, depois ele ia sozinho. Não havia conversa de amigos, só o essencial, contar as novidades de ganho, notas, conquistas, como informes para se sentir orgulhoso, pedir permissão para sair, ir viajar. (Cláudia)

Ainda sobre a família, conta-nos que os avós paternos tinham baixa instrução, estudaram até o 4º ano do Ensino Fundamental. A avó era dona de casa, teve dois filhos, e o avô trabalhava em uma empresa de guarda-chuva, cujos donos eram parentes dele. Por outro lado, seus avós maternos também tiveram acesso ao mesmo grau de instrução. A avó era dona de casa e o avô era alfaiate. Tiveram sete filhos.

Como foi dito acima, apesar de Cláudia não ter sido criada pelo pai biológico, mais tarde, aos 28 anos, ela o conheceu quando estava grávida e fazia terapia devido ao curso de psicanálise que frequentava. O terapeuta lhe recomendou procurar o pai biológico para que houvesse um momento de perdão e ela o enxergasse com seus próprios olhos, ao invés do prisma da mãe. Além do mais,

[...] isto seria bom para a gestação do meu filho e seria uma possibilidade do nódulo que estava no meu seio esquerdo continuar a ser benigno, já que segundo a análise eu criei esse corpo estranho por não ter aceitado inconscientemente o distanciamento do meu pai. Sentimento que não tinha conscientemente, meu pai biológico nunca me fez falta e eu mesma não tinha desejo de vê-lo, revolta, indignação... não tinha nada disso, acreditava que cada um faz a sua escolha que quiser e eu não tinha o que reclamar, se Deus havia me dado um pai presente. (Cláudia)

Por conseguinte, também nesta fase que conheceu, por parte do pai biológico, um irmão que residia em Campinas-SP e era dançarino de uma companhia de dança. Aliás, esse irmão foi morar com ela, a pedido de uma entidade espiritual, que disse ser melhor para ele estar em companhia da irmã,

na época casada. Assim, o irmão morou com ela por três anos, e ela o incentivou a voltar a estudar: ele prestou vestibular, graduou-se em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo e continuou o Mestrado pela mesma Universidade. Ela narra este fato com muito orgulho, pois diz que foi um período sublime, já que ela considera o irmão como se fosse gêmeo dela: “só de olhar nos entendemos, ele é inteligente, amoroso e sonhador”.

No que diz respeito à formação, ela iniciou seu percurso escolar no 1º ano do Ensino Fundamental em escola pública. Rememora a escola grande, o cheiro do material novo, a fila dos alunos esperando a professora chegar no pátio para leva-los à aula, enfim, em suas palavras, “tudo era encantador”. Exigiam uniforme escolar: saia azul pregueada, camiseta branca, meias e congá. Para as aulas de educação física, saia branca com shorts vermelho.

Não apresentava dificuldades na escola, sempre foi muito curiosa e esforçada, e como a sua mãe lhe ensinou as letras e a escrita de seu nome, aprendeu a ler rapidamente. Recorda-se de olhar as placas das ruas e tentar decifrá-las, pulando de alegria quando conseguia. Ao retornar da escola, corria para a mesa para realizar as tarefas de casa. Contudo, não gostava de ler.

Seu material escolar era impecável, pois os livros eram comprados pelos pais e sua mãe os encapava. Relembra, sobre o material, que era

[...] difícil perder alguma coisa, não gostava de levar bronca da minha mãe nem causar aborrecimentos. Minha mãe dizia que os professores sempre estavam certos e se ela recebesse algum tipo de reclamação eu iria apanhar. (Cláudia)

Quanto ao uso do livro escolar, copiava no caderno as atividades antes de resolvê-las, e por isso havia muitas cópias, mas ela gostava de fazer todas as lições. Depois, no ano seguinte, o livro era emprestado para outro, e por isso o zelo deveria ser maior, pois o devolveria para a escola no final do ano.

Quando ela necessitava de algo, sua mãe sempre dava um jeitinho de fazer, e ela a retribuía com boas notas na escola e obediência às regras domésticas, como por exemplo: manter o material escolar no armário, chinelo no tanque, toalha pendurada no varal, roupa suja no tanque, não sair sem avisar, ir

para casa depois da escola sem se desviar do caminho, não sair sem companhia, não comer fora de casa... Se fosse à casa de alguém, deveria pedir licença, não falar de boca cheia, lavar a louça e colocar-se à disposição para fazer alguma coisa. Apesar do uso da violência, foi educada à base dos valores morais confessados abaixo:

[...] Minha mãe batia quando ela mandava parar e eu e minhas irmãs continuávamos gritando, brigando, coisa besta de irmãs, batia quando chegava da rua e tinha se atrasado, por ter ficado nervosa e preocupada. Batia com a mão ou chinelo. Frases de minha mãe: “Estude para não depender de homem”, “economize seu dinheiro para conseguir o que quiser”, “não maltrate a ninguém”, “escola em primeiro lugar”, “primeiro o dever depois o lazer”, “a casa tem sempre que estar limpa”. (Cláudia)

Destaca-se que ela jamais ficou de recuperação e nem precisou ter aulas particulares, já que suas notas eram entre 7 e 10, e sua mãe sempre esteve presente nas reuniões de pais da escola. Lá, tinha muitos amigos e admirava todos seus professores. Nesta época, ela já sentia certo encantamento pela profissão de professor, pois acreditava que ser filha de professor seria o máximo, uma vez que teria assistência de tudo e ganharia todos os passeios da escola de graça.

Não se esquece da professora passando batom nos últimos segundos da aula à espera do som do sinal, do gosto da merenda, do cheiro da lancheira, das brincadeiras de empurrar os meninos para dentro do banheiro das meninas e de fugir, para a inspetora não levá-la à diretoria, além do passeio até ao Playcenter, famoso e extinto parque de diversões da cidade de São Paulo, onde muitas escolas, inclusive algumas públicas, levavam os alunos. A única coisa que apresentava dificuldades era com a forma das letras:

Minha letra era horrorosa, caderno de caligrafia era um constante em meio ao material. Tinha cobrança, mas por mais que eu me esforçasse, nunca consegui fazer letra bonita. Eu entendi que nem tudo que se esforce para fazer iria ter o resultado esperado, entretanto, o esforço levaria à melhora. (Cláudia)

Curioso foi que ela descobriu a palavra “magistério” com as amigas de sua irmã e ainda criança decide que seria professora. Lembra-se que no 7º ano,

um ano antes de sua formatura, seus pais compraram um apartamento em um bairro vizinho e por isso ela mudaria de escola, mas sofreu muito por ter que se separar de seus amigos. Foi quando obteve sua primeira nota vermelha. Ela então pediu à sua mãe que a deixasse terminar os dois últimos anos que faltavam na escola antiga, mas a mãe lhe disse que não havia dinheiro para pagar o transporte todos os dias. Logo, teve que se conformar e recuperar a nota vermelha: fez uma amizade que a ajudou. E depois de terminar o ano, já possuía muitos amigos e chorou por ter que se separar deles novamente, já que a escola não oferecia o Ensino Médio.

Depois da formatura do 8º ano, foi para o Ensino Médio cursar o Magistério e adorava ir às festas nas garagens, realizadas sob uma lona amarela no portão, luzes coloridas na garagem feitas com papel celofane, celebradas à base de refrigerante, cachorro-quente, carne louca e música agitada, mas com pausa para a sessão de lentas, isto é, a hora dos beijos. Às 22h terminava a festa e todos voltavam para suas casas.

Festas à parte, afirma, na realidade, que o Magistério, foi uma época de muitas mudanças, um curso composto somente por meninas, em período integral, com o propósito de se tornarem professoras. Aliás, já no segundo ano, ela começou a trabalhar em uma escola exercendo tal função, o salário que Cláudia recebia era exclusivamente para suas necessidades pessoais. Segundo ela, os professores do Magistério eram gentis e animados, e quando havia campeonatos com o outro turno, havia meninos, o que tornava a situação ainda mais divertida.

Sobre a decisão de qual curso escolher para a graduação, afirma que recebeu ajuda de sua professora de Metodologia, que a questionou: “Se você que gosta da área da educação não fizer Pedagogia, quem irá escolher?”. Portanto, escolheu aquele curso. Sobre isso, diz:

Lembro da minha pasta de atividades comemorativas que tínhamos que fazer. O magistério preparava a pessoa para entrar em sala de aula. Tínhamos cadernos de atividades de cada disciplina, tinha os estágios. Sempre tive certeza que esse era o mundo que eu queria estar. Queria muito poder ensinar uma criança a aprender a ler e a escrever. Ensinar a gostar da escola e a querer aprender a aprender. (Cláudia)

Conforme foi dito acima, sua experiência profissional como docente teve início em 1991, aos 14 anos, em uma Escola de Educação Infantil, onde permaneceu até os 21 anos. Nesta escola, atribuíam-lhe as salas das crianças de três anos. Enquanto cursava o segundo ano do Magistério, também participava de um grupo de teatro, experiências que fizeram parte de sua formação como pessoa. Sobre o início na docência:

Era extremamente gratificante e motivador, no início da minha docência, ouvir relatos dos pais, orgulhosos de seus filhos, como: “Adoro ouvir meu filho dizer: “Eu adoro ir à escola! Vamos mãe, não posso me atrasar!””, ou então: “Chega sábado e domingo, meu filho chora, pois não tem aula, e ele só se acalma quando digo que segunda-feira é no outro dia”. Aos 14 anos chegava no trabalho às 8h, saía às 12h. Chegava em casa 12h30, entrava na escola às 15h e saía às 19h. E aos finais de semana fazia parte de grupo de Teatro. Tudo perfeito! (Cláudia)

Na realidade, relata que durante a escolha do curso da graduação, surgiu um duelo entre Pedagogia e Psicologia, mas como naquela época as estratégias de vestibular eram outras, ela realizou as provas em algumas Faculdades com a primeira opção em Pedagogia e a segundo opção por Psicologia, mas a resposta da primeira opção saiu primeiro e havia prazo para fazer a matrícula. Apesar de ter sido aprovada nas duas, escolheu o curso de Pedagogia em universidade particular.

Em 1997, enquanto ainda cursava a graduação, ela foi aprovada em concurso para Professor da Prefeitura de São Paulo e lhe foi atribuído o 1º ano de uma escola na Zona Norte de São Paulo, onde, por nove anos, lecionou em salas de alfabetização. As crianças moravam em comunidades carentes, muitas delas em barracos com metade da casa localizada dentro de um córrego e por isso, quando chovia, a residência alagava.

Mesmo em meio às adversidades, confessa que ensinar a ler e a escrever era para ela a realização de um sonho, aliás, foi quando percebeu a importância da educação, mesmo não possuindo demais recursos para atender a todas as dificuldades das crianças:

Tinha alunos de 7 anos e outros com 10 anos repetentes que nem o nome sabiam fazer, iam para a escola apenas para comer, eram 42 alunos em uma sala de aula para 30. Material zero, só problemas. Me empenhei em tudo que podia fazer, fui

fazer a Psicopedagogia e a Psicanálise para superar minhas indignações, mas os problemas sociais eram superiores ao aprender o ABC. Consegui também muitas vitórias, foram 9 anos em 2 períodos por ano em alfabetização. Cerca de 800 alunos neste período e em contra turno com as demais séries do Ensino Fundamental I, atuando com os projetos dos jogos teatrais. (Cláudia)

Em 1998, graduou-se em Pedagogia e suas habilitações (Administração Escolar, Coordenação e Supervisão), e em 2000 iniciou a pós-graduação em Psicopedagogia motivada pela inquietação que despertava cada vez que observava educandos com dificuldades de aprendizagem. A Psicopedagogia, principalmente por meio da Psicopedagoga Alicia Fernández, fez-lhe crer que o educando apresenta uma inteligência aprisionada, mas ela se questiona: “Qual seria a chave para abrir esse cadeado”. Foi por essa razão que caminhou para o estudo da Psicanálise, onde ela comprovou que o ato de conhecer a si é a chave para a libertação da inteligência, a fim de Aprender, Aplicar e Ensinar.

Ainda não satisfeita e com sede de mais conhecimento para encontrar caminhos, em 2003 faz sua segunda pós-graduação em Relações Humanas. Neste período, estava casada e grávida. Por questões familiares e devido à maternidade, ela se desligou das salas de aula por sete anos; entretanto, continuou desenvolvendo sua prática nos atendimentos de Psicopedagogia Domiciliar e com aulas particulares.

Em 2014, novamente foi aprovada em concurso público para Professor de Educação Infantil e Ensino Fundamental I, da Prefeitura da Cidade de São Paulo, tomando posse em fevereiro de 2015. Participou do grupo de Formação dos Direitos de Aprendizagem – Diálogos Interdisciplinares para a construção dos Currículos de Artes, pela DRE 13.

No final de 2016, motivada por uma amiga professora, participou do processo seletivo e em 2017 ingressou como bolsista no Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE) da Universidade Nove de Julho (UNINOVE), concluindo o curso em novembro de 2018. Durante o mestrado, fez parte da linha de pesquisa Intervenção em Metodologias da Aprendizagem e Práticas de Ensino (LIMAPE), com o objetivo de aprofundar seus estudos, refletir teoricamente, desenvolver

estudos em uma perspectiva ação-intervenção e constatar que é possível minimizar os problemas encontrados no cotidiano, tornando-se assim Mestre em Educação. Conforme Cláudia, a docência é uma atividade humanitária que consiste em trilhar caminhos à libertação de dogmas irrealistas de viver em sociedade.

Em 2020, Cláudia foi referendada ao cargo de Professora Orientadora de Sala de Leitura onde ministra aulas para todas as 24 salas que compõem o ano letivo da escola, que, aliás, está lotada: são 10 salas do Ensino fundamental I (1º ao 5º ano) e 14 salas do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano). Iniciou na Sala de Leitura em 2017 com a necessidade de adaptar seus horários de trabalho com as aulas do Mestrado.

Sua jornada de trabalho em 2020 compreende estar todos os dias na escola, mas em horários alternados, para contemplar todas as turmas. Quando questionada se mudaria de profissão, responde:

Nos dias atuais, depois de 30 anos em sala de aula com 44 anos de idade, formação em nível de Mestrado, salário inferior se comparado com outra profissão que exige o grau de instrução que tenho, tantas horas de organização para as aulas e estrutura emocional para auxiliar alunos, pais e colegas professores, digo, que mudaria de profissão. Teria caminhado para o campo do Direito na vara familiar.

Minhas expectativas de trabalho diminuem a cada ano com a negligência às reais necessidades dos alunos, professores, gestão e comunidade escolar. A lei do mínimo esforço impera perante os alunos e pais. A gestão nada pode fazer, pelas leis que foram impostas por pessoas que não vivenciaram a sala de aula ou se vivenciaram foi em tempos passados em que a escola tinha outro valor social. (Cláudia)

Entretanto, relata-nos que o seu ingresso no Mestrado foi algo incrível em sua vida, estar no ambiente acadêmico lhe trouxe vida, devido à convivência com os professores, suas pesquisas e a maneira como eles desafiam os alunos para o aprendizado. Nas palavras da entrevistada, os professores “são humanizadores”, já que tratam o aluno como amigo e valorizam suas experiências e necessidades. Essa sua experiência exitosa demonstra gratidão pela oportunidade:



O curso me fez atingir os objetivos profissionais, pessoais e interpessoais. As disciplinas do Mestrado me ajudaram na melhora da produtividade e qualidade das produções, possibilitando maior entendimento quanto ao estudo das metodologias qualitativas e quantitativas, seus tipos e procedimentos de coleta de dados. Os momentos de apresentações dos projetos de pesquisas foram enriquecedores.

Estabeleci conexões com meu fazer pedagógico e percebi a possibilidade de uma educação libertadora e criadora, presentes nas intervenções durante todo percurso da pesquisa. Contribuí para uma reflexão sobre o trabalho, no sentido de se pensar sobre uma prática pedagógica condizente a formação desses sujeitos. Participei do módulo internacional que ocorreu na cidade de Santiago no Chile, uma experiência de relevância máxima para minha formação e compreensão do sistema de ensino de outro país. Nos encontros, tanto nas Universidades com os Mestrandos chilenos, quanto nas reuniões com professores de escolas públicas e particulares, encontrei o uso do teatro como prática de ensino em pequena escala, porém os pesquisadores após minha apresentação ficaram entusiasmados para aprofundar nos conhecimentos e práticas a desenvolvidas. A apresentação foi exibida no site do “Programa Interdisciplinario de Investigaciones en Educación (PIIE)” e no youtube como divulgação e possibilidades de encontros com outros pesquisadores, atores e docentes que se interessam pela mesma prática. Foi uma experiência marcante e permanente, devido a importância do tema, poder atingir em tempo recorde, a quem interessar, apenas digitando o meu nome ou o nome do projeto de pesquisa.

A qualificação foi em 20 de junho de 2018, uma fase insubstituível e muito enriquecedora para a continuidade da pesquisa. A aprovação foi emocionante. E permitiu a continuidade da pesquisa.

Rumo à defesa desta pesquisa foi outra fase de ajustes e concluo que minha dissertação foi enriquecedora e uma experiência que compartilho para minhas amigas e amigos que desejam investir em si mesmos. (Cláudia)

Em 18 de novembro de 2018 foi realizada a defesa da dissertação de Cláudia, tornando-se Mestra em Educação, mas já com o desejo de cursar também o Doutorado.

Pontos a considerar diante da trajetória de Cláudia:

- Nasce numa família constituída por pai, mãe e irmã e pouco tempo depois seus pais se separam, sua mãe casa-se novamente e mais

tarde nasce a irmã caçula. Conhece o pai biológico e o irmão quando adulta.

- Mesmo os pais tendo baixa escolaridade, a forma familiar da cultura escrita é extremamente valorizada pela mãe, como forma de conquista de liberdade e autonomia;
- Condições e disposições econômicas estáveis providas pelo padrasto cuidadosamente administrada pela mãe.
- Existe uma ordem moral e autoridade familiar rígidas que são vivenciadas pelas figuras do padrasto e da mãe, sob regras dispostas e aplicadas pela mãe. A organização e limpeza da casa é presente na rotina diária da família.

### 3.3 Retrato Sociológico 3 - Elisângela

**Elisângela**, 37 anos, nasceu e cresceu na cidade de Itaquaquetuba, município que faz parte da Região Metropolitana de São Paulo e do Alto Tietê. Filha de pais casados, sua mãe concluiu o Ensino Fundamental e trabalhou como vendedora porta a porta. Foi sempre uma mãe presente na infância da filha, como também na vida adulta, sempre alegre. Enquanto isso, o pai estudou até a 4ª série, foi pedreiro de profissão e durante a infância da filha era amoroso e brincalhão. É a terceira filha de 4 irmãos. A escolarização de seus avós é desconhecida por Elisângela, pois recorda apenas que do lado paterno e materno eles eram trabalhadores rurais, mas sua avó materna se separou e passou a trabalhar como doméstica.

O processo de escolarização de Elisângela até o curso técnico ocorreu na rede pública municipal e estadual de Itaquaquetuba, ao passo que a graduação foi realizada na rede privada na cidade de Guarulhos, como também o Mestrado, realizado em universidade particular na capital paulista, mas onde foi bolsista.

A entrevistada iniciou sua carreira docente como estagiária em uma escola pública estadual. Após seis meses, ingressou em uma escola privada de ensino fundamental, onde permaneceu três anos. Em 2002, ingressou como concursada na rede pública estadual e permanece trabalhando em duas escolas na cidade de Itaquaquetuba. Em 2009 sua jornada foi reduzida em razão da formação continuada e atualmente perfaz 30 horas semanais.

Filha de pais casados, ela é terceira irmã de um total de três filhos homens. Provém de uma família de origem muito pobre, mas não miserável, como nos relata, moradores Itaquaquetuba-SP, cidade carente e com poucos recursos sociais.

Seus pais compraram um terreno barato à prestação, construíram uma casa com dois cômodos com banheiro externo. Tempos depois, a casa foi ampliada, com cinco cômodos, sendo que um deles era o quarto de Elisângela – isso quando ela tinha aproximadamente 13 anos. Havia um quintal grande de terra batida e o chão dos quartos era de cimento, nunca houve piso laminado. Sua mãe cuidava com zelo da casa, estava sempre limpa, organizada e bonita,

tudo muito simples e limpo. Os alimentos eram comidos, pois fartura não fazia parte da dieta familiar.

Sobre sua religiosidade, relata frequentar a igreja católica quando pequena, pois sua mãe era missionária de Maria no terço e ajudava na paróquia do bairro. Além disso, lembra-se dos momentos no candomblé e na umbanda, pois a mãe sempre proporcionava esses encontros com a religião. Já o pai dela, ao contrário, era incrédulo e pouco participativo. Ela conta que por haver muitos rituais diferentes e muita obrigação, e os diálogos e a coerência eram ausentes nesses momentos, seus irmãos não entendiam o que acontecia. Apesar dela questionar a mãe sobre isso, a respeitava e a auxiliava nesses processos, pois era algo que sua mãe gostava e tudo isso trazia ensinamentos à menina.

Assim, tais atividades religiosas fizeram parte de sua rotina familiar por um longo período, até o momento que tornaram-se motivo de brigas em casa. Livros e revistas sobre outros credos religiosos também faziam parte da cultura familiar. Após a separação de seus pais, sua mãe retomou suas atividades espirituais e passou a frequentar a igreja evangélica, onde afirma que sua mãe encontrou acalanto em seus últimos dias de vida.

As festas natalinas e os aniversários não eram comemorados na casa da família e, conseqüentemente, presentes não faziam parte da cultura familiar. Recordou-se de alguns momentos em que houve festa, duas delas, aliás, patrocinadas pela própria entrevistada quando já trabalhava. Além dessas, houve apenas mais uma feita pela madrinha e a última feita por sua tia no dia de seu aniversário. Contudo, lembra-se dos momentos de música, quando seu pai tocava violão e as pessoas vinham escutá-lo, bebiam e comiam o que havia naquele momento. Eram cantorias entorno da fogueira na época das festas cristãs, como serenatas.

Narra ainda que momentos de lazer e passeios raramente fizeram parte da vida familiar:

[...] não havia passeio algum, eu e meu irmão menor, o Adriano, quando íamos pedir isso, algum passeio, nos era falado que não tinha dinheiro para levar 4 crianças, nem para comprar nada, não tínhamos roupa para passear, é isso que lembro. Um dia eu e meu irmão Adriano, após muito brigar e reivindicar, nosso pai nos levou, a pedido meu, a um parquinho próximo ao trem, da estação Itaim Paulista. Porém, só fui eu, o Adriano e meu pai.

Ficamos tristes, não tinha como levar todos, até minha mãe foi negligenciada, assim como nunca mais pedimos para sair, pois sabíamos que nossos irmãos e mãe não iam ficar felizes também. Noto que nesse dia foi legal ao ver coisas diferentes, mas tive culpa por não ver minha família junta e sendo que eu e meu irmão tínhamos provocado isso. Nesse dia entendi a lição diária da minha mãe: “Se não é para todos, não compro e não faço, todos são iguais, nada de disputa, tem de se ajudar um ao outro”, acho que tínhamos entre 8 e 10 anos. (Elisângela).

Porém, quando a mãe permitia, havia os momentos de brincadeiras na rua, com os irmãos e os vizinhos, pois havia crianças ali e pessoas indo e vindo, muito movimento. Jogavam bola, brincavam com bolinhas de gude, empinavam pipa e quando chovia brincavam de piscina nas poças. Relata que tinha duas bonecas: uma que seu pai ganhou na fábrica em que trabalhava e a outra comprada por sua mãe. Além disso, ganhou também uma bicicleta, mas como seu irmão andou com ela fora do combinado existente, acabou sendo roubada e nunca mais tiveram outra. Dentro de casa, as brincadeiras era em conjunto com os irmãos.

A convivência familiar era sobretudo com a mãe e os irmãos, mas apesar de haver diálogo entre eles, sentia-se carente e com o sentimento de ser esquecida, já que a atenção da mãe era partilhada entre os irmãos.

Chegou um momento em que a mãe de Elisângela precisou fazer uns “bicos” para viver, pois foi vendedora de cosméticos e lingerie, indo de porta em porta:

[...] mas ela saía e nos deixava trancados em casa, não havia quem olhasse. Aliás, uma vizinha nossa, viva até hoje, que ficava da janela dela olhando a gente, pois meu irmão Rubens adorava fugir pra brincar na rua de bola e mentir, sempre muito bagunceiro. Mas ficávamos sozinhos, meu irmão maior que tinha que olhar, mas ele, coitado, nem aí, acho que nem ligava. Com isso se sente isolada sim. Mas não posso negar que ela saía e explicava onde ia e quando voltava e as regras que tínhamos de seguir. Ela voltava cansada e tinha de dar conta da casa e não tínhamos a atenção necessária na volta. (Elisângela)

Por um período o pai de Elisângela trabalhou como metalúrgico, mas para aumentar a renda da família, trabalhava como ambulante e fazia alguns serviços

de pedreiro. Posteriormente, não conseguiu mais ser contratado por empresas, tornando a profissão de pedreiro o ganha pão oficial da família.

Lembra-se ainda que quando os irmãos eram pequenos havia brigas frequentes entre seus pais pela falta de dinheiro, chegando às vezes à agressão física, e inclusive ela e os irmãos eram usados como “escudos”, maneira que sua mãe dispunha para se proteger. Passado um tempo, seus pais decidem pela separação, como ela avalia:

Com isso foi um alívio ver ele sair de casa, (nisso eu tinha 13 – 14 anos acho) todo pleno, pois quem ficou com os filhos pra criar era ela, e três meninos muito revoltados já, pois me lembro de dois irmãos, os mais bagunceiros, Rubens e Adriano, se meter muito, eu que segurava eles pra não brigar ou proteger minha mãe nessa hora, evitando mais discussões. Conversava com eles sempre, para evitar mais confusão, mas teve vezes que lembro de não me meter e deixar, cansava muito. Éramos muito pobres e meu pai não queria ajudar ela, o que fez ela pedir pensão – isso com nós grandes, 15 eu e 15 anos o Adriano – acho que isso – mas meu irmão mais velho nesse momento da saída dele trabalhava de office boy em uma empresa. (Elisângela).

Sobre os estudos, ingressou no Ensino Fundamental, mas como as escolas do bairro não eram boas, sua mãe conseguiu de alguma maneira matricular ela e os irmãos em uma escola no centro da cidade, pois a escola era de referência, muito ampla, com muitas salas, corredores grandes, largos e com muitos alunos. Isso no início da década de 90. Na realidade, seus irmãos nunca tinham estudado antes, e tudo aquilo era extremamente novo em suas vidas. Recordar-se que a sua sala era “E e F”, classificação dada aos alunos fracos, os que não sabiam ler e sequer silabar. Foi um período de muitos desafios, conforme aponta:

Não aprendia como todos e tinha dificuldade com a linguagem e a rotina escolar. Tive atrasos na apropriação da escrita e leitura, aprendi sozinha lendo livros. Passei por todas as recuperações até o final do fundamental. [...] as professoras até a 4ª série lembro que tiravam cópia de mimeógrafo em atividades sem sentido algum pra mim. Tive atrasos por isso, nunca tinha ido à escola, não sabia ler e escrever, era vista como coitada, acho. Lembro isso talvez pelo olhar de desaprovação ou negação nesse período da 1ª até a 3ª série.

Quando aprendi a estudar sozinha, achei prazeroso, antes não entendia a linguagem escolar. Para mim a linguagem escolar era

aqueles papeis (kkk), lições sem sentido pra mim. Por exemplo, a palavra babá – para mim era nada a ver nem sabia o que era. Linguagem escolar é os métodos utilizados para aprender, livros e a organização da escola, achava muita disciplina sem explicação e lições sem sentido. Demorei entender a dinâmica do aprender e estudar, pois isso não acontecia na minha casa, eu não tinha contatos culturais e como iria entender tudo, nunca percebi sentido até chegar na 4ª e 5ª série onde, após sozinha, consegui estudar e tentava encontrar sentido no que passava na escola. (Elisângela).

No entanto, quando estava no final da 2ª série, fazendo a recuperação, ela é percebida pela Sra. Neide, uma educadora que a chama para conversar:

[...] ela foi a única a me chamar para conversar e dizer que eu não sabia ler e tinha de me esforçar. Perguntou como era minha rotina e eu estava de recuperação por isso. Entendeu que eu era diferente não fazia nenhum sentido o que ela me dava na escola, eu entendo que ela percebeu isso. (Elisângela).

Além disso, mantinha uma relação boa com as outras crianças, eram poucas as amigas, e no momento do recreio, alguns amigos repartiam o lanche com ela: salgadinhos ou frutas. Levar lanche para a escola foi algo que jamais aconteceu na vida de Elisângela e de seus irmãos, e com isso eles se alimentavam na escola no horário de entrada e saída. Como era sabido pelas merendeiras que eles eram muito pobres, elas perguntavam a eles se queriam repetir, mas às vezes isso era feito na frente dos outros colegas, na tentativa de justificar que eles podiam comer mais:

[...] pois éramos pobres, mas vi um dia minha mãe indo falar com a diretora e depois com a merendeira mostrando eu e meus irmãos, sem dúvida confirmando o assistencialismo a nós, eu mesma não tinha vergonha, comida era benção dizia minha cultura familiar, mas via os olhares das pessoas e isso sim me incomodava. (Elisângela).

Sua mãe participava das reuniões de pais e das atividades escolares. Afirma que quando seu pai e sua mãe conseguiram comprar uma ou duas camisetas da escola, ela gostava de usá-la e se destacava na rua, de maneira que os vizinhos perguntavam à sua mãe como ela tinha conseguido matricular ela e os irmãos naquela escola, já que era algo incomum.

No tocante à leitura, começou a fazer parte da rotina familiar quando Elisângela tinha cerca de 12 anos, a pedido da escola. Recordar-se da obra *O Alienista*, de Machado de Assis, e outros de literatura, como *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, comprado com o dinheiro de seus pais, mas passado do filho mais velho para o próximo, até chegar a ela, de modo que fosse lido pelos quatro filhos.

Neste período, ela vivia entre os períodos atribulados em casa, com as brigas e discussões de seus pais e as dificuldades na escola. Permaneceram na mesma escola até quase o final da 8ª ano, porque houve uma organização na rede estadual e eles foram transferidos ao final do ciclo para uma outra escola na região central da cidade, mas que não dispunha da mesma qualidade e disciplina com os alunos, e apesar de possuir um prédio novo, com laboratórios e bibliotecas, eles raramente eram utilizados pelos alunos.

Concluir o Ensino Fundamental II foi um processo custoso vivido por Elisângela, conforme diz:

A escola aí foi duro, finalizar o que seria hoje 8º e 9º ano, foi muito difícil. Já era difícil frente a realidade social e depois as brigas, arrumar casa, estabelecer a tranquilidade também era minha prioridade, pois não apenas minha mãe estava doente de tristeza mas todos meus irmãos. Estudar como? Ler como? Uma escola que não ajudava muito também em abrir espaços para diálogos e leituras, era ir copiar e voltar para casa. Foi muito difícil. (Elisângela).

Entretanto, o período do Ensino Médio foi uma experiência satisfatória, pois a rotina de estudos era diferente da escola anterior e havia professores estagiários que se aproximavam dos alunos. A partir daí, Elisângela começou a participar mais das atividades escolares, havia grupos de trabalhos e estudos, pesquisas, ela não conversava durante as aulas e isso criou espaço para o diálogo entre os professores e ela, pontos que favoreceram-na. Por outro lado, a indisciplina era grande, como relata Elisângela:

[...] nessa tinha brigas, discussões, fofocas, namoros, confesso que foi difícil, pois passava turbilhões na minha cabeça e a escola era muito turbulenta.

Nessa escola ia eu e o Rubens a princípio, e depois foi o Adriano. Meu irmão mais velho nessa época iria para a escola perto de casa pois estava trabalhando (essa escola era horrível ao dizer



da minha mãe, drogas e namoros). Mal sabia que logo a escola que fomos eu, Rubens e Adriano se tornaria a mesma coisa, incluindo maconha, duro e real. Nas escolas da periferia era assim mesmo. (Elisângela)

Terminado o Ensino Médio, ingressa no curso técnico normal – antigo magistério, graças a ajuda da mãe de uma amiga do Ensino Médio. O curso acontecia na cidade de Poá e o meio de transporte até lá era feito de trem. Com isso, ela precisou recorrer a trabalhos informais, “bicos”, para fazer dinheiro, como trabalhos domésticos na vizinhança, lavar coisas para o irmão mais velho, vender doces (chocolates) e cuidar dos filhos de outras pessoas. Além disso, seus pais também a ajudavam com o transporte:

Mas minha mãe e não meu pai me ajudou muitas vezes com o dinheiro mensal de passe de estudante, que logo consegui gratuito por um tempo – teve algo de gratuito para os estudantes de baixa renda e eu entrei. (Elisângela)

Mas, depois que se formou, conseguiu, com muito empenho, uma vaga de estagiária em uma escola por aproximadamente seis meses, perto de sua casa. Não recebia quase nada de salário, mas tinha conseguido acesso à escola pública estadual, que era seu objetivo. Por meio de seus esforços, conseguiu estagiar em outra escola mais distante e usava uma parte dos recursos que tinha recebido da primeira para pagar o transporte da outra. Aos poucos foi se organizando e conseguiu pagar metade do passe escolar, economizar e ver nessa escola a possibilidade de mais turmas, já que havia mais salas de aula que a primeira. Permaneceu trabalhando nessa instituição por três anos e fez grandes conquistas:

Fiquei por três anos nessa escola de ensino fundamental, ensinei leitura e escrita para alunos como eu fui, acho que me ajudou a compreender a realidade deles, eu alfabetizava de modo novo usando as palavras geradoras e variadas músicas e brincadeiras, foi muito legal, consegui bons resultados nesses projetos e sendo estagiária (substituía profs.). Intercalava essa escola de manhã e a particular de tarde, com uma turma de mais de vinte crianças de três e quatro anos – escola particular, até meados de 2006 (a mesma amiga que conseguiu minha vaga no curso trabalhava nessa escola e me indicou quando surgiu a vaga onde fiquei por cinco anos seguidos, só saí pois fui ganhar mais e seguir em Geografia). Tenho boas memórias desse período pois toda essa rotina me curou, a alegria e a disciplina em trabalhar com crianças foi toda base de vida pra mim. Os

períodos de dificuldades para estudar, comer e se manter foram necessários e nunca olhava como coitadíssimos, sempre via que isso ia passar, fazendo o pouco para me preparar para o muito, lidar com o meu orgulho não foi fácil, pois achava-me no período do curso técnico como melhor que meus familiares e vizinhos, até lidar no curso de formação de crianças especiais e fazer estágios coordenados pela escola e as matérias com as professoras e entender que não tinha motivo de orgulho nenhum, eu era pobre como a maioria de meus amigos e eu tinha de fazer algo por mim, a humildade foi sendo esculpida acho que ali – humildade pois na favela não se gosta de morar mal, comer mal, vestir-se mal, mostrar-se o que não se tem, e brigas por dinheiro eram frequentes na minha casa e eu achava que ele iria trazer tudo pra mim, até estudar as crianças e estar com elas compreendendo outras alegrias, além do que pensava, acerca do dinheiro, status e orgulho. Pobreza era uma condição passageira, agora a maldade, a falta de cuidado do meu pai com a gente, eu nunca faria, isso sim era digno de dó ao meu ver. Em não ter o cuidado que precisava dele no período que mais precisei e meus irmãos também. Depois, com a morte da minha mãe, ele também não me ajudou. E eu por fim tive de ajudá-lo assim como meus irmãos, muitas vezes. (Elisângela).

Ela concluiu o curso técnico e observou que gostava da área da educação, pois acabou sendo um caminho natural e até esperado por ela. Assim, opta por cursar Geografia, mas antes fez pesquisas para saber onde estudaria. Desse modo, organizou-se financeiramente por dois anos para ter o dinheiro que pagaria o primeiro semestre do curso, prestou o vestibular e iniciou o curso em universidade privada.

Descreve que o percurso na graduação foi tranquilo no que dizia respeito à rotina de estudos, matérias e colegas. O primeiro semestre foi mais desgastante, pois foi necessário coordenar as atividades de trabalho com as novas leituras que o curso exigia. Por isso, dormia menos de cinco horas para conseguir fazer tudo que precisava. Como a faculdade era em Guarulhos-SP, logo no início do semestre conseguiu um fretado de sua cidade para a faculdade e estudava durante as madrugadas, finais de semana, nos deslocamentos realizados em transporte público, durante o horário de almoço no trabalho. Contudo, sua única frustração foi não ter tido condições de finalizar o bacharelado na área geografia por falta de recurso financeiro, pois a extensão teria que ser feita em outra faculdade, que ficava distante de onde morava.

Enquanto isso, no ambiente doméstico, havia o processo de separação

dos pais, a relação conflituosa entre pai e irmãos. Nesse momento dois de seus irmãos saem de casa e se casam, tendo filhos na sequência dos casamentos. Depois da primeira audiência sobre a separação, seu pai retornou para a casa onde moravam, pois não queria abrir mão da moradia. Havia uma disputa de herança por parte de sua mãe que culminava em mais atritos com seu pai.

Quando estava com 23 anos e cursando Geografia, sua mãe morre. Os dois irmãos casados, as respectivas esposas e os frutos do casamento voltam para morar na casa que era da mãe (falecida), pois seu pai já estava morando numa outra casa dentro do mesmo terreno. Elisângela relata que não havia espaço para ela na casa. Com isso, ela vai morar no quartinho de dispensa que ficava no fundo do terreno:

[...] nele não havia banheiro e nele adequei para estudar, colocar os livros de estudo e materiais até do trabalho, assim tudo eu tinha de fazer por mim: roupa, limpeza, compra, fazia essas coisas na casa do meu pai, tomava banho e saía pra ir para o quartinho. (Elisângela).

Ela concluiu a graduação em Geografia e diz que estar na docência não é um “Dom”, pois a formação técnica que recebeu lhe deu a oportunidade de aprender com grandes educadoras que demonstravam a realidade na docência, era o trabalho no “chão da escola”. E foi compreendendo a necessidade de se qualificar, anseia por mais conhecimento, faz a graduação de Licenciatura Plena em Pedagogia e logo depois em Educação Ambiental, ambas em universidade privada custeada com seu trabalho, Elisângela conseguiu conciliar os cursos pela familiaridade dos temas e parte deles era realizado à distância.

Por um lado, compreende que desse modo suas expectativas de aprendizado com seus estudantes são atingidas, mas, por outro lado, as condições de trabalho recebida ainda são extremamente precárias:

O meio escolar impõe barreiras ocultas, dizem que tem acesso a tudo mas isso é mentira, não tem acesso, pois acessar é mais que ver e estar, é se apropriar de algo, conhecer analisar e encontrar novos meios, métodos para o mundo ou novas soluções. Mas a fragilidade dos locais públicos de educação e profissionais bem formados, para auxiliá-los nesse movimento é realidade, pois construir algo não é nada, acesso sem qualidade são as barreiras invisíveis que sabemos que existe mas não gostamos de dizer que existe para os jovens. (Elisângela).

Contudo, afirma que o que a levou ao mestrado profissional foi a necessidade de ampliar sua formação, pois estava perdida com as más formações e o empenho dos colegas. O mestrado auxiliou sua prática educativa diária, trouxe uma alteração visível em sua realidade com os estudantes e com os colegas de profissão, encontrando reconhecimento e atingindo seu objetivo:

[...] observo minha profissão como qualquer outra, onde as formações são necessárias não para ímpeto social, mas sim elevação intelectual e que fará diferença na minha prática diária, não adianta diploma se eles não são relevantes no meu trabalho. E foi assim que fui de um curso técnico até a formação atual – Mestrado, não observo mudança alguma sendo que esse curso alterou uma parte pequena de um todo que ainda tenho que desenvolver ao longo de um percurso, que vai parar apenas com a aposentadoria. A educação não é algo parado sempre a mesma coisa e creio que isso me motiva a continuar meus estudos e questionamentos.

Por fim, eu considero que o percurso ainda está sendo realizado e que as minhas dificuldades sociais e pessoais também foram deixadas para trás, pois a educação fez minha vida mudar em todos os níveis.

Com meu trabalho, meu empenho, eu consegui sair da casa do meu pai e irmãos, morar sozinha por mais de dez anos e conseguir uma casa própria após esse tempo todo. Trabalho esse na Educação, com pessoas, e com o trabalho no Estado e escolas particulares, ambas importantes para a minha profissionalização.

Cheguei até esse momento pois não desisti, aprendi a respeitar e ouvir o estudante rico ou pobre, diretores legais e incompetentes, colegas professores excelentes e péssimos. Contudo, respeitar não foi me omitir, mas ver, me colocar em cada relação e saber que tem outros caminhos na profissão e que sempre podemos fazer algo, não podemos nos omitir frente ao sistema frágil de Educação, pois nesse sistema que consegui trabalho, sustento e bons amigos. Escola é muito mais que ordens, sons e barulhos de sinais, professores e diretores como funcionários. Escola é vida, e ela mudou minha vida, meu modo de pensar e analisar as coisas e o mundo. A escola deu sabor à minha vida, gosto muito desse espaço inconstante. (Elisângela).

Atualmente ela mora no distrito de Ermelino Matarazzo, tem uma jornada de 30 horas de trabalho divididas entre a rede estadual e a rede privada de educação, e continua a se deslocar por meio de transporte público.

Pontos a considerar diante da trajetória de Elisângela:

- A cultura escrita familiar é inserida através dos livros de religiosos; dificuldades apresentadas no início da escolarização, mas sente-se acolhida no instante que uma professora “olha” e conversa com Elisângela.
- Condições e disposições econômicas: vida familiar com poucos recursos financeiros e brigas recorrentes disso. Situação que faz Elisângela a princípio acreditar que ter mais dinheiro seria solução dos problemas de convivência familiar. Entretanto, foi por meio do esforço e empenho pessoal que conquistou seu sustento e liberdade, saindo, inclusive, da casa do pai.
- A ordem moral doméstica apresenta-se abalada diante dos conflitos, as ocorrências não são explicadas. Havia organização e limpeza na casa onde moravam, tudo simples e muito limpo.
- Autoridade familiar imposta pela força e agressão.
- O investimento pedagógico é oportunizado quando a mãe matricula ela e os irmãos naquela que era considerada a melhor escola da cidade, na compra dos livros de leitura para a escola. A participação da mãe nas reuniões de pais e atividades escolares. Auxílio financeiro dado pela mãe quando Elisângela vai estudar longe de onde morava.

### 3.4 Retrato Sociológico 4 – Eva

**Eva**, 32 anos, nasceu em São Paulo e reside na cidade de Taboão da Serra, município que faz parte da Região Metropolitana de São Paulo. Sua mãe, grande leitora, aprecia as artes e tem um senso crítico muito apurado e às vezes até “pontagudo”, nas palavras da filha. Além disso, a mãe sempre buscou ter estabilidade, liberdade, viajava bastante e sempre se virava. Professora de francês, artista plástica e estilista.

Já o pai é artista plástico que, aliás, participou de muitas exposições conceituadas, um grande artista, na visão da filha, metalúrgico, apreciador de música clássica. Ela o define como um homem excêntrico e avarento, mas não em excesso. Ela tem quatro irmãos mais velhos por parte de mãe, todos residentes em Recife, local onde atualmente sua avó materna também mora.

Quanto à formação, ela cursou escola particular na educação infantil no período em que morou com o pai, mas o restante do percurso escolar foi em rede pública. Concluiu o Ensino Médio através de supletivo e aos 25 anos, como conseguiu boa nota no ENEM, ingressou na primeira graduação em Marketing, na tentativa de mudar de vida e ganhar dinheiro, mas como não houve o retorno financeiro que acreditava, depois de formada, e por orientação de uma grande amiga e professora, fez a graduação em Letras e já no segundo semestre do curso, conseguiu sua primeira turma na docência. Porém, enquanto cursava Letras, percebeu que para melhorar financeiramente de vida e ter uma renda maior precisaria se aperfeiçoar. Sua única maneira de vislumbrar isso foi percorrer o caminho da pós-graduação em educação. Assim, em busca de melhoria, ela ingressa no Mestrado.

Quanto ao trabalho, relata que começou muito cedo, desde sempre:

Meu primeiro emprego eu tinha 10 anos e era babá, mas isso era muito informal... Formal mesmo foi aos 13 anos na Secretaria de Cultura, como jovem aprendiz. (Eva)

Ela trabalha na rede privada há seis anos, tem dois filhos: uma garota de 11 anos e de um menino de um ano. Atualmente sua jornada de trabalho é no período da manhã, pois prescindiu das aulas nos outros períodos para poder frequentar o curso de Mestrado. Mas com isso sua renda diminuiu

consideravelmente, sendo muitas vezes necessário pedir dinheiro emprestado para a condução, pois as aulas do Mestrado eram no bairro Vergueiro, região próxima ao centro de São Paulo.

Sobre a sua infância, a menina negra nasceu em São Paulo, filha caçula de quatro irmãos por parte de mãe: sua irmã Isis é empresária, possui duas lojas de moda, uma infantil e outra feminina. Já Aquiles é jornalista e trabalhou por anos no jornal *Diário de Pernambuco*<sup>4</sup>. Pedro foi assassinado. E Aurora tem uma loja de bolsas. Eva não tem ideia da idade de seus irmãos, pois não cresceram juntos. Sua mãe a teve em São Paulo, se conheceram depois de adultos, eles têm vidas diferentes.

Durante a infância, Eva viveu momentos em que seus pais moravam juntos, e quando isso ocorria, residiam numa moradia própria, bela casa, grande e espaçosa. Eram pobres, mas não passavam por necessidades financeiras, existiam muitas outras dificuldades, a afetiva era uma delas. Nos tempos em que morava apenas com a mãe, viviam como podiam, às vezes em acampamentos, em casas alheias, às vezes em apartamento, moradia alugada e por vezes sob o sereno. Recorda-se que nesses tempos ela e a mãe eram mais que pobres:

As coisas sempre foram difíceis, já nos faltou alimentos e até moradia, mas minha mãe sempre me lembrou que nunca passamos fome, pois tínhamos nem que fosse só o arroz (não sei porque feijão não vem em saco de 5 kg – risos) (Eva).

A mãe de Eva saiu de Recife ainda moça, deixou os filhos mais velhos com os avós e veio para São Paulo, viver de arte. Ela é artista plástica, estilista, uma artesã, tem dons únicos e com eles sustentava a família. Por ser uma mulher de espírito livre, viajava muito com a filha, com pouquíssimos recursos: ela vendia algo, pagava a passagem e iam embora, e ao chegar a uma nova cidade, “mangueavam” até conseguirem o suficiente para estadia. E assim seguiam por um tempo até desistirem e voltarem para São Paulo, para a casa do companheiro. Deste modo define sua mãe e esse período:

Minha mãe é minha grande inspiração, sempre foi, minha relação com ela é um grande arco-íris, temos os momentos mais marsala e os mais rosas.

---

<sup>4</sup> 1 Importante jornal de Pernambuco.

Eu era uma criança muito “pé no chão” e ainda sou na verdade, mas não deixava de sonhar e criar um universo para mim, aliás é isso, eu precisava criar um universo para mim porque o meu não me refletia o suficiente, minha mãe viajava sempre, comigo a tira colo mas, eu gosto de raiz, então sofria.

Primeiro e, importante ressaltar, não eram viagens de trabalho, nunca houve um trabalho, o que houve foi a própria vida (“vendia na rua, conseguia uma grana, acabava e voltava, partia para outro lugar...”) que nos levava para diversos destinos. (Eva).

Quanto às recordações paternas, ela afirma que passava horas admirando seus trabalhos enquanto ele trabalhava, mas sua memória não lhe traz muito mais do que isso, pois a relação deles sempre foi “cinza”, era apenas um coadjuvante, portanto ela não consegue descrevê-lo, ele apenas existia e ponto. Moraram juntos apenas quando sua mãe viveu com ele:

Meu pai é apagamento nas lembranças, eclipse, então restava-me firmar raiz em mim. Sentimentos como rejeição e insegurança faziam parte do meu imaginário, claro, e eu contornava com amigos imaginários, e tudo bem. (Eva)

Com relação aos avós, suas lembranças também são restritas: recorda-se de um dia ter visto seu avô paterno no leito de morte, mas não lembra se sua avó estava presente. Sobre os avós maternos, relata que conheceu sua avó, uma mulher determinada e exigente, durante sua infância, quando morou em São Paulo. Lembra-se das visitas e dos bolos apetitosos que a avó preparava, mas depois mudou-se para a Bahia para viver com uma irmã, há muitos anos, e raramente Eva a visita.

Ainda sobre a infância, sua rotina diária era composta pelas histórias contadas por sua mãe na hora de dormir. Aliás, não havia outras histórias, conforme afirma, e por fazer parte de uma família nada tradicional, passeios, presentes, Natal e religião também não faziam parte da sua realidade. Vejamos:

Natal, presentes, passeios, nunca aconteceram na minha vida, não fazia parte das nossas possibilidades ou costumes. Quando juntos, nossas tradições eram reuniões com amigos e batata assada na lareira, quando separados eram viagens ou fugas. (Eva)



Ela se descreve como uma pessoa muito “pé no chão”, desde criança, mas isso gerava conflitos com o espírito livre de sua mãe. Quando questionada sobre sentimentos de amor da infância, ela diz o seguinte:

Amada? Tenho uma relação diferente com esse sentimento, mais azul, eu diria, pensando no livro da Profa. Dra. Ana Haddad, no qual ela diz que a solidão é azul. Nesse sentido, me sentir amada para mim é saber que tenho para onde ir, se eu quiser, mas não ser requisitada a ficar, e, nesse contexto sim, muito amada. Minha mãe sempre foi um porto seguro, um lugar para chamar de meu, um canto para retornar. Mas dentro do contexto mais comumente conhecido, troca de abraços e afagos constantes não, isso não. Sempre foi claro para mim, dentro da vida que eu tive que amor é liberdade e não agarramento – isso é posse, paixão ou qualquer outro substantivo abstrato – até porque nossa realidade era a do trabalho, a da necessidade, nesse cenário não cabem grandes momentos de contato, mas sim enormes momentos de permanência. (Eva).

No que se refere à escolaridade, fez a educação infantil em uma escola particular chamada Castelinho de Chocolate, um lugar grande e com um parquinho, além de memórias olfativas sentimentais desse lugar. Mas não tem muitas lembranças do Ensino Infantil e Fundamental, porque, em sua opinião, “esse período foi esvaziado da minha memória”, já que, por outro lado, é bastante vivo em suas lembranças as viagens que realizava junto de sua mãe. A frequência no Fundamental I, ora acontecia em São Paulo, ora em alguma outra cidade, mas sempre com a ajuda da mãe:

Minha mãe fazia exercícios comigo aos finais de semana, lembro-me dela sentada fazendo desenhos pontilhados para eu contornar porque tinha grande dificuldade motora. É o que me lembro. Sempre gostei de escrever e ler veio depois, bem depois. (Eva).

Recorda-se de sua mãe ir às reuniões da escola, da ajuda com os trabalhos escolares, de pegar os livros na biblioteca para ela poder estudar, apesar da filha detestar ler, sua mãe pagava uns trocados por leituras completas. Ela ouvia a mãe dizer que o estudo era prioridade na vida, pois valorizava muito a linguagem, especialmente a literária:

Contadora de histórias, ela sempre recheava minhas noites com as suas leituras e eu amava, hoje sei que era uma forma de eu ler o mundo junto dela. Sempre fui boa com redações e sempre lia meus textos para ela. Poetisa, sempre me incentivou a ler e

a escrever. Tem um jeito especial de respeitar o crescimento individual de cada um e em especial o meu, claro que só sei disso agora. As aulas de ciências traziam novos questionamentos e eu os levava para a sala de casa. Enfim, minha mãe sempre me ajudou. (Eva).

Seus pais se separaram quando a menina ainda estava na educação infantil, e por isso não consegue mensurar o quanto isso afetou sua situação econômica, mas de alguma forma crê que afetou. Quando moravam juntos, a casa do pai era própria e as necessidades não existiam.

Com o tempo, ao ingressar o Fundamental II, Eva dividia seu tempo entre o trabalho e a escola. Começou a trabalhar como babá aos 10 anos de idade para ajudar com as despesas da casa. Como teve, e ainda tem, muito do medo do amanhã, buscou se confortar no trabalho e em seu próprio universo. Dessa época recorda ainda períodos mais marcantes, quando frequentou duas ou três escolas. As notas eram bimestrais e usava-se a nomenclatura de “P.S / S. / N.S – plenamente satisfatório, satisfatório e não satisfatório”, não recorda se havia provas. Usavam-se livros, havia os trabalhos em grupos e frequentava bibliotecas. Aliás, período que fez grandes amizades que perduram até os dias de hoje. Até então ela nunca deixou de frequentar a escola, mas quando terminou a 8ª série, como se chamava na época, ela deixou de estudar.

Já a fase da adolescência, foi para ela um período mais conturbado, conforme relata:

Já a adolescência foi mais difícil, fui uma garota “problemática” como a sociedade gosta de dizer, a necessidade batia – e ainda bate – e claro, eu era jovem negra, isso é importante de ressaltar porque grande parte das jovens negras, as pesquisas indicam, sofrem bullying, se sentem inseguras e rejeitadas. A adolescência é período das paqueras e conquistas, e essas jovens, inclusive eu, ficam para trás porque os cabelos são feios e outras decepções que temos de passar até conhecermos a aceitação e termos um belo encontro com nossas raízes “agora ela é a preta do sovaco fedorento que alisa os cabelos para se sentir aceita, mas todo mundo a rejeita”<sup>5</sup> era assim que me sentia durante a adolescência. Só os homens bem mais velhos sentiam interesse por mim e, claro, isso gerou um sentimento de rejeição imensurável, eu tratava de fazer amizade com as meninas mais bonitas da escola assim os meninos perdiam tempo olhando para elas e fazendo pouco de mim, isso construiu uma jovem

---

<sup>5</sup> Cota não é esmola. Música de Bia Ferreira.

insegura, além disso eu era uma jovem negra que já sabia o valor e o preço da conta de luz, então, claro, fui problemática, já trabalhava e queria liberdade a qualquer custo, mal sabia eu que já era livre. Parei de estudar, fui reprovada. Então alisei os cabelos, comecei a trabalhar na Secretaria de Cultura de Embu – na época era departamento – e tive mais contato com as artes, isso começou a me mudar e a gerar autoconfiança, mas claro que só soube disso muito tempo depois. (Eva).

Aos 13 anos de idade, Eva começa a trabalhar formalmente como jovem aprendiz, na Secretaria de Cultura de Embu das Artes, como agente cultural. Ela tinha que conciliar o trabalho com os estudos, mas rotina de estudo não havia, porque a única rotina que fazia, e ainda faz parte da vida dela era do trabalho. Sua fase da adolescência foi um período cansativo, cheio, pois trabalhava pela manhã, às vezes fazia “bicos” à tarde e aos finais de semana. Esses trabalhos durante a semana à tarde foram de balconista, faxineira, atendente, vendedora e recepcionista em um escritório, ao passo que, aos finais de semana, trabalhava em um clube de lazer durante o dia e à noite, por muitos anos, trabalhou como garçõete num bar de música ao vivo.

Dentre todos esses trabalhos, confessa que gostava muito de sua experiência profissional na Secretaria de Cultura, época em que fez grandes amizades, pessoas que cresceram com ela e ainda fazem parte de sua vida, mas poucos ela permitiu que criassem raízes e por isso seguiu florindo, como diz.

No período em que frequentava a escola, recorda-se de ter tido bons professores, mas lembra em especial de três: o de química, Paulo, lecionava a matéria que detestava, mas era um professor humano, que inclusive lhe pagou o primeiro ano em que prestou o Enem – Exame Nacional do Ensino Médio, porque ele dizia que ela tinha potencial. Na época ela estava no primeiro ano e fez a prova como “treineira”. A professora de matemática, Rosilene, era ótima, sempre sentou-se com Eva com muita dedicação e a ajudou a compreender e a passar de ano, pois tinha muita dificuldade. Com isso, a professora lhe ajudou a apagar o passado vermelho de seus boletins, conforme relata. Por fim, a professora de ciências, Nilza, que ensinava com amor, respondia a qualquer pergunta e por isso suas aulas eram amáveis.

Ainda assim, conforme dito acima, abandona os estudos na 8ª série, fase em que vivenciou conflitos de identidade e reconhecimento diante de sua

condição social e financeira, como nos relata: “Como pedir a uma jovem negra pobre que sentia todo o peso desse rótulo em suas costas? O que poderia ter ali para mim?”

A necessidade do monetário, na vida de Eva e de sua mãe, fez com que o ato de trabalhar ocupasse lugar de destaque em sua rotina diária, em alguns momentos mais até do que o ato de estudar. Contudo, foi a arte e outros elementos culturais presentes em sua rotina de trabalho que a fez percorrer o caminho de volta aos estudos:

Lembro-me da primeira ópera que assisti, fui à força, as primeiras exposições que montei, fazer o camarim de artistas. Só a partir desse momento comecei a respeitar a arte da minha mãe e o conhecimento em si, retomei os estudos quando já era mãe. (Eva).

Quando tinha entre 18 e 19 anos, retoma os estudos e conclui o Ensino Médio cursando supletivo, mas aos 21 anos foi mãe pela primeira vez e por isso somente aos 25 anos retoma novamente os estudos. Afirma que o fato de nunca deixar definitivamente os estudos se deveu sempre à mãe, seu porto-seguro, como diz:

Minha mãe sempre me apoiou, sempre me incentivou e, principalmente, sempre me entendeu. Brigava comigo para eu estudar, mas eu não sabia que era importante e ela não sabia que eu sentia esse peso. (Eva).

Descreve-se como uma jovem que sentia a necessidade de segurança, pois diz que sempre teve o “pé no chão”, e o trabalho na secretaria de cultura apresentou-se como uma possibilidade de aterramento de suas raízes, permitindo-lhe, também, transitar por diversos setores e relacionar-se com muitas pessoas, conforme pondera:

[...] eu era agente cultural, todos éramos, boas épocas essas! Não tínhamos um cargo superior ou inferior, todos éramos agentes culturais, fazíamos tudo, desde os MI (memorando internos) para a produção de eventos até os eventos (carregar as cadeiras, limpar, buscar artistas, elaborar roteiros, pensar na alimentação, divulgar, planejar). Posso me aprofundar exemplificando: fizemos um show da Inezita Barroso na nossa tradicional Festa de Santa Cruz, que é uma festa de cultural regional onde diversas apresentações folclóricas com intuitos

religiosos acontecem (trança fita, Bumba meu boi...). Para esse evento diz ter feito desde a escala de trabalho até o acompanhamento da apresentação. (Eva).

Narra ainda que havia prestado o exame do Enem como “treineira” e chegou a um determinado momento em que todos seus colegas da secretaria de cultura falavam sobre esse exame, sobre a vida. Aos olhos de Eva, todos eram inteligentes mas ela estava cansada da própria vida, de ter que trabalhar sempre em dois ou três trabalhos e pouco viver, pois, como ela diz, “estava sempre sobrevivendo.” Por isso, resolve prestar o exame, mas sem a menor pretensão de êxito, fez movida apenas para acompanhar alguém, porque ser aprovada não era algo que fazia parte das suas expectativas:

[...] nunca pensei que fosse conseguir, mas quando o resultado saiu fiquei surpresa. Claro que não iria estudar, minha filha era muito pequena e não podia deixá-la, mas deixei. Com a ajuda da minha mãe e de muitas pessoas, escolhi fazer a faculdade, e fiz. E me formei, com louvor. Que surpresa. Surpresa maior ainda foi ter gostado de estudar, mas e agora? O que você faz quando se forma? Eu não fiz nada, nenhuma porta se abriu, gastei muito dinheiro – dinheiro esse que não tinha – fazendo entrevistas, as coisas só pioravam, então uma grande amiga – quase uma mãe, professora, artista, me disse que eu devia fazer Letras e me tornar professora, eu levava jeito e que ela me ajudaria. Fiz letras, conheci um mundo novo e muitos professores maravilhosos que ensinavam com amor e dedicação, gramática, literatura, conhecimento, só “biscoito fino” [...] (Eva).

Verifica-se que durante a sua primeira graduação ela passou por muitas dificuldades, pois ainda tinha uma filha pequena que dependia dela em todos os aspectos, mas mesmo assim não podia ficar em casa com ela, porque era o horário que estava tendo aula. Contudo, ao ingressar no curso de Letras, sua vida começou a mudar a partir do segundo semestre, quando se inscreveu na Diretoria de Ensino e logo começou a lecionar. E por tudo isso não podia desistir. Na graduação em Letras, teve excelentes professores, aliás, segundo ela, fora agraciada com os melhores professores, porém, o curso não era fácil:

Precisei me esforçar muito porque o curso era muito difícil para mim, eu escrevia errado, não tinha o hábito da leitura e não tinha tempo, mas meus professores tiraram o melhor de mim. Eu não tinha grandes expectativas, queria me formar, lecionar e sustentar minha família, mas ganhei mais que isso, ainda não

sustento minha família, é verdade, mas conquistei conhecimento e entendimento de mundo para continuar a tentar. (Eva).

A primeira sala de aula onde trabalhou, curiosamente, foi em uma escola cuja diretora havia sido sua professora no Fundamental II. Era uma sala agitada de 7º ano, mas lá recebeu a ajuda dessa diretora e a parceria de um professor de geografia que a ajudou muito para chegar à sala de aula. Inclusive, assinala que se apaixonou no momento em que disse: “Oi, sou a professora Eva. Nunca mais me separei de mim e do meu reflexo”<sup>6</sup>.

Para ela, docência é uma missão e não mudaria de profissão, mas tem por motivação pessoal suas expectativas profissionais que ainda não foram atendidas, e foi durante a segunda graduação que percebeu que para mudar de vida, teria que se aperfeiçoar:

Fiz pós em educação para conseguir entrar no mestrado, faço mestrado para conseguir um dia estudar. Ou seja, eu estudo para poder estudar. Quero um dia ter o conforto de dizer “durante tal horário” estou estudando. Quero pesquisar tantas coisas, recuperar todo o tempo que perdi não estudando na adolescência, mas preciso viver e não sobreviver para isso. A divisão do meu tempo sempre foi planejada para amanhã porque hoje precisamos comer. (Eva).

Ao rememorar sobre a trajetória da docência, ela reconhece algumas conquistas e até realizações, como alunos que conseguiram mediar uma nova visão de mundo depois das aulas, outros que conseguiram ler, mas espera não ter suas expectativas atendidas tão cedo, pois são elas que a motivam a continuar.

O ingresso na pós-graduação *stricto sensu* está sendo a possibilidade de alterar sua condição intelectual pelo conhecimento, maturidade, diploma, independência financeira e mais conhecimento, respectivamente. Recordar-se do momento do ingresso e do contato com sua orientadora:

[...] não posso deixar de falar nela, mais que especial. Ela acreditou em mim e isso era novo, sem ouvir minha história, sem conhecer minhas dificuldades, ela nunca soube que eu pegava

---

<sup>6</sup> Refere-se ao conto “O espelho”, do escritor Machado de Assis, cujo protagonista vê-se diferente antes e depois de vestir a farda.

dinheiro emprestado para ir à faculdade, ou que minha primeira refeição tinha sido lá na universidade e custeada pela minha amiga. Ela acreditou em mim, por mim, pelos meus textos e isso me motivou a estudar. (Eva).

No entendimento de Eva, o crescimento está relacionado aos estudos e isso também lhe representa autonomia financeira. Para ela, o mestrado está sendo uma experiência riquíssima, expansiva, complexa, tensa e assustadora, certamente a melhor coisa que já fez no âmbito da academia, pois afirma que tudo o que aprendeu e em que se transformou revelam-se em melhoria de suas aulas, no relacionamento com seus alunos, nos novos debates que surgiram, pois hoje em dia conversam sobre filosofia, artes, biologia e até sobre matemática. Porém, precisou abrir mão de coisas importantes para conseguir frequentar as aulas do Mestrado:

[...] tive que abrir mão de muitas coisas para esse investimento, inclusive de algumas escolas e turmas, e isso prejudicou muito meu orçamento. Ora, com fome ninguém pensa, logo prejudicou muito os meus estudos também, é um universo completamente adverso, via minhas colegas e meus colegas falando sobre viagens, apartamentos, férias e carros e eu só queria saber se teria o dinheiro do retorno para casa, uma grande experiência, com certeza e pelo menos em aprendizado está valendo a pena. O mestrado é biscoito fino, agrega oportunidades incontáveis, imensuráveis. (Eva).

Eva é estudante na linha de Pesquisa e de Intervenção Metodologia da Aprendizagem e Práticas de Ensino (Limape). Seu tema de pesquisa é *A sala de aula em tempos de Comunicação Pós-Digital: Desconstruindo a “TV aberta” para o Analógico*. Tem por finalidade qualificar e defender sua dissertação no segundo semestre do ano de 2020.

Pontos a considerar diante da trajetória de Eva:

- Nasce numa família constituída por pais artistas, caçula de quatro irmãos por parte de mãe que viviam em Recife; Configuração familiar instável, pais se separam, viagens frequentes com a mãe, ausência de rotina doméstica.

- A forma familiar da cultura escrita é presente em sua vida por meio das histórias narradas por sua mãe no momento de dormir.
- Condições e disposições econômicas singulares: menina negra, família muito pobre, e quando está somente ela e a mãe, tem que trabalhar já aos 10 anos de idade. Por meio do trabalho com a arte, passa a encontrar sua identidade e reconhecimento como pessoa.
- Existe uma ordem moral implícita vivenciada pela mãe, mas também existe uma ausência da autoridade familiar. Ela tem a mãe como porto seguro, onde podia se ancorar, mesmo a mãe tendo um espírito livre e Eva sendo “pé no chão”.
- Há um investimento pedagógico, quando sua mãe diz que o estudo era uma prioridade, entretanto, diante das dificuldades financeiras, é forçada a parar de estudar após concluir o Ensino Fundamental II. Retoma seus estudos no Ensino Médio pelo supletivo e depois faz o Enem, o que lhe possibilita o ingresso na graduação.



### 3.5 Retrato Sociológico 5 – Laly

**Laly**, 42 anos, casada e mãe de uma filha de 16 anos, nasceu na cidade de São Paulo mas ainda criança mudou-se para Piacatu, município do Estado de São Paulo que em 2015 continha 5.739 habitantes. Morou lá até meados da década de 90, depois retornou à capital paulista.

Irmã mais velha de quatro meninas, seus pais foram casados por muitos anos, mas se separaram quando ela já era adulta e casada. Suas irmãs são todas graduadas: uma em Direito, que trabalha no Tribunal Regional do Trabalho; a outra em Administração e Recursos Humanos; e a irmã caçula em Educação Física, mas também está no quarto ano de Odontologia.

Seu pai é imigrante espanhol, teve seis irmãos, quatro já falecidos, e possuiu uma infância pobre, pois moravam em um barraco de papelão na extinta Favela do Vergueiro. Começou a trabalhar aos oito anos, percorre o caminho dos estudos e forma-se em Estudos Sociais. Na década de 70/80, foi membro do PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) e em meados dos anos 80 integrou a equipe que fundou o PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira). Assim ela o descreve:

É um ser que como pai é meio controlador, mas muito presente e generoso. Sempre trabalhou como autônomo, cometeu deslizes como marido, bagunceiro e acumulador, sociável, gosta de ajudar a vizinhança e os menos favorecidos. (Laly).

A mãe nasceu na zona rural de Piacatu, filha de um sitiante e de uma bordadeira, e teve um único irmão, seu melhor amigo durante toda a vida. Ela estudou em um convento, era aspirante à freira, mas depois conheceu o futuro esposo e desistiu de ser freira: cursou o magistério e depois se casou. Aposentou-se em dois cargos pela rede estadual de São Paulo. Passou por grandes desafios de saúde e em 2018 faleceu devido a uma infecção, mas sem perder a fé, a alegria e a meiguice. Foi membro expressivo da Associação dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo – Apeoesp. Perdoou as trapaças e as traições de seu marido, pois era avessa a conflitos, conforme a filha a descreve:

[...] ela sempre evitava conflitos, ela era bem passiva, bem negligente com muita coisa né, meio Foucault, na microfísica

para as grandes resistências, mas sempre muito calada, muito amém, muito “Ah, vamos perdoar, vamos colaborar!” Entendeu? Sempre muito sem querer discussão, sem querer um embate e muitas vezes hoje eu entendo que foi negligenciando sim. (Laly).

Mas quando as filhas já eram adultas, separou-se e aproveitou a vida, em vários momentos, viajando com parentes e amigas, enquanto estava em tratamento, primeiro, contra um câncer de ovário, tempos depois o de intestino e por fim de peritônio. Conseguiu curar todos os cânceres, pois,

Nunca perdeu a fé, nem o alto astral, nem a meiguice, nem as piadas. Adorava os animais, as roupas coloridas e uma cervejinha. Apegada aos bens materiais. Infelizmente perdeu a batalha após uma infecção em julho de 2018. (Laly)

A entrevistada ingressou na Pedagogia depois de vários embates com o pai, devido a opinião dele sobre a desvalorização da profissão docente. Ela havia tentado cursar Direito e Fisioterapia, mas não chegou a concluí-las: a primeira porque ela não gostava e a segunda havia surgido como um acordo entre ela e o pai, mas devido à falência paterna, não foi possível arcar com o valor da mensalidade.

Ela iniciou sua carreira na docência em uma creche conveniada em 1999, contratada como pajem. Com a independência financeira, consegue custear a mensalidade do curso de Pedagogia. Forma-se, faz pós-graduação *lato sensu* em Psicopedagogia e em Educação Infantil e, anos mais tarde, ingressa no Mestrado Profissional.

Durante a infância, sentiu-se amada, protegida, sempre muito feliz especialmente em família, mesmo que em alguns momentos surgissem sentimentos de incompreensão, algo que faz parte da vida de qualquer criança, como relatou.

Como a família era composta por quatro crianças com idades bem próximas, a mãe de Laly propunha atividades e brincadeiras, tais como: pintar, desenhar, cantar, dançar, saltar, correr, montar quebra-cabeça, assistir a filmes e compor. Havia ainda as tarefas domésticas realizadas no coletivo e os

cuidados com os animais de estimação. Sua mãe tocava violão e contava histórias.

Lá em casa havia crianças suficientes para formação de grupo no desenvolvimento de algumas atividades cotidianas que se tornavam brincadeiras, como ocorre nas escolas. Banho, alimentação, atividades recreativas, lição de casa, sempre em grupo. (Laly).

Sua rotina familiar era vivida em meio a muitas conversas sobre política, pois era o período do fim da ditadura e os diálogos eram permeados de discordância de ideias entre seus pais. No início da década de 80, a família se mudara para Piacatu, cidade natal de sua família materna.

Quanto à religiosidade, na casa de Laly foi algo de grande importância, e participar das missas eram ações frequentes, fazia parte da rotina dominical, porque a mãe, a avó e outros parentes sempre foram muito religiosos. Embora o catolicismo fosse praticado com fervor pelas vias maternas, seu pai era incrédulo. Além do mais, havia primos e primas de Laly que eram padres e freiras, e esse seria o caminho da mãe se não tivesse conhecido seu pai:

E sobre a religiosidade, a gente sempre foi de uma família muito católica. Meu pai é meio ateu né, desprovido de religião, mas a família da minha mãe muito religiosa. Minha mãe era aspirante à freira quando conheceu meu pai. Depois abandonou e veio a se casar com ele. Muitas primos são padres, freiras e sempre fomos à missa todo domingo, uma formação muito católica metódica e depois que eu fiquei adolescente que eu comecei a protestar porque eu falava assim: “Nossa o Adão, veio o Adão e a Eva e depois, Caim e Abel, um matou o outro e depois ficou quem?” Comecei a questionar umas coisinhas meio bobinhas assim que eles davam aquela explicação bíblica para tudo, falava que você não pode não acreditar em Deus, mas eu falava “Como você tem prova?”, Aquela coisa de escandalizar os mais velhos mas nunca deixei de acreditar não. Aí a partir disso que eu conheci a igreja Batista, conheci a igreja espírita, fui na umbanda, fui em algumas outras coisas e tenho a minha própria religiosidade, vamos dizer assim, não frequento nenhuma coisa e nem outra, mas todos os dias eu converso com essa luz maior que eu chamo de Deus e mais assim, fica muita coisa da religiosidade católica, os Santos, o Pai Nosso, Ave Maria eu creio que as lembranças de infância, não posso ver um dia de santo que eu rezo pra ele. Muita coisa fica sim, a religiosidade sempre foi voltada para o catolicismo. (Laly)

Todos os festejos natalinos aconteciam em Piacatu, mesmo quando a família de Laly ainda morava em São Paulo. Quando chegava à época do Natal, iam para a casa de sua avó e lá era uma grande festa. Em frente à casa dela, existia um bar que animava toda a cidade, pois era onde tocava as músicas de Natal que alegravam e movimentavam toda a cidade, as pessoas dançavam e cantavam, conforme rememora:

O Natal lá em casa sempre foi muito, muito, muito maravilhoso porque a gente no comecinho enquanto morava aqui em São Paulo a gente ia sempre pra Piacatu, a cidade da minha avó, que depois a gente passou a morar. Lá tem aquela coisa de Papai Noel, árvore de Natal, canções natalinas a gente ficava na casa da minha avó que era bem em frente um bar que tocava música pra cidade inteira. Fazia o fundo musical de natal o tempo todo, a gente não tinha ceia, a gente esperava amanhecer o dia para começar a festejar, era panetone, os assados, porque eles matavam boi e matavam porco, matavam vaca para fazer aquele festão o dia inteiro: os parentes que moravam perto e os que vinham de longe, todo mundo se visitava, sempre tinha um presente para cada uma. Com um monte de irmãs, sempre ficava bem legal. Muito delicioso, muito saudoso até, muito feliz esse tempo de Natal na nossa vida.

Os meus pais compravam aqui numa loja, nas lojas Glória, os presentes que tinha um papel característico da loja que eu já conhecia, aí quando eu descobri que o papai Noel não existia, foi assim, a minha mãe colocou dentro do carro quando a gente estava de saída para ir pra Piacatu, uma mala de tecido com os presentes dentro pelo vidro do carro essa bolsa deu uma aberturinha aí eu vi o papel lá e matei a charada. Que ela tava comprando nas lojas Glória pra pôr de Natal pra gente.

Esperava dar meia-noite, lavava sapatinho, Papai Noel não vinha e a gente acabava dormindo. Eles deixavam os presentes lá na árvore sempre com saquinho de doces para gente pegar no outro dia de manhã muito feliz. Já ganhei boneca Chuquinha, já ganhei Moranguinho, já ganhei um jogo de química, já ganhei corda, joguei bola, já ganhei patins, uns patins fulerinho que tinha na época, todas nós ganhávamos um presente na época.

No Natal sempre tinha muito churrasco, carne assada, lasanha, bolo de chocolate, gelatina colorida e o pudim de leite. A gente jogava baralho, a gente dançava a gente ia na calçada, a gente ia na casa das outras pessoas da nossa família e uma coisa que eu acho muito legal também que não tem a ver com o Natal mas é diferente e é muito bacana que a gente viveu muito profundamente isso. (Laly).

Em sua infância, destaca ainda como era comemorado o Ano Novo, pois de acordo com a cultura local de Piacatu, os festejos eram realizados no primeiro dia do ano, chamado de “Bom Princípio de Ano Novo”, como relata:

No Ano Novo lá a gente também não esperava virada do Ano Novo a gente ia na sorveteria, chegava um pouco mais tarde em casa. De vez em quando tinha a sorte de ficar acordado até meia-noite pra ver o povo dando cavalo de pau, quebrando a garrafa e dando tiro para o alto lá. Era esse o jeito deles festejarem o Ano Novo, tinha rojão não. Aí lá tem uma coisa que chama “Bom Princípio de Ano Novo”. O bom princípio de ano novo quando as crianças acordam antes do Sol do dia primeiro de janeiro e vão de casa em casa dizendo bom princípio de ano novo. Aí a pessoa da casa recebe essas crianças e dá uma bala, um pirulito, o homem da loja de tecido dava um corte de pano para gente fazer uma blusinha, um shortinho sei lá, o dono do bar da coxinha... Então assim todas as famílias de qualquer religião se envolviam nesse movimento. Então davam 4, 5 horas da manhã, 5 horas da manhã a molecada “bom princípio de ano novo” todo mundo já despertava e lá era pra gente o Ano Novo, não era virada não, não era um réveillon, era um bom princípio de ano novo o primeiro dia do ano novo, que era como no Natal: as carnes assadas, as sobremesas de travessa, jogando, cantando, com música, visitando as pessoas muito alegre, muito legal e diferente. (Laly).

Sobre as suas memórias escolares, Laly ingressou na educação infantil, o chamado “Pré”, uma época prazerosa, pois haviam brincadeiras, os amigos e o parque. Nesse momento, já estava alfabetizada, e conseqüentemente entrar no primeiro ano foi algo tranquilo e motivador para ela. Tudo o que apreendia na escola, fazia com as irmãs em casa. Além disso, dificuldades de aprendizagem não fizeram parte de sua vida, tinha ótimas relações com os colegas da escola e realizava as lições com facilidade, pois quando percebia, já estavam prontas.

Seus pais sempre a incentivaram nos estudos, eram muito participativos em todas as questões da escola. Apoiaram-na e fizeram tudo o que podiam, de acordo com as condições possíveis naquela época. Era uma família de baixa renda, que passou por um período de ascensão na década de 90, mas que não conseguiu se manter quando chegaram os anos 2000.

A figura materna foi referência para ela, pois observava que tudo o que perguntasse, sua mãe sempre tinha algo a dizer ou a mostrar:

Lembro até de certa vez ter questionado: “Como se chama a profissão de quem sabe a resposta de todas as perguntas?” Ela riu e disse que ninguém saberia tudo [...] (Laly).

Ela admirava o relacionamento que a mãe estabelecia com os alunos e com as outras professoras, pois para ela aquelas pessoas faziam parte de uma alta sociedade.

Quando estava terminando o Fundamental II, seus planos no Segundo Grau, atual Ensino Médio, era cursar o Magistério, mas seu pai foi terminantemente contra, não permitindo que o fizesse. Assim também ocorreu quando ela quis cursar Pedagogia na faculdade, momentos de muitas brigas e discussões, porque seu pai argumentava que ser professora era uma profissão árdua e pouco remunerada, e vivia criticando sua mãe por isso.

Mediante a necessidade de auxílio financeiro, conseguiu um emprego de auxiliar em uma creche conveniada na cidade de São Paulo, e com o salário que recebia, conseguiu pagar a mensalidade no curso de Pedagogia.

Para ela, as matérias na graduação eram um tanto abstratas, mas não houve dificuldades, o mais difícil era pagar o alto preço da mensalidade com o salário que recebia da creche. Na época, o tempo de estudo era escasso, pois trabalhava 40 horas por semana, estudava à noite e aos finais de semana dividia seu tempo entre as tarefas domésticas, os estudos e alguns poucos momentos de lazer, as festas, e os namoros.

Em 2002 passou a atuar como professora em uma Escola Infantil construtivista, trabalhou em diversos lugares, formou-se em Pedagogia, cursou Psicopedagogia e fez Especialização em Educação Infantil. Em resumo, houve conquistas e desilusões quanto às teorias e teóricos sobre a educação:

Desde então trabalhei em diversos lugares, APAE, escolas particulares, que se autodenominavam construtivistas, me aventurei em abrir uma pequena escola (não fui feliz na sociedade), fiz trabalhos esporádicos como consultora de um sistema de ensino e em um momento de cansaço pensei em mudar de profissão.

Eis que um dia, fui convidada a conhecer a Escola Parque do Conhecimento - SABINA em Santo André, a proposta deste estabelecimento se adequava ao lazer e ao ensino-

aprendizagem, me espantou muito, no sentido mais positivo da palavra.

Até então minhas ideias, pensamentos e participação em políticas eram praticamente nulos.

Mas comecei a refletir sobre: como o poder público pode disponibilizar um equipamento para os munícipes, ao público externo, e assessorar a educação? O que tem de relevante numa escola pública, e o que se sobressai das escolas particulares ou vice-versa? Surgiu em mim um conflito interno. Id, ego e superego gritando: Educação é pai ou mãe? (Laly)

Em 2013 é aprovada no concurso para professora na prefeitura de Santo André- SP, onde, durante três anos, atuou como professora, por dois atuou como assistente pedagógica e recentemente voltou para a sala de aula no período da manhã. Apesar de tudo, ela avaliou que, para melhorar a qualidade do trabalho e sua questão financeira, a única forma seria fazendo mestrado. Desse modo, acreditou que por meio dele adquiriria conhecimento, outras oportunidades de trabalho e o aumento salarial.

Para ela, a experiência do mestrado tem suas dificuldades, mas é uma oportunidade ímpar. As vivências pessoais e profissionais de Laly pautaram a melhora na qualidade de sua prática em sala de aula e fortaleceram seu desejo de melhorar a educação, proporcionando aos seus alunos momentos de aprendizagem significativos. Na visão dela,

Estudar é o melhor caminho para atingir o objetivo profissional e a satisfação pessoal, Na verdade, não há outro caminho. (Laly).

Pontos a considerar diante da trajetória de Laly:

- Nasce numa família constituída por pais casados e logo após nascem três irmãos; Configuração familiar estável, harmoniosa e unida.
- A forma familiar da cultura escrita é presente em sua vida;
- Condições e disposições econômicas favoráveis ao seu desenvolvimento físico, orgânico, emocional-afetivo, cognitivo-mental.
- Existe uma ordem moral que é vivenciada nas figuras dos pais de Laly, quando ocorrem as conversas e debates políticos no ambiente doméstico. Entretanto, há uma ausência na autoridade familiar,

quando Laly relata sobre a postura omissa de sua mãe, que evitava conflitos.

- Seus pais fizeram um investimento pedagógico, apoiando, incentivando e participando das questões relacionadas à escolarização da filha.
- Laly segue a influência política de seus pais e na escolha da profissão opta por seguir a carreira da mãe, que sempre foi observada por Laly, mesmo a contragosto de seu pai.



#### 4. Análise de Dados

Nesta seção apresentaremos a análise dos dados referentes à pesquisa. Inicialmente, cumpre mencionar que o conhecimento é gerado por meio de processos onde é produzido, seja por meio dos instrumentos que coletaram os dados, ou em razão dos encontros virtuais que se estabelecem entre as mulheres da pesquisa e a pesquisadora, como também a partir daquilo que move internamente esses encontros e conversas. Desse modo, pesquisadora e mulheres pesquisadas não serão mais cada uma em si, mas uma na outra, visto que tais processos revelam como e o quanto um “afeta” o outro na relação estabelecida. Nas palavras de Suficier (2013),

O contato entre pesquisador e pesquisado gera duas diferentes formas de entendimento: enquanto o pesquisador espera obter respostas para sua pesquisa, ou seja, um objetivo simples e pré-definido, o pesquisado colabora e, ao mesmo tempo, elabora sua intencionalidade diante da experiência da participação. Suas expectativas, ênfases e um movimento constante de confiança (ao fornecer a informação) e de precaução (o silêncio, o suposto não entendimento ou a negação) ao ceder informações tão diversas quanto seus dados pessoais, suas experiências, seus valores, suas crenças, preconceitos etc., serão determinados pelo modo ou forma que o pesquisador anunciar em suas intenções, bem como o modo de apresentar as “regras do jogo” social estabelecidas através da relação social [...]. (SUFICIER, 2013, p. 31-32)

Para a análise dos retratos, num primeiro momento, fez-se a leitura dos dados coletados por meio do roteiro de cada uma das entrevistas, com o intuito de analisar “os inúmeros aspectos da vida passada ou presente do entrevistado que não entra no campo da consciência e de interesse espontâneo deste” (LAHIRE, 2004, p. 315), além da edificação das categorias que possibilitam a análise dos dispositivos, sendo possível compor a interpretação diante das trajetórias de vida, a partir do referencial teórico utilizado para a construção dos retratos sociológicos.

Lahire (1997) nos propõe uma elaboração descritiva das configurações familiares a partir de cinco vertentes: a cultura familiar escrita; as condições e

disposições econômicas; a ordem moral doméstica; as formas de autoridade familiar; as formas familiares de investimento pedagógico. Porém, sentimos falta, diante dos dados obtidos, de outras duas configurações posteriormente acrescentadas, a saber: a composição familiar e o investimento pessoal de cada mulher pesquisada, visto que são pessoas adultas que, em um determinado momento, investiram em suas vidas acadêmicas, afetando consideravelmente o espectro de suas vidas profissionais, pessoais, sociais e familiares.

#### **4.1. Comparando o incomparável**

Após a leitura e a releitura das singularidades de cada mulher pesquisada, nesta parte apresentamos bifurcações e entroncamentos observados nas respectivas trajetórias, sem, contudo, distanciá-los dos fatos ocorridos, pois, de acordo com Lahire (1997), pretende-se não fragmentar as informações, como recortes soltos, o autor nos propõe a elaboração descritiva as configurações familiares a partir de cinco vertentes: a forma da cultura escrita, as condições e disposições econômicas, a ordem moral doméstica, as formas de autoridade familiar e as formas de investimento pedagógico. Oposto a isso, o que se almeja neste estudo é realizar perfis de configurações complexas que mostrem o cruzamento das configurações familiares e escolares, uma vez que determinados comportamentos só se explicam se olharmos todo o cenário, ao invés de apenas uma parte dele. Além disso, sabe-se que essas tramas podem ser harmônicas ou não.

Por meio do conceito de disposições apresentado por Lahire (2004), é importante compreender os diferentes percursos escolares, pois, disposição seria uma maneira de ver, sentir, pensar, ajustado conforme as diferentes situações vivenciadas pelo atores sociais. Diante dos conceitos elaborados por Lahire (1997- 2004), apresentaremos a seguir as bifurcações e entroncamentos que surgiram diante das configurações familiares e as disposições proposta pelo autor, a saber: Infância e seus sentimentos; Instrução dos pais e avós; Autoridade familiar; Investimento pedagógico; Escola; Economia familiar; Cultura escrita; Lazer e socialização; Profissão e os temas das dissertações das mulheres pesquisadas.

## **Infância e seus sentimentos**

A infância das mulheres pesquisadas foi um período marcado principalmente pelas brincadeiras livres, realizadas ora no chão de casa ora na rua, em grande parte com as irmãs e as crianças da vizinhança.

No que concerne à habitação, nessa fase da infância das entrevistadas havia três modalidades de moradias: algumas alugadas; outra na qual os pais pagavam prestações relativas ao terreno financiado para posterior construção modesta realizada com as próprias mãos; e um terceiro tipo, a moradia própria. Além disso, há uma das meninas cuja residência não era fixa.

Quando se observa os sentimentos que permearam essas infâncias, deparamo-nos com momentos permeados pela troca de afetos e afagos, como também o sentir-se protegida e amada, algo que no geral fez parte da infância de quase todas elas. Na infância de Eva, os abraços e afagos não eram constantes, mas ela compreende que isso não significava ausência de amor, porque no contexto de sua vida, entende que tal sentimento era praticado por meio da liberdade e não um estado de “agarramento”. Mas, em outro relato, Elisângela revelou sentimento de abandono, às vezes, durante a infância, quando a atenção e os cuidados da mãe eram divididos entre os outros irmãos.

Conclui-se que os sentimentos narrados por cada uma relacionam-se a uma revelação individual sob a ótica das disposições familiares que vivenciaram. Para Lahire (1997), os comportamentos das crianças, seus traços de personalidade e de caráter não surgem em um vácuo de relações sociais, posto que são produtos dessas socializações, ou seja, o indivíduo vai se constituindo ao passo que ele afeta e é afetado por situações e relações. Cada traço que se atribui às crianças, quer seja por meio de comportamento, quer seja por meio das emoções, não é puramente só dela, mas corresponde mais ao que acontece entre ela e alguma outra coisa ou pessoa. Assim, desses encontros surgem os resultados, expressos de alguma maneira, por diferentes linguagens.

Quando observadas as celebrações relatadas na infância das meninas, verificam-se situações em que o aniversário e as festas natalinas foram vivenciados como um período de encantamento em decorrência de toda a preparação para tais eventos, isto é, a organização e as expectativas a serem

realizadas. Essa disposição social foi localizada em três dos cinco relatos, pois em outros dois relatos, há um distanciamento desse aspecto, porque não fazia parte dos costumes familiares tal celebração. Entretanto, isso não revela a ausência de qualquer outro tipo importante de socialização, quando, por exemplo, Eva menciona sobre as conversas com os amigos ao redor da fogueira comendo batata doce assada, ou quando Elisângela narra sobre as cantorias do pai na época de São João, quando vinham pessoas para assisti-lo tocar e cantar, alimentando-se do que dispunham naquele momento.

Em geral, identifica-se, portanto, que o ato de celebrar momentos distintos da vida adquire, para cada uma, um significado que em parte se aproxima do sentido de estar unido para se celebrar algo, mas que cada uma realizava à sua maneira, pois no rol das formas do celebrar existem várias e diferentes maneiras.

Sobre o aspecto da religiosidade, compreende-se como um gerenciador comportamental e de valores nos grupos familiares, sobretudo voltado à moral familiar. Um marcador importante em dois relatos diz respeito a uma religião que era vivenciada e praticada com regularidade, porém, quando as entrevistadas eram questionadas por outras pessoas se pertenciam ou não àquela religião, a resposta era negativa em razão do preconceito que poderiam sofrer. Como ocorre muitas vezes até hoje no Brasil, muitos ainda têm a necessidade de ocultar a real religião para não sofrer discriminação, inclusive na escola. Aliás, em um desses relatos, foi narrado o conflito que havia entre os pais de uma das meninas, por conta dos rituais praticados pela mãe e a descrença do pai. Em outros dois relatos, por outro lado, há uma harmonia em relação à religião que a família praticava, inclusive muita segurança relacionada ao caminho espiritual percorrido.

Ainda no que diz respeito a este aspecto, é interessante observar que em um dos relatos não se localiza o aspecto religião, justificado pela pesquisada como algo que não fazia parte do costume familiar. Porém, nota-se certa religiosidade presente neste ambiente doméstico quando se verifica a moral e os valores praticados, muitos deles oriundos ou relacionados a contextos religiosos.

## **Instrução dos pais e avós**

Quanto à instrução de pais e avós, constata-se a baixa ou inexistente escolarização por parte dos avós das pesquisadas, pois há casos de ausência plena do acesso ao processo de escolarização formal. Em parte, foram pessoas que nasceram, cresceram e viveram no interior da capital paulista, onde trabalhavam com a terra, eram roceiros, e foram educados de acordo com o que o contexto da época lhes permitia: os homens deveriam ser os únicos provedores a trabalhar fora de casa, ao passo que às mulheres competia-lhes os trabalhos com a casa e a educação dos filhos.

No entanto, este quadro começa a sofrer uma sutil alteração com a advento da próxima geração, os pais das mulheres pesquisadas, pois com eles inicia-se um processo de inclusão ou ascensão na escolarização deles, isto é, há mais democratização do acesso ao ensino público, de modo a possibilitar o vislumbre de outros modos de vida e novas oportunidades de trabalho e moradia. Em parte dos relatos, há pais graduados e que migraram para a capital, já em outros, há pais que cursaram, em parte ou completo, apenas o ensino fundamental.

Desse modo, identifica-se um avanço no conjunto das configurações que vão se constituindo, cada qual em sua singularidade, pois nesse ponto relacionado ao acesso à escola, nota-se o sucesso na vida dessas pessoas, porque houve avanços significativos que propiciaram novas disposições e contextos nos quais as mulheres pesquisadas nasceram e puderam ter à disposição delas novas experiências, diferentemente das oportunidades, ou a falta delas, de suas gerações passadas.

## **Autoridade familiar**

O exercício da autoridade familiar apresenta aspectos importantes para Lahire (1997, p. 27, 28), porque diferentes formas de exercício da autoridade familiar estão calcadas no autocontrole da criança, em sua interiorização das normas de comportamento. Quando essa autoridade familiar é ensinada desde cedo à criança, quando ela adentra a escola e logo se adapta às normas preexistentes, seguindo com naturalidade as regras escolares, todo esse

processo torna-se por vezes uma ação natural para ela. Por isso, é crucial o olhar e o cuidado nas formas e no tempo das disciplinas para alguns alunos, uma vez que eles podem estar recebendo diferentes ou opostos regimes disciplinares dentro e fora da escola.

No que diz respeito à categoria sobre a autoridade familiar, ao se analisar os cinco retratos sociológicos, verifica-se que em alguns deles esse aspecto é claramente definido, como também fica evidente quem exerce essa função em cada configuração familiar.

Em quase todos os relatos, a rotina familiar é bastante demarcada, em alguns casos sob uma rigidez com relação ao horário para as atividades. Assim, nota-se uma ordem e uma lógica que determinavam as ações e não cabia questionamento, em especial a preocupação em se estabelecer uma rotina, desde o acordar até o momento do banho e a hora de dormir. Dentro dessa ordem familiar, encontra-se o aspecto relacionado ao cuidado com os materiais escolares despendido pela mãe, por um lado, e a forma de retribuição exercida pela filha ao obter boas notas, por outro lado, pois era preciso se esforçar naquilo que era necessário melhorar, como a caligrafia, a dedicação aos estudos para não depender futuramente de homens e a obediência às regras domésticas, que também é transportado para o ambiente escolar.

Em outro relato, percebe-se um distanciamento deste primeiro, pois essa rotina fluía através do diálogo. A figura da mãe é bastante carregada dessa autoridade, já que, na maioria dos relatos, a figura materna é presente no dia a dia da criança. Localizamos também nesse mesmo relato uma disciplina velada exercida pelos pais quanto aos afazeres profissionais exercidos por uma das pesquisadas. Mais à frente, aliás, essa mesma entrevistada transporta essa vivência para as relações de autoridade na escola, pois, conforme relatou, ela sempre apresentou um comportamento disciplinado.

Por outro lado, observa-se, nos dois próximos relatos, há um distanciamento sobre a autoridade familiar. No primeiro, nota-se que a autoridade era exercida por meio da força física, culminando em agressão, em um ambiente onde os conflitos eram explícitos, mas as ocorrências não eram explicadas. Nestes casos, a ausência do fator monetário era o motivo central de brigas e discussões.

No segundo relato, por sua vez, não encontramos uma autoridade familiar expressa claramente, pois a mãe proporcionava e demonstrava à filha um espírito mais livre. Mesmo assim, as autoridades foram se constituindo, não exatamente pela figura materna, mas pelas vozes de seu entorno e pela necessidade desde muito nova em seguir as regras para manter-se nos empregos por onde passou.

### **Investimento Pedagógico**

Nos estudos de Lahire, o investimento pedagógico dá-se de algumas formas, a saber: pais que sacrificam seu tempo livre para acompanhar os filhos nas tarefas escolares; pais que aumentam a quantidade de tarefas encaminhadas pela escola; pais que sacrificam a vida pelos filhos, para que cheguem aonde eles desejariam ter chegado ou até para que saiam da condição sócio familiar em que vivem. De acordo com o sociólogo francês,

[...] o sacrifício parental pode ultrapassar muito o investimento pedagógico: esta atitude geral deverá deixar traços na organização da ordem moral doméstica e na maneira de gerir a situação econômica da família.

O investimento pedagógico pode tomar formas mais ou menos rigorosas e sistemáticas, mas pode, sobretudo, operar-se segundo modalidades mais ou menos adequadas, para atingir o objetivo visado. (LAHIRE, 1997, p. 29)

Ao se deparar com a expressão “investimento pedagógico”, de início associa-se o termo à questão financeira, isto é, àquilo que se pode proporcionar financeiramente ao filho, a fim de desabrochar ou aprimorar outras áreas do conhecimento. Sob esta perspectiva, este seria o modo mais claro de “investir”, de modo que no futuro isso traga algum tipo de retorno. Talvez isto não seja tão consciente assim para todos os pais, mas de alguma forma é o que subjetivamente se espera.

Na análise cuidadosa dos retratos, nesse ponto concluímos que todas as famílias fizeram, de algum modo, investimentos pedagógicos em suas filhas, conforme será exposto a seguir.

Encontramos o investimento pedagógico monetário nos seguintes casos: quando os pais matriculam a filha em cursos extracurriculares; quando os pais conseguem comprar a camiseta da escola para a filha usar e ela sente orgulho de pertencer àquele local; quando os pais compram livros de literatura, solicitados pela escola, que vão passar de um filho a outro, para que possam ler. Encontramos investimento pedagógico quando a mãe matricula a filha na melhor escola pública da cidade, mesmo sendo distante da moradia, porque entende que ali a criança terá melhores condições de estudo; encontramos investimento pedagógico – emocional quando a mãe lê todas as noites para a filha antes de dormir; quando aos finais de semana a mãe faz exercícios de reforço para aprimorar a lateralidade da criança, de modo a facilitar o aprendizado da filha na escola.

Outro ponto importante que ressaltamos quanto ao investimento pedagógico diz respeito à limpeza e à organização das casas. Desde a mais simples, cujo chão era de cimento, até a de família mais abastada, os cuidados com a limpeza, a organização e a alimentação proporcionaram às crianças o mesmo processo de organização interna, que certamente interfere e também se revela exteriormente para uma condição de organização do pensamento e das ideias, favorecendo o aprendizado em todos os sentidos.

Aliás, destaca-se, como algo muito positivo e elementar, o fato de que em todos os relatos houve a valorização da formação escolar praticada pelas famílias, sobretudo pelas mães, ou seja, o incentivo aos estudos e o respeito que as filhas deveriam ter pelo profissional atuante nos estabelecimentos de ensino, a/o professora/or, por onde as entrevistadas passaram.

Como foi possível observar, cada família fez seu investimento pedagógico dentro do entendimento, do conhecimento e da condição de que dispunham naquele momento, mas não podemos de forma alguma negligenciar esse fato, pelo contrário, isso foi um marco substancial na vida dessas crianças, pois o acesso à escola e o incentivo da família foram se constituindo ao longo da vida, de modo a resultar naquilo o que hoje essas mesmas mulheres se tornaram: professoras, mas também pesquisadoras em razão de cursarem o mestrado em educação, isto é, fazer um curso de pós-graduação *stricto sensu*.



## **Escola**

Ao observar os relatos das mulheres com relação ao ingresso no Ensino Fundamental e seus aspectos, localizamos no relato de Carla que esta é oriunda de uma família provida de maior capital social e escolar, pois estudou em instituição de ensino privado. Por outro lado, apresentou dificuldades de relacionamento pela timidez excessiva, chegando a não querer ir mais à escola.

Ao focarmos nos relatos de Cláudia, Elisângela, Eva e Laly, encontramos a informação de que todas frequentaram escolas públicas. As famílias de Cláudia, Eva e Laly são providas de capital social e escolar. Cláudia e Laly não apresentaram nenhum tipo de dificuldade escolar, porque havia uma consonância entre o ambiente familiar e o ambiente escolar. Com isso as famílias fizeram seus investimentos pedagógicos, mesmo no caso de Claudia, cujos pais tinham baixa escolaridade.

No caso de Eva e Elisângela, apresentaram dificuldades na escola, cada qual em sua singularidade: Elisângela, pelo fato de não ter tido acesso a nenhum contato prévio do que era um ambiente escolar; Eva, por ter frequentando várias escolas. Porém, de alguma forma sua mãe procurou suprir essa “inconstância” por meio dos reforços domésticos que oferecia à filha.

Ainda conforme Lahire (1997), há casos de famílias providas de capital escolar e social, mas a criança apresenta dificuldades no processo de escolarização. Ou também ocorre situação oposta, quando famílias são desprovidas de tais capitais e a criança é bem-sucedida em seu processo de escolarização. Essa informação confirma o que encontramos em nossa pesquisa, a ausência de tal capital nas famílias de Cláudia e Elisângela, onde os pais eram desprovidos do capital escolar e social.

## **Economia familiar**

Nos estudos de Lahire (1997) sobre a economia familiar, o autor afirma que é necessário dispor de condições econômicas de existência para que possa haver a cultura da escrita ou para que uma moral de esforço possa se originar e permanecer. Porém, existem situações que fragilizam essas circunstâncias, tais como: uma separação conjugal, a morte ou o desemprego, ou seja, fatos que

podem abalar uma estrutura familiar, como pudemos verificar no relato de Elisângela e Eva, quando seus respectivos pais se separaram. Desse modo, insegurança e/ou uma precariedade financeira passam a alterar uma projeção para o futuro, pois quando há uma estabilidade profissional, há também uma regularidade na rotina familiar, com horários e atividades, fato esse que não ocorria com Eva, de acordo com o relato dela.

Contudo, ter uma condição econômica de existência não é o suficiente, porque independente das condições financeiras é necessário habilitar-se intelectualmente para ter essa organização, é necessário saber fazer as contas das despesas e da receita para assim poder fazer as projeções futuras. Observa-se esse ponto destacado no relato de Cláudia, quando a mesma nos conta sobre a organização doméstica que sua mãe fazia: “ela sempre dava um jeitinho para tudo o que precisávamos”, quer fosse algum material escolar ou algum utensílio do vestuário.

No ambiente familiar de Elisângela, o pai era metalúrgico e pedreiro; já a mãe, vendedora de porta em porta. Eles eram muito pobres, mas não miseráveis, relata Elisângela. Neste caso, as questões mais urgentes eram voltadas à necessidade de alimentação e de moradia, quando seus pais compraram um terreno e se inicia a construção da casa. Entretanto, há o momento em que seus pais se separaram e a condição econômica declina, de modo a impelir Elisângela e seus irmãos a trabalharem de maneira informal.

Já no caso de Carla e Laly, as famílias eram mantidas tanto pelo emprego pai como o da mãe, e por isso havia uma estabilidade nas condições econômicas e financeiras.

### **Cultura escrita**

Observando a narração dos cinco relatos, constatam-se neles pontos relevantes quanto ao uso ou não da cultura escrita dentro do ambiente doméstico e familiar. Segundo Lahire, podemos considerar o vasto campo da escrita dentro dos ambientes familiares, tendo em foco a similaridade ou não das profissões, as diferenças e a frequência da prática no uso da escrita e da leitura, a diferença em suas modalidades, suas representações e as diferentes sociabilidades que

permeiam os textos escritos. O universo da cultura escrita é o ambiente escolar, e o que há de diferença entre esse universo escolar da escrita e a relação da escrita faz parte do universo das relações sociais dentro dos meios populares. (LAHIRE, 1997, p. 21).

No caso de Carla, seus pais eram graduados, professores, mas apesar da vida atribulada que levavam em razão das demandas profissionais, sua mãe a acompanhava diariamente nas tarefas escolares.

Quando Carla e a irmã foram cuidadas pela vizinha, havia também a manifestação da cultura escrita no momento em que passou a frequentar a igreja na companhia da mesma, pois aprendeu e decorou os cânticos, além de ter à sua disposição, em casa, os livros de trabalho dos pais. Além disso, havia também as leituras espíritas. Logo, nota-se o vínculo e o acesso à cultura escrita não somente no ambiente doméstico, mas para além dele também.

Por outro lado, no cenário familiar de Cláudia, a leitura não era uma rotina em casa até o momento em que ingressou no Ensino Fundamental. Mas quando ela inicia essa fase de escolarização, já conhecia as letras e sabia grafar seu próprio nome, graças a tudo o que a mãe lhe ensinou, evidenciado a importância que seus pais deram a essa questão. E mesmo com a disposição advinda de sua mãe, Cláudia apresentava certas características, como curiosidade e esforço, recordando das placas na rua e as tentativas em lê-las, contudo não era algo de que ela gostava. Mesmo assim, esforçava-se por fazer tais tarefas.

Já no ambiente familiar de Elisângela, havia uma configuração em que o ler e o escrever não faziam parte da rotina da casa. O primeiro ingresso escolar dela se dá com a entrada para o 1º ano, ou seja, as letras e as palavras não fizeram parte das disposições culturais relacionadas ao letramento proporcionado pela família, o que gerou período bastante desafiador para entrevistada, pela ausência na similaridade entre a cultura familiar e a cultura escolar.

Mas quando voltamos o olhar ao relato de Eva, encontra-se semelhança no aspecto financeiro ao da família de Elisângela e um distanciamento quanto à segurança de moradia, pois para Eva não havia essa rotina; porém, todas as

noites antes de Eva dormir, sua mãe lhe contava histórias, como já mencionamos.

Além do mais, desde pequena Eva apresentou a característica de ser “pé no chão”, algo oposto enquanto estava na companhia da mãe, mas essa “lacuna” não fez com que se afastasse de sua mãe, ao contrário, em vários trechos do relato nota-se que sua mãe foi e continua sendo o seu porto seguro, além de sempre ter incentivado a filha a estudar. Assim, a infância de Eva lhe permitiu outras vivências que por certo corroboraram com a sua chegada à universidade e ao mestrado.

No que se refere à Laly, quando ela ingressa na educação infantil, a então chamada pré-escola, já se encontrava alfabetizada, de modo que o primeiro ano foi para ela algo motivador e sem dificuldades, somado ao fato dela aprender brincando, pois o que estudava na escola tornava-se brincadeira com as irmãs. Ademais, a figura materna foi uma referência substancial para Laly, pois tudo o que perguntasse, sua mãe sempre tinha algo a dizer ou a mostrar.

Diante do relato de Laly, constata-se que a cultura escrita fez parte de sua rotina familiar, era naturalmente vivenciada nos diálogos entre seus pais, havia uma estabilidade financeira, emocional e afetiva. Sua mãe era quem propunha as brincadeiras, atividades, música e contação de estórias, tudo coletivo e pedagogicamente estruturado. Observa-se, portanto, uma similaridade de valores entre o espaço familiar e o espaço escolar.

### **Lazer e socialização**

Encontramos algumas equivalências nos relatos quando se olha para os momentos de lazer em família e entre amigos, mas há uma oposição quando observado o outro relato sobre os momentos de lazer.

Carla nos relata sobre as viagens em família realizadas no período de férias escolares para a casa da avó, localizada em Bady Bassit, interior de São Paulo, cidade natal de sua mãe. Não tinham o hábito de frequentar shoppings e, nas palavras de Carla, a família estava sempre junta, construindo uma base sólida e estável. Claudia, por sua vez, relembra os momentos de lazer no clube aos finais de semana, quando havia parentes e amigos que juntos

confraternizam: seu pai cuidava do churrasco, enquanto sua mãe preparava os outros alimentos. As brincadeiras no parquinho, os bailes de carnaval, os mergulhos na piscina e os aniversários que eram comemorados no clube são memórias vivas e alegres. Na época das férias de verão, seus pais alugavam um apartamento na praia e viajavam para lá.

Já o material linguístico coletado de Elisângela revela um certo distanciamento dos três relatos anteriores, pois, segundo ela, os momentos de lazer e passeios raramente fizeram parte de sua vida familiar. Ela rememora apenas duas festas ocorridas: uma patrocinada por ela e a outra por sua tia, isso, aliás, quando Elisângela já era adolescente e trabalhava. Contudo, lembra-se dos momentos de música, quando seu pai tocava violão e as pessoas vinham escutá-lo, bebiam e comiam o que havia naquele momento. Eram cantorias entorno da fogueira na época das festas cristãs, como serenatas.

Sobre a raridade de passeios na infância de Elisângela, sua mãe dizia que se não havia dinheiro para levar todos, então ninguém iria. Mas, certa vez, por insistência de Elisângela e o irmão Adriano, o pai acabou cedendo e levou somente os dois filhos a um parquinho. Nesse dia Elisângela teve a oportunidade de ver coisas diferentes do que estava acostumada, mas sentiu-se culpada porque queria que a família estivesse junta. Depois disso, a entrevistada concordou com o ensinamento da mãe: “se não podem ir todas, ninguém vai”.

Os momentos de lazer que fizeram parte da infância de Elisângela sobretudo na rua, com os irmãos e os vizinhos, pois havia crianças no entorno e muitos transeuntes na rua, já que era um local de muito movimento. Desse modo, jogavam bola, brincavam com bolinhas de gude, empinavam pipa e quando chovia brincavam de piscina nas poças que se formavam. Esses períodos de brincadeiras ao ar livre aconteciam quando sua mãe permitia, pois não era algo rotineiro.

Por vezes, quando nos referimos à viagem, a primeira ideia que vem à mente está relacionada a “um período de lazer”. Porém, para Eva, todas as viagens ocorridas em sua infância estão longe dessa primeira ideia, porque foram realizadas em companhia da mãe com o propósito de trabalho, aliado ao fato de sua mãe possuir como característica marcante a liberdade perante a vida, isto é, ir e vir sem regras ou qualquer outra condição estável com relação à

hospedagem e à alimentação. Relembremos a fala de Eva a este respeito: [...] *Por ser uma mulher de espírito livre, viajava muito comigo, com pouquíssimos recursos: ela vendia algo, pagava a passagem íamos embora. E ao chegar a uma nova cidade, “mangueava” até conseguir o suficiente para a estadia.[...]*. Tal concepção de vida certamente encontra ecos com a profissão que a mãe exercia, na esfera do campo artístico, em que a liberdade está no cerne do objeto a ser produzido por estes profissionais.

Em seu relato, Eva sublinha que fazia parte de uma família nada tradicional, de modo que passeios, presentes, Natal e religião não faziam parte de sua realidade, foram temas praticamente inexistentes em sua vida, porque não estavam disponíveis ou ao alcance das possibilidades ou dos costumes da família. Quando Eva e seus pais estavam juntos, a tradição era comer batata-doce assada na lareira e reunir-se com os amigos. Mas quando os pais estavam separados, viagens ou fugas era rotina.

Ao nos debruçarmos sobre o relato de Laly, verifica-se momentos de lazer que ocorriam durante as viagens na época do Natal e Ano Novo para Piacatu, cidade do interior de São Paulo, terra natal de sua mãe. Havia uma cultura local sobre os festejos do Ano Novo e através de seu relato observamos quão vivo isso inda está em sua memória.

### **Profissão e os temas das dissertações das mulheres pesquisadas**

Segue um quadro construído com o propósito de retomar alguns pontos e permitir uma melhor apreciação e construção de uma linha de pensamento.

Nela, há algumas características das entrevistadas, bem como o título da dissertação de cada uma delas.

#### **QUADRO 3 – PROFISSÕES E TEMAS**

<b>CARLA</b>			
Profissão Pai	Profissão Mãe	Profissão Carla	<b>Título da dissertação de mestrado:</b>
Professor da rede estadual	Professora da rede estadual	Professora da rede estadual	<i>BNCC: Como Professores do Ensino Fundamental II da rede do Estado de São Paulo estão trabalhando as</i>

			Habilidades Emocionais. Sócio
<b>CLÁUDIA</b>			
Profissão Pai	Profissão Mãe	Profissão Cláudia	<b>Título da dissertação de mestrado:</b>
Trabalhava na empresa Congás, no departamento do escritório – Atividades Administrativas.	Desempenhou afazeres domésticos e maternos.	Professora na rede municipal de São Paulo.	Jogos teatrais, arte na educação: vivências socioeducativas em sala de aula.
<b>ELISÂNGELA</b>			
Profissão Pai	Profissão Mãe	Profissão Elisângela	<b>Título da dissertação de mestrado:</b>
Metalúrgico e Pedreiro	Vendedora “de porta em porta”.	Professora na rede municipal de São Paulo	Prática pedagógica e espaço escolar: desafios e concepções.
<b>EVA</b>			
Profissão Pai	Profissão Mãe	Profissão Eva	<b>Título da dissertação de mestrado:</b>
Metalúrgico e Artista Plástico.	Professora de francês, artista plástica, estilista e poetisa.	Professora na rede privada.	A sala de aula em tempos de Comunicação Pós-Digital: Desconstruindo a “TV aberta” para o Analógico
<b>LALY</b>			
Profissão Pai	Profissão Mãe	Profissão Laly	<b>Título da dissertação de mestrado:</b>
Graduado em Estudos Sociais e membro de partido político.	Professora da rede estadual.	Professora na rede municipal de Santo André.	Gestão Democrática e Participação na Infância: Um estudo sobre a criança na Prefeitura de Santo André.

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora

#### QUADRO 4 - PONTOS SENSÍVEIS

Carla	Dificuldade de socialização no ambiente escolar, timidez, sobrepeso. Houve progresso quando uma professora compreendeu a sua timidez, colocando-a para sentar mais à frente, sem expô-la perante a sala, pois se referia a ela apenas no particular. Quando Carla ingressa na docência, sofre um choque de realidade devido ao contraste entre a sua vida e a de seus alunos, fazendo-a ponderar sobre como lidar com isso.
Cláudia	Filha de mãe rígida, autoritária e amorosa que valorizava os professores e pregava à filha: “Estude e trabalhe para não depender de homens”. Cláudia ingressa no magistério e aos 14 anos inicia sua carreira docente ao mesmo tempo em que participava do grupo de teatro. Sua mãe lhe ensinou a administrar o salário que recebia, e por isso começa a ser independente, pois o salário de Cláudia era integralmente seu.

Elisângela	Na infância, houve carência alimentar e desconexão entre o ambiente familiar e o escolar. Iniciou os estudos em uma escola exigente sem ter conhecido as letras, e por isso é realocada para a classe dos mais “fracos”, já que apresentava dificuldades de aprendizado. Sentia-se deslocada. Esse quadro se modifica quando ela é vista por uma professora, no segundo ano, que a chama para conversar e a partir daí sua vida escolar se altera significativamente.
Eva	Sob uma vida muito inconstante, inicia ao trabalho informal aos 10 anos e aos 13 ingressa como jovem aprendiz na Casa de Cultura. Sua mãe valoriza a arte, o estudo e a incentiva. Eva se distancia da escola e retoma anos mais tarde para concluir o Ensino Médio. Sofreu fragilidades durante o processo de reconhecimento de sua negritude. Sofreu bullying. Recebeu incentivo moral, afetivo e monetário ofertado por amigadas e professores.
Laly	Havia debates políticos entre os pais. Participava de atividades e brincadeiras pedagógicas aplicadas pela mãe. Cursou o magistério. O pai a impeliu a cursar Direito, mas sob discussão e negociação entre ela e ele, começa a cursar Fisioterapia. Com a falência paterna, ela não concluiu tal curso. Com isso, começou a trabalhar e com seu salário custeou o curso de Pedagogia no qual se formou.

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

Ao analisar as profissões dos pais, questionamo-nos o quanto de influência exerceram na escolha da profissão de suas filhas, pois em alguns casos havia inclusive uma certa previsibilidade para que a filha seguisse a profissão da mãe, a exemplo de Carla e Laly. Já nos outros casos, a escolha da profissão foi pautada pelos conceitos e ideais movidos por elas mesmas: Cláudia, Elisângela e Eva.

Neste aspecto, Lahire (1997) também pondera sobre a influência que os pais exercem sobre os filhos, sem que ao menos essas figuras paternas tenham consciência disso. Nos relatos em apreço, é nítida a influência de alguns pais de forma impactante, porém, também há a influência de professores e professoras que permearam o caminho dessas mulheres, quando elas eram pequenas crianças ingressantes do 1º ano do Ensino Fundamental. Apesar dos muitos desígnios em jogo na escolha de uma profissão, família e escola, como pudemos observar, são instâncias basilares que impactam em tais decisões. Porém, se por um lado a escolha advinda da experiência escolar é mais livre, por outro lado,



há a imposição da família no sentido de cercear e direcionar o caminho a ser percorrido profissionalmente.

Sabe-se que a respeito da arte de educar a criança, quando pequena ela aprende por meio do processo de imitação de um adulto. Na visão de Vygotsky (1982), o meio social é determinante no desenvolvimento humano e isso acontece fundamentalmente pela aprendizagem da linguagem, movida por imitação do adulto, o qual pode ser qualquer pessoa que exerça este papel. Na atualidade contemporânea, este adulto por vezes é representado muito mais pelas figuras do ambiente externo do que do ambiente familiar, dada a prematuridade com que as crianças estão ingressando no contexto escolar, como também o fato de os pais trabalharem fora de casa muitas horas por dia.

Dessa maneira, ao passo que caminham para o Ensino Fundamental, as crianças vão tecendo seu aprendizado de acordo com a relação estabelecida com a figura do professor ou da professora:

Há, pois, um grande número de situações nas quais a criança é levada a construir disposições, conhecimentos e habilidades em situações “organizadas” – não conscientemente – pelos adultos e sem que tenha havido verdadeiramente “transmissão” voluntária de um conhecimento (LAHIRE, 1997, p. 342).

No relato das mulheres pesquisadas, é possível notar esse fato acontecer quando Carla e Elisângela são “vistas” pelas professoras e estas se propõem a ajudá-las a superar seus desafios, seja a introspecção de Carla, seja as dificuldades de aprendizado de Elisângela. Assim, nota-se que o comprometimento de muitos professores com a qualidade do ensino e a aprendizagem de seus alunos extrapola o mero “ensinar o conteúdo”, mas se processa também pelas vias de ordem psicológica e social.

E, por fim, no que compete à temática que cada uma das entrevistadas escolheu para pesquisar e compor suas respectivas dissertações de mestrado, bem como o período em que houve a dedicação para aos estudos, o tempo da pesquisa e o desenvolvimento do árduo processo de escrita, percebe-se que a escolha de tais temas estão intimamente relacionados, de algum modo, com suas respectivas e singulares trajetórias de vida, pois nos parecem que esses temas emergem como as razões que visam solucionar dores e experiências

marcantes da infância de algumas delas, como também podem ser compreendidos como um processo de superação de suas trajetórias de vida.

No caso de Laly, tal superação é vista quando, depois de ter enfrentado a vontade pela carreira do Direito imposta pelo pai e após desistir do curso de fisioterapia que chegou a frequentar, finalmente consegue fazer o curso que ela mesma almeja e escolhe, a Pedagogia, financiado, aliás, com recursos próprios. Apesar da superação, nota-se como a chegada à carreira desejada, no caso do jovem brasileiro, é ainda tardia, porque dificultada sob diversos aspectos, sobretudo no que diz respeito ao fator financeiro e até o familiar.

Também se notam várias superações na trajetória de vida de Elisângela, que ingressou o Ensino Fundamental sem jamais ter conhecimento prévio sobre as letras, acarretando-lhe dificuldades no processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita. Contudo, o fato de uma certa professora ter cruzado o seu caminho possibilitou à estudante a criação de uma “ponte” entre elas, de modo a permitir que superasse essa fase e tomasse gosto pela leitura. Além disso, ressalte-se as dificuldades sócio familiares, quando logo após a morte de sua mãe seus irmãos, com as respectivas esposas e filhos, regressaram à moradia da mãe, para tomarem posse da parte que lhes cabia na propriedade. Com isso, Elisângela se vê sem espaço para dormir, mudando-se para o quartinho no meio do terreno, onde pernoitava e estudava, porque o uso do banheiro acontecia na casa do pai, que ficava mais ao fundo. Outro fator que ela relata como algo decisivo foi quando descobriu que ganhar dinheiro não seria a solução para todos os seus problemas, consciência que obtém quando se depara com a amorosidade com que é tratada por crianças com necessidades especiais.

Portanto, mais uma vez, assim como as outras entrevistadas, verifica-se a escalada de fatores por que passou para conseguir vislumbrar e conquistar seus sonhos e objetivos, deixando claro como o acesso à educação básica e especialmente ao ensino superior é cravado de inúmeros obstáculos por parte significativa da sociedade brasileira, desde a infância, passando pela adolescência e juventude, chegando à fase adulta.

Por fim, no exemplo de Eva, a superação passou, entre outros fatores, pelo reconhecimento de sua negritude na época da adolescência, algo que nem todos os negros do Brasil têm consciência ou passa por este processo devido ao

racismo estrutural presente na sociedade brasileira e ao processo de branqueamento pelo qual muitas crianças negras passam. Além disso, enxergamos a superação de Eva quando ela decide retomar e concluir o ensino médio, mediante a aceitação da ajuda proposta por um professor ao pagamento da taxa de inscrição para o vestibular, o qual ela presta e é aprovada como treine. Assim como em outro relato, vemos novamente o papel decisivo do professor, pois mesmo que a ação dele, neste caso, não fizesse parte da sua rotina profissional, sua ajuda e aposta no sucesso da estudante foram cruciais para que ela iniciasse uma nova trilha no caminho dos estudos.

Em resumo, vimos que foram diversos os obstáculos e as superações presentes nas trajetórias de vida das mulheres ora inquiridas, que muitas vezes inclusive deixaram seus filhos sob os cuidados de outras pessoas para que pudessem estudar, mas que superaram o sentimento de culpa por não poderem colocá-los para dormir, por exemplo. Apesar de tudo, essas mulheres encontraram razões para seguir adiante.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como mencionado no início desse trabalho, esta pesquisa se propôs a analisar a trajetória de escolarização de cinco professoras das camadas populares, a fim de identificar, a partir do retrato sociológico de cada uma delas, quais as razões que as levaram ao ingresso no curso de Mestrado Profissional, bem como os fatores que determinaram essa escolha.

Mapeando as trajetórias de escolarização e de vida de cada uma delas, buscou-se compreender os fatores que fizeram com que essas mulheres chegassem ao curso de mestrado, diante de suas trajetórias.

Escolhemos desenvolver a pesquisa a partir dos estudos de Lahire (1997) no que tange ao sucesso escolar nos meios populares. Quanto ao dispositivo metodológico aplicado a esta pesquisa, foram realizadas cinco entrevistas sobre as práticas, comportamentos, maneiras de ver, sentir, agir em diferentes domínios ou micro contextos diferentes, investigando temas relacionados ao percurso familiar, escolar e profissional de cada uma das pesquisadas, de modo a coletar e depois analisar quais os dispositivos e as disposições que favoreceram o sucesso delas, desde a vida escolar até a pós-graduação *stricto sensu*.

Desse modo, analisamos as categorias elaboradas por Lahire (2004) quanto às configurações familiares, a saber: a cultura familiar escrita; as condições e disposições econômicas; a ordem moral doméstica; as formas de autoridade familiar, as formas familiares de investimento pedagógico, considerando também a configuração de infância, instrução dos pais e avós, influência do caminho profissional dos pais como fator que determina o início da vida profissional de cada uma delas e, por fim, possíveis relações existentes entre o tema das dissertações que cada uma das entrevistadas escolheu e as suas respectivas trajetórias de vida.

Durante o processo de coleta do material linguístico e posterior análise dele, embora tenhamos identificado, entre nossas pesquisadas, grupos distintos de famílias, em linhas gerais observou-se a princípio um grupo com maior posse de capital econômico, cultural e social, representado pelas famílias de Carla e

Laly. Por outro lado, há outro que apresenta maior posse de capital econômico e social, o de Cláudia. Além disso, verificamos outra família com baixo capital econômico, cultural e social, que corresponde à família de Elisângela. Por fim, há uma família com baixo capital econômico, caracterizado por Eva.

A partir disso, dentre outras leituras, supomos que o baixo capital econômico e cultural foi um fator substancial que unificou as trajetórias destas mulheres, embora tenhamos vislumbramos pontos de aproximação e pontos de distanciamento entre os retratos sociológicos. cremos que essas mulheres, cujas famílias souberam administrar a economia doméstica ou superaram uma condição menos favorecida econômica, social e culturalmente tiveram, por meio desse contexto de superação, inculcadas disposições para a disciplina e a organização, culminando sobretudo na valorização do fator educacional como mecanismo indispensável à mudança de suas vidas e à conquista de seus objetivos.

Além do mais, somamos ao cenário familiar as disposições de autodeterminação escolar e de superação das mulheres pesquisadas, aspectos determinantes e que possivelmente nos explicaria a chegada delas não apenas ao ensino superior, mas inclusive à pós-graduação *stricto sensu*, ao mestrado profissional, com o ímpeto de uma possível convergência entre a melhoria das oportunidades de trabalho e a ascensão das condições econômicas, sociais e culturais dessas quatro professoras.

Apesar do exitoso resultado que cada uma obteve ao ser aprovadas no processo seletivo para o ingresso no mestrado, os retratos sociológicos permitiram uma leitura mais plural das trajetórias de vida de cada uma delas, dado o mosaico de singularidades que cada caminho traçado desenha, de modo a permitir uma análise mais conjectural de suas histórias de vidas. Dentre esses caminhos, destacam-se fatores preponderantes relacionados às dificuldades encontradas, tal como ocorre com tantas crianças, adolescentes, jovens e adultos brasileiros: a condição econômica excludente e socialmente desigual, as instabilidades das estruturas familiares, a falta de acesso a uma educação de qualidade, o racismo que opera e marginaliza parcela significativa da população brasileira, a pouca ou nenhuma escolarização dos pais de famílias mais pobres, a necessidade de ter de ingressar muito jovem ao mercado de trabalho para

sobreviver, tudo isso ainda somado ao fato de ser do gênero feminino, responsável muitas vezes pelo sustento da família, a organização da casa, a continuidade dos estudos e a educação dos filhos, como acontece com muitas mulheres da sociedade brasileira.

Por outro lado, as trajetórias dessas mulheres revelaram o quanto não basta apenas ter esforço e dedicação, pois vários outros fatores foram elementares para a construção de suas vidas, para as suas superações, para a escolha da profissão, bem como para a chegada a um nível de instrução conquistado por uma parcela mínima da sociedade brasileira, a pós-graduação *stricto sensu*.

Neste aspecto, dentre muitos outros fatores, as razões mais preponderantes para chegarem ao mestrado profissional, foram: o incentivo e o sacrifício operados pela família a fim de que os filhos estudem, a diferença que um professor mais humano e bem preparado faz na vida de um estudante com mais dificuldades, a garantia de uma infância plena e feliz, a insubmissão ao mero controle da carreira profissional que muitos pais exercem sobre os filhos, a aposta na independência financeira da mulher como meio para a garantia de sua plena liberdade, a perspectiva solidária e o compromisso com a formação humana e integral de todas as pessoas, sobretudo as mais excluídas socialmente.

Ao finalizar a produção dessa pesquisa e a redação deste trabalho, sentimo-nos contemplados com os resultados alcançados, pois a análise das trajetórias de vida das mulheres pesquisadas superaram em muito nossas expectativas, no sentido do que poderíamos encontrar diante das singularidades de cada uma delas, além da oportunidade e da experiência ímpares que o percurso traçado durante todo o itinerário do mestrado proporcionou. Retomando o que foi mencionado no início desta dissertação e embasado na proposta teórica dos autores utilizados, mostramos o quanto nossas trajetórias são resultados de condicionantes econômicos, culturais, sociais e também das ações de pessoas que formam um coletivo – mais ou menos racionalizado – e que nos dão as possibilidades para que possamos chegar nos lugares sociais que chegamos.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- \_\_\_\_\_; CHAMPAGNE, Patrick. **Excluídos do interior**. 1992
- \_\_\_\_\_; **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007a.
- \_\_\_\_\_; PASSERON, J.C. **A Reprodução** – Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.3 ed.
- \_\_\_\_\_. **Escritos da Educação**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- COSTA, Ana F., LOPES, Joaquim T.(coord) **Os estudantes e os seus Trajectos no Ensino Superior: Sucesso e insucesso, factores e processos, promoção de boas práticas**. Relatório Final, CIES-ISCTE, IS-FLUP. 2008. Disponível em: <http://etes.cies.iscte.pt/pub.html>, acesso em 20 de abril de 2020.
- FIGUEIREDO, Alice C. **Processos de integração e afiliação à vida académica de estudantes de camadas populares no contexto de expansão Universitária**, 2015. 175 fls. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais.
- LAHIRE, Bernard. Campo, contra-campo, fuera de campo. **Colección Pedagógica Universitaria**, Universidad Veracruzana: Instituto de Investigaciones en Educación, No. 37-38, jan.-jun./jul.-dez., 2002 . Disponível em: <[http://www.uv.mx/cpue/coleccion/No\\_3738\\_Coleccion.htm](http://www.uv.mx/cpue/coleccion/No_3738_Coleccion.htm)>. Acesso em: 17 jun 2020.
- \_\_\_\_\_. **Retratos sociológicos: Disposições e variações individuais**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- \_\_\_\_\_. **A cultura dos indivíduos**. Porto Alegre: Artmed, 2006 a.
- \_\_\_\_\_. **Sucesso escolar nos meios populares: As razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997.
- LIMA, Paulo Jr. MASSI, Luciana. **Retratos sociológicos: uma metodologia de investigação para a pesquisa em educação**. Cien. Educ, Bauru, v.21, n.3, p.559-574, 2015.
- NEVES, Rita A.; DAMIANI, Magda F. **Vygotsky e as teorias da aprendizagem**. UNIrevista – Vol.1, nº2:abril 2006
- NOGUEIRA, Maria A.; NOGUEIRA, Cláudio M.M. **A sociologia da Educação de Pierre Bourdieu**. Educação & Sociedade, n.78, p.15-36, abril 2002.
- NUNWEILER, Kely C. **Identidades docentes: reflexões sobre disposições, saberes e formação continuada**, 2019.156 fls. Dissertação de Mestrado. USP. São Paulo.

OLIVEIRA, Lúcia M.S. **As formas identitárias nos contextos de trabalho**: uma análise da profissionalidade docente, 2014. 268 fls. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PRADO, Gilvonete S. **O percurso de constituição de duas professoras de anos iniciais sob a perspectiva da intelectualidade docente: desafios e possibilidades**. 2016. 192 fls. Dissertação de Mestrado. Universidade Nove de Julho. São Paulo.

SEVERINO, Antônio J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Roberto C.S. **Universidade, Diversidade Social e Diploma de Licenciatura**: Estratégias de rentabilização do título por estudantes de Letras. 2011. 233 fls. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.

SUFICIER, Darbi M. **Retratos Sociológicos de Estudantes de Pedagogia**: o caso da FCL/AR, 2013. 103 fls. Dissertação de Mestrado. UNESP. Araraquara.

TEIXEIRA, Rosiley A. **Memórias de Escolarização e as Razões Improváveis de Sucesso Escolar**. In: Rosiley Aparecida Teixeira; Ligia de Carvalho Abões Vercelli. (Org.). Memórias de escolarização e as práticas de subjetivação dos sujeitos. 1ed.São Paulo: BT Acadêmica, 2014, v., p. 18-36.

TEIXEIRA, Rosiley A. BIOTO-CAVALCANTI, Patrícia A. **A experiência do mestrado profissional em gestão e práticas educacionais**: narrativas e resultados preliminares. 1. ed. São Paulo: BT Acadêmica, 2015. v.1.163p.

**UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO**  
<http://bibliotecatede.uninove.br/browse?type=program&order=ASC&rpp=20&value=Programa+de+Mestrado+em+Gest%C3%A3o+e+Pr%C3%A1ticas+Educacionais>, acesso em 27/06/2020.

VYGOTSKY, Levi S. **Obras Escogidas**: problemas de psicologia geral. Gráficas Rogar. Fuenlabrada. Madrid, 1982, 387 p.



**APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA**

Nome:

Idade:

Estado onde nasceu:

Estado onde mora:

Em que tipo de instituição estudou ( ) pública ( ) privada

Você é casada: Tem filhos ( ) sim ( ) não Quantos ( )

Idade:\_\_\_\_\_

Reside em moradia ( ) própria ( ) alugada ( ) cedida

Qual a sua renda familiar?

( ) até 1.100 ( ) de 1.101 a 1.750 ( ) de 1.751 a  
2.400

( ) de 2.401 a 3.050 ( ) de 3.051 a 3.700 ( ) de 3.701 a  
4.350

( ) de 4.351 a 5.800 ( ) de 5.801 a 8.650 ( ) acima de  
8.651

**PERCURSO FAMILIAR**

1-Onde você nasceu e viveu sua primeira infância?

2-Quando criança você morou com quem? Como era a sua relação com essa pessoa?

3-Você se sentia amada, esquecida, acolhida, requisitada, rejeitada, desprezada, problemática? Que impressões guarda sobre isso?

4-Conte sobre a trajetória de seu pai. (escolaridade, profissão, personalidade e aspectos sociais)

5-Conte sobre a trajetória de sua mãe. (escolaridade, profissão, personalidade e aspectos sociais)

6-Você tem irmãos? Qual a idade deles? Eles estudaram? Qual a profissão?

7-Seus pais são separados? Houve influência em seu percurso escolar? Psicologicamente como foi para você essa situação? Mudou sua situação econômica?

8-Qual era a renda familiar? Em que faixa você situaria sua família?

9-Qual era a profissão de seus avós maternos e paternos? Qual era o nível de instrução deles?

10-Sua família se esforçava, havia incentivo, participação e colaboração para que você estudasse?

11-Quem se interessava mais por questões relacionadas aos seus estudos, seu pai ou sua mãe? Como esse interesse era demonstrado?

### **PERCURSO ESCOLAR**

- 1- Você frequentou a Educação Infantil? Se, sim ( ) pública ( ) privada
- 2- Quais lembranças você tem desse período?
- 3- Como foi o ingresso no Ensino Fundamental? (relação com colegas e professores)
- 4- Como foi aprender a ler e a escrever?
- 5- Quais lembranças você tem dos primeiros anos do ensino fundamental? (relação com amigos e professores)
- 6- Como era sua rotina de estudos? (prazeroso, tenso)
- 7- Comente como foi no período da adolescência, como eram os estudos, rotina, amizades, relação com professores e professoras.
- 8- Como foi a ida para a graduação, foi uma escolha ou uma imposição? Quais fatores determinaram sua escolha de curso? Houve outras tentativas anteriores à essa?
- 9- Comente suas expectativas e frustrações durante a graduação com relação ao curso escolhido.
- 10-Em qual situação sentiu mais facilidade e mais dificuldade no período da graduação?
- 11- Como era dividido seu tempo para estudo? Fazia outras atividades remuneradas ou não?

### **PERCURSO PROFISSIONAL**

- 1- Quando e onde começou a trabalhar?
- 2- Como foi o início da docência e onde?

- 3- Quando ingressou na rede pública?
- 4- Você entende como a docência? Missão, dom, ofício?
- 5- Hoje como é sua jornada de trabalho?
- 6- Mudaria de profissão? Se, sim, qual seria a nova escolha?
- 7- Suas expectativas profissionais foram ou são atendidas? Poderia comentar?
- 8- Considera sua condição intelectual de trabalho adequada? É possível alterar? Como?
- 9- O que a moveu para o ingresso no mestrado?
- 10- Como foi ou está sendo essa experiência?
- 11- Ele atingiu ou está atingindo seus objetivos?
- 12- Comente algo que considera relevante quanto a sua profissão e ao percurso até o mestrado.

## APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Patrícia Angélica Ferreira, estudante do Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE) pela Universidade Nove de Julho (Uninove), estou realizando uma pesquisa sobre Professoras da rede pública que chegaram à Pós-Graduação, sob a orientação da Profa. Dra. Rosiley Ap. Teixeira.

Essa pesquisa tem como objetivo compreender quais fatores a levaram para a escolha da docência, por que se tornou professora e como foi o ingresso na Universidade para realizar a Pós-Graduação - Mestrado. Para isso, gostaria que você participasse dessa pesquisa, do qual me comprometo a respeitar seu direito quanto à:

- 1 – Liberdade de participar ou não do processo de estudo;
- 2 – Ter seu nome em sigilo absoluto;
- 3 – Caso sinta-se incomodada, podendo interromper sua participação na pesquisa;
- 4 – Responder as questões da entrevista levantadas pela pesquisadora em local previamente marcado, com data e horário que sejam adequados a sua rotina;
- 5 – Caso haja alguma dúvida, garantia de que receberá uma resposta durante ou após a entrevista.

Esclareço ainda que as informações da pesquisa serão utilizadas somente para fins acadêmicos/científicos e que não haverá nenhum tipo de remuneração por tal participação.

Este Termo de Consentimento será emitido em duas vias, sendo que uma via pertence à pesquisadora e a outra via será entregue à participante da pesquisa.

Deixo registrado meu endereço eletrônico de correspondência: [patriciaangelicaferreira@gmail.com](mailto:patriciaangelicaferreira@gmail.com), para que possa tirar suas dúvidas ou esclarecimentos sobre o estudo da pesquisa e sua participação.

Grata pela atenção.

---

Pesquisadora: Patrícia Angélica Ferreira

Declaro que, após convenientemente esclarecido pela pesquisadora e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do referido Projeto de Pesquisa.

São Paulo, 03 de abril de 2020.

---

Nome e Assinatura